Foto por: Ana Carolina Fernandes

COMPARTILHANDO MUNDOS

CONAQ - PARÁ

PESQUISA JUNTO A COMUNIDADES QUILOMBOLAS

RELATÓRIO FINAL DE PESQUISA

Foto por: Ana Carolina Fernandes

Resumo

Apresentação

Quem somos

Nossa infraestrutura

Nosso trabalho

Nossos direitos e cidadania

COMPARTILHANDO MUNDOS

CONAQ - PARÁ

PESQUISA JUNTO A COMUNIDADES QUILOMBOLAS

RELATÓRIO FINAL DE PESQUISA

Foto por: Ana Carolina Fernandes

APRESENTAÇÃO

REALIZAÇÃO

Projetos Sociais Ecam

Google Earth Outreach

CONAQ

USAID DO POVO DOS ESTADOS UNIDOS

REALIZAÇÃO TÉCNICA

IBPAD INSTITUTO BRASILEIRO DE PESQUISA E ANÁLISE DE DADOS

APRESENTAÇÃO

As comunidades quilombolas do Pará são marcadas por processos de mudanças ambientais e conflitos pela defesa de seus territórios. A relação destas comunidades com a natureza é muito forte, pois é dela que tiram sua subsistência. No entanto, relatam sofrer as consequências de atividades agrícolas, extrativismo, mineração madeireiras, construção de hidrelétricas e linhas de transmissão que degradam o meio ambiente e contaminam o solo e os lençóis freáticos.

As comunidades guardam especificidades a depender da região onde estão localizadas. Por exemplo, existem comunidades ribeirinhas onde o acesso é bem mais complicado do que aquelas que estão situadas em terra firme. Também, durante as discussões, os/as quilombolas mencionavam suas comunidades no contexto da regional a qual pertencem.

Para eles, ser quilombola é:

"É nunca esquecer suas origens".

"Não é ser descendente de escravos, é ser descendente de pessoas que foram escravizadas".

"Pertencimento".

"É preservar a cultura e manter vivos os valores de uma identidade, manter viva a cultura dos nossos ancestrais e, principalmente, resistir a todo tipo de opressão".

Para as comunidades, Quilombo significa:

"Organização social e política".

"Lugar de refúgio e resistência".

"Local para onde os negros escravizados fugiam, se organizavam e faziam suas manifestações culturais e familiares. Hoje estamos nos auto reconhecendo por meio das informações dos nossos antepassados".

"É o local de resistência de um povo para preservar sua cultura, sua identidade e seus costumes".

APRESENTAÇÃO

Durante a oficina, as associações representativas das comunidades apresentaram os dados sobre a quantidade de famílias e a área do território, mostradas na tabela abaixo:

Regional	Território	Comunidades	Nº de Famílias (Fonte: Associações Quilombolas)	Área (Hectares) Fonte: INCRA/ITERPA/Associação/Cursistas
Marajó	São José da Povoação	São José da Povoação do Rio Mutuacá	106	Sem informação
Guajarina I	Piratuba	Piratuba	300	995,13
	África	África	90	1108,13
	Laranjituba	Laranjituba		
	Sumaúma	Sumaúma	7	213,00
	Moju-Miri	Moju-Miri	62	878,64
	Alto Itacuruca, Baixo Itacuruca, Bom Remédio (ARQUIA)	Arapapuzinho	84	9698,17
		Alto Itacuruça	300	
		Baixo Itacuruça	140	
		Tauerá-Açu	240	
		Acaraqui	300	
		Arapapu	60	
		Rio Ipanema	50	
	Ribeira do Jambuaçu	Ribeira do Jambuaçu	65	1309,91
	Santana do Baixo Jambuaçu	Santana do Baixo Jambuaçu	60	1549,48
	Ramal do Cupuaçu	Ramal do Cupuaçu	60	135,00
	Sítio Bosque	Sítio Bosque	62	1094,00
	Santa Luzia do Traquateua	Santa Luzia do Traquateua	35	341,95
	Nossa Senhora Conceição do Igarapé Mirandeua	Nossa Senhora Conceição do Igarapé Mirandeua	300	2398,13

APRESENTAÇÃO

Regional	Território	Comunidades	Nº de Famílias (Fonte: Associações Quilombolas)	Área (Hectares) Fonte: INCRA/ITERPA/Associação/Cursistas
Guajarina I	Centro Ouro, Nossa Senhora das Graças	São Bernadino	50	5297,76
		Centro Ouro	40	
		Nossa Senhora das Graças	60	
	Espírito Santo/Cacoal	Espírito Santo	20	1300,00
		Cacoal	25	
	Jacunday	Jacunday	80	1711,94
	Santa Maria do Mirindeua	Santa Maria do Mirindeua	80	1815,97
	Poacê	Poacê	80	3879,00
	São Sebastião	São Sebastião	66	951,78
	Gibrié São Lourenço	Gibrié São Lourenço	90	398,05
	Juquiri	Juquiri	80	1000,00
Tocantina	Bracinho do Icatu	Bracinho do Icatu	50	2735,00
	São José do Icatu	São José do Icatu	106	1802,79
	Tambaí-Açu	Tambaí-Açu	150	1824,85
	Uxizal	Uxizal	400	15073,24
	Vizânia	Vizânia		
	Igarapé Arirá	Igarapé Arirá	55	0,50
	Mupi Torrão	Mupi Torrão	365	7888,00

APRESENTAÇÃO

Regional	Território	Comunidades	Nº de Famílias (Fonte: Associações Quilombolas)	Área (Hectares) Fonte: INCRA/ITERPA/Associação/Cursistas
Guajarina II	Itabocal Ponte	Itabocal	80	4431,00
	Guajará	Guajará	162	992,45
	São Sebastião do Genipauba	São Sebastião	300	1900,00
		Livramento		
		Baltazar		
		Santa Maria		
	Itacoã Mirim	Itacoã Mirim	180	967,69
Nordeste Paraense	Santa Rita de Barreiras	Santa Rita de Barreiras	70	363,19
	Espírito Santo do Ita	Espírito Santo do Ita	33	990,00
	Bandeira Branca	Bandeira Branca	40	317,00
	Pitimandeua	Pitimandeua	150	1002,00
	Macapazinho	Macapazinho	70	93,04
	São Pedro	São Pedro	50	891,00
	Jacarequara de Santa Isabel	Jacarequara de Santa Isabel	40	2144,00
	Jacarequara de Santa Luzia	Jacarequara de Santa Luzia	55	1171,00
	Muruteuazinho	Muruteuazinho	40	627,97
	Boa Vista do Ita	Boa Vista do Ita	56	19,00

APLICAÇÃO NO PARÁ

COMPARTILHANDO MUNDOS

A pesquisa feita com comunidades quilombolas faz parte do Programa Novas Tecnologias e Povos Tradicionais e Programa Compartilhando Mundos (parceria entre Ecam, Conaq, Google Earth Outreach e Usaid), que se realizou em quatro etapas:

Na primeira, foram feitas capacitações em algumas ferramentas, como ODK - *Open Data Kit* (que permite a coleta de dados em pesquisas socioeconômicas) e Google Earth (que viabiliza o mapeamento pela própria comunidade de seu território).

A segunda etapa do projeto foi a coleta de dados, por meio do ODK e Google Earth, feita pelos jovens capacitados no Programa Novas Tecnologias e Povos Tradicionais.

Os/as jovens coletaram dados de 55 comunidades quilombolas. Os resultados deste relatório são apresentados por Regionais conforme divisão das comunidades, por conta da grande extensão territorial do Estado do Pará. As Regionais aqui representadas são: Guajarina I, Guajarina II, Marajó, Nordeste Paraense, e Tocantina.

A terceira etapa consistiu na análise dos dados e elaboração deste relatório de pesquisa, que foi construído e validado pelas comunidades quilombolas participantes da pesquisa socioeconômica.

Como próximo passo, espera-se que o material seja útil para as comunidades e movimento quilombola para reivindicação de direitos e construção de ações estratégicas.

TREINAMENTO FERRAMENTAS

APLICAÇÃO

ANÁLISE DE DADOS E RELATÓRIO

DIVULGAÇÃO

APLICAÇÃO NO PARÁ

COMPARTILHANDO MUNDOS

A pesquisa foi realizada entre julho de 2018 e outubro de 2019. Os aplicadores, quilombolas moradores das comunidades, recolheram respostas de 1.261 casas, resultando em dados de 5.034 quilombolas.

A análise dos dados parte da interpretação da própria comunidade sobre os resultados. Entre os dias 6, 7 e 8 de dezembro de 2019, representantes das comunidades se reuniram para discutir os resultados de cada bloco deste relatório.

TREINAMENTO FERRAMENTAS

APLICAÇÃO

ANÁLISE DE DADOS E RELATÓRIO

DIVULGAÇÃO

OBJETIVOS DA PEQUISA

A análise de dados da pesquisa surge a partir de quatro principais objetivos:

POLÍTICAS PÚBLICAS

Fornecer insumos para construção de políticas públicas voltadas para a realidade quilombola a partir de dados mais próximos ao cotidiano dos moradores. Além disso, possibilidade de contraposição a dados oficiais construídos sem adaptação à vida quilombola.

REDES

Estabelecer laços de proximidade entre diferentes comunidades quilombolas, seja em nível de território, município, estado ou país.

HISTÓRIA

Registro da história quilombola, tendo a voz quilombola como protagonista e manutenção do registro da realidade atual das comunidades pesquisadas.

TRADUÇÃO

Apresentar a vida quilombola a partir dos próprios conceitos e da linguagem comum ao cotidiano no quilombo. Tal tradução permite identificar as singularidades da vida quilombola em relação a outros contextos sociais.

Foto por: Nathalia Purificação

QUEM SOMOS

REALIZAÇÃO

REALIZAÇÃO TÉCNICA

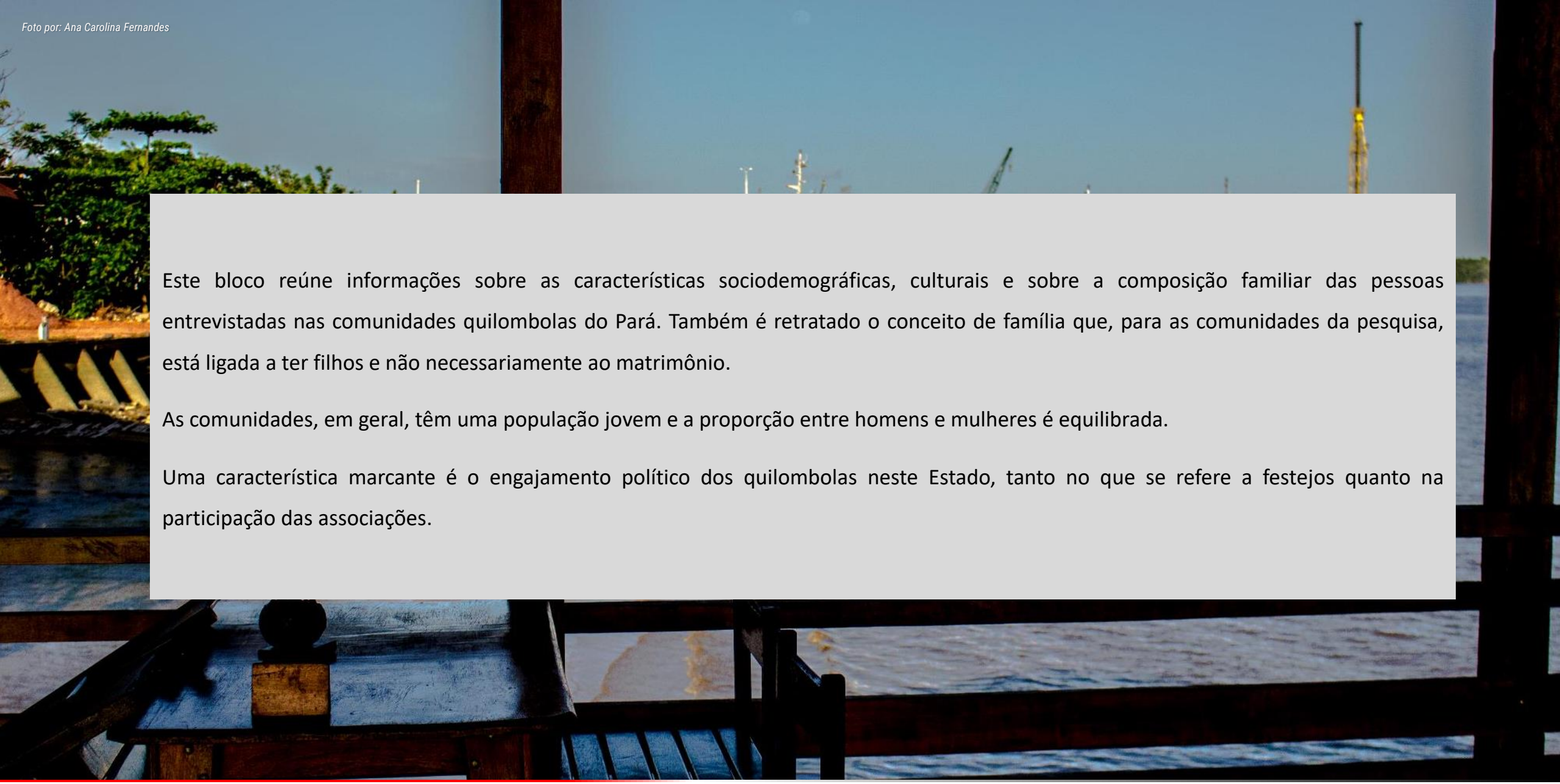


Foto por: Ana Carolina Fernandes

Este bloco reúne informações sobre as características sociodemográficas, culturais e sobre a composição familiar das pessoas entrevistadas nas comunidades quilombolas do Pará. Também é retratado o conceito de família que, para as comunidades da pesquisa, está ligada a ter filhos e não necessariamente ao matrimônio.

As comunidades, em geral, têm uma população jovem e a proporção entre homens e mulheres é equilibrada.

Uma característica marcante é o engajamento político dos quilombolas neste Estado, tanto no que se refere a festejos quanto na participação das associações.

REALIZAÇÃO Projetos Sociais Ecam Google Earth Outreach CONAQ USAID DO POVO DOS ESTADOS UNIDOS

REALIZAÇÃO TÉCNICA IPD INSTITUTO BRASILEIRO DE PESQUISA E ANÁLISE DE DADOS

AS COMUNIDADES

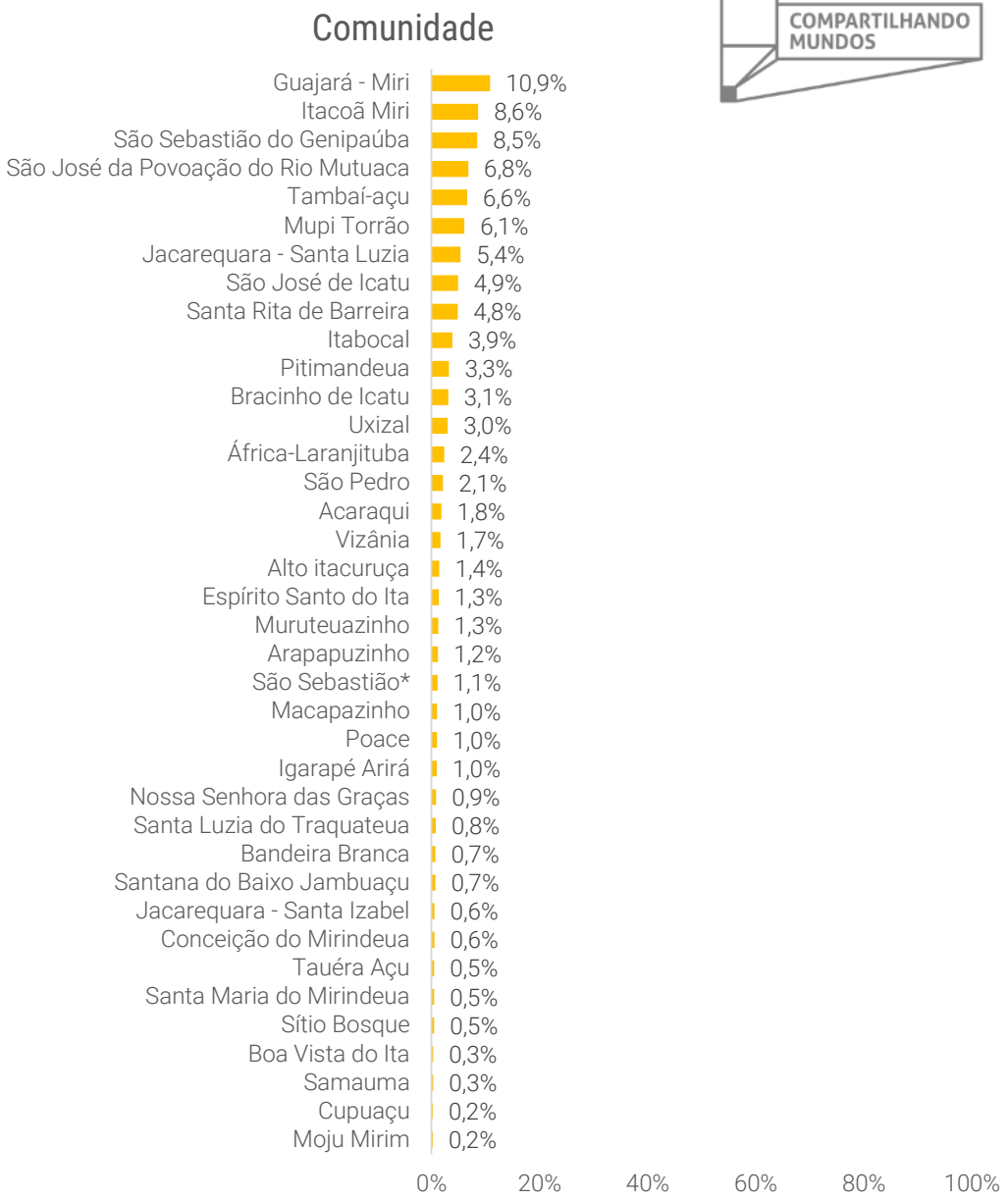
Durante oficina de análise de dados, algumas respostas da pesquisa foram divididas por regionais e não por comunidades. Isso facilitou a visualização dos dados e estava de acordo com a disposição territorial a qual os quilombolas estão familiarizados.

Um exemplo dessa situação é quanto a proporção de respondentes da pesquisa em relação ao tamanho real das comunidades: na regional Guajarina I, a comunidade África obteve maior número de respostas, embora não seja a maior comunidade. Os quilombolas afirmaram que África apareceu em primeiro lugar provavelmente porque foi unificada com Laranjituba e porque teve maior adesão de entrevistados durante a pesquisa. Piratuba seria então a maior comunidade, mas não fez parte do levantamento por questões de acessibilidade (vale ressaltar que os levantamentos foram feitos durante a época de chuvas).

Na regional Guajarina II, Itacoã é a maior comunidade, mas a comunidade de Guajará-Miri registrou o maior número de casas entrevistadas. Os moradores da regional sugeriram unificar os dados de São Sebastião, Livramento, Santa Maria e Baltazar, pois fazem parte do mesmo território que é São Sebastião do Genipaúba.

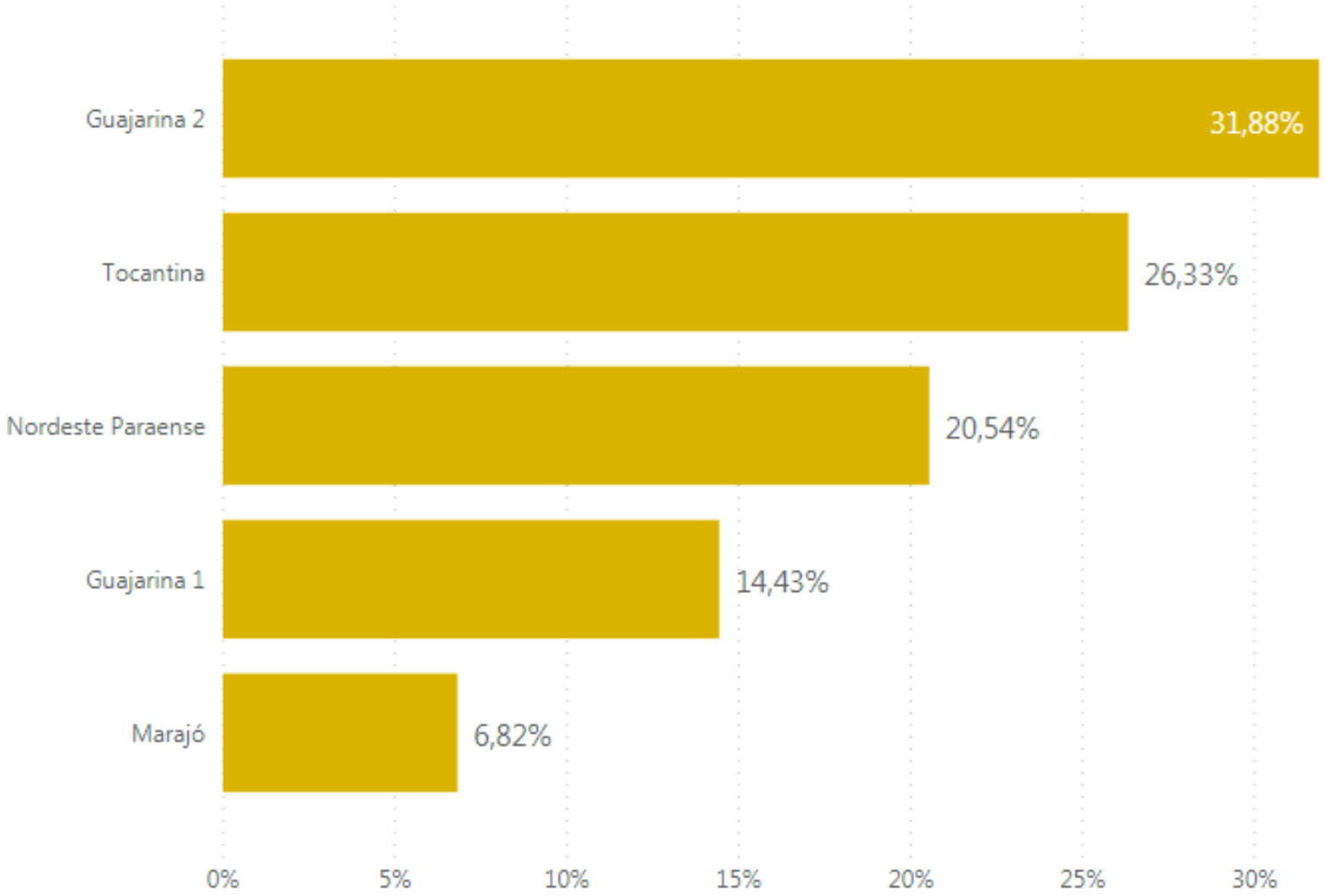
Na regional Nordeste Paraense, Jacarequara – Santa Luzia foi a comunidade com maior número de respondentes e também é a maior comunidade em número de famílias. Na regional Tocantina, embora Tambaí-açu tenha aparecido em primeiro lugar, Mupi Torrão é a maior comunidade. Já a regional Marajó totaliza 17 comunidades, mas somente na comunidade São José da Povoação foi feito o levantamento de dados.

Importante ressaltar que houve uma discrepância significativa entre o número de pessoas entrevistadas durante a pesquisa e o número real de pessoas que habitam as comunidades, sendo portanto uma análise de amostragem.

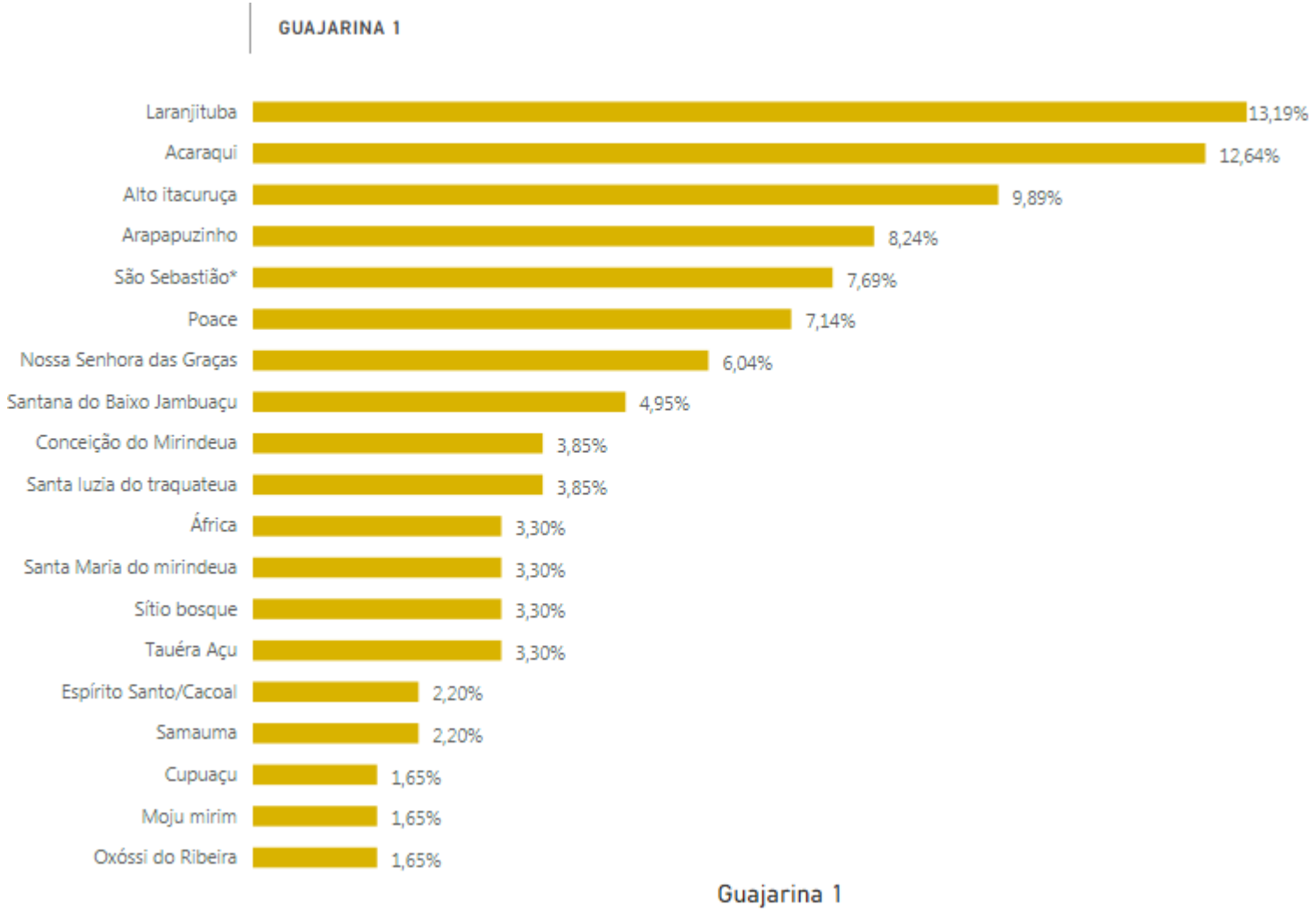


As porcentagens fazem referência a 1.261 residências entrevistadas

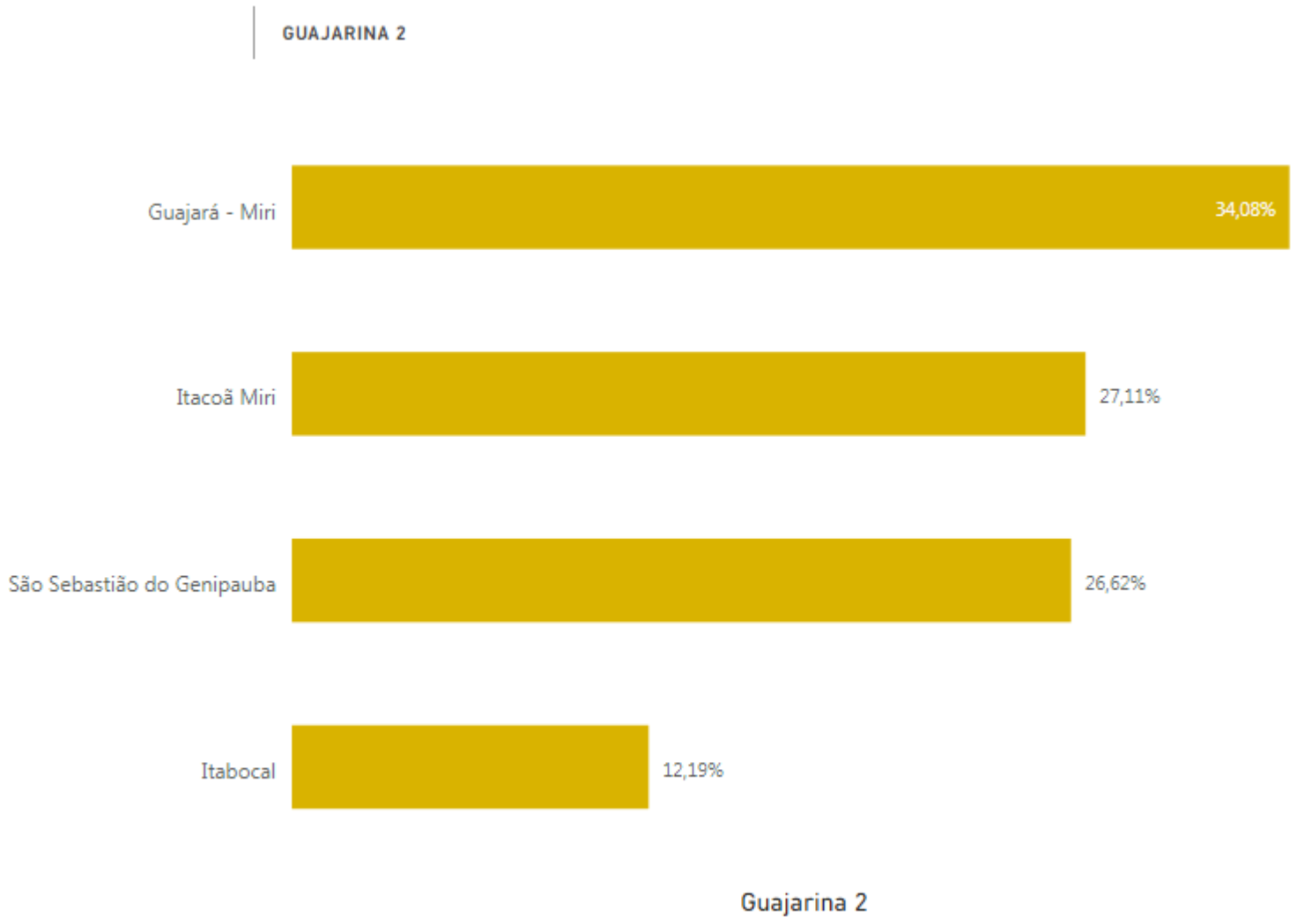
COMUNIDADES - REGIONAIS



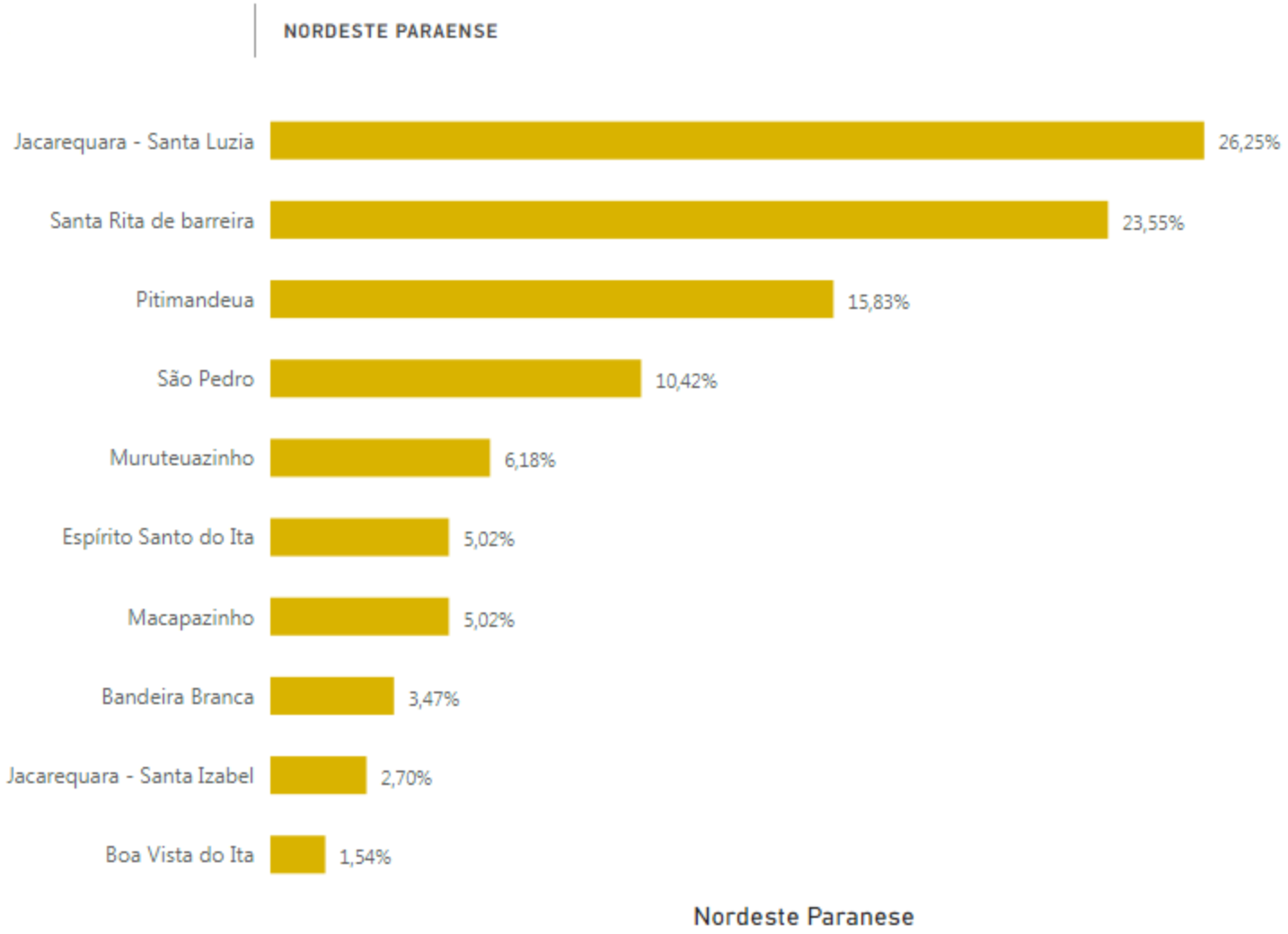
COMUNIDADES – REGIONAL GUAJARINA I



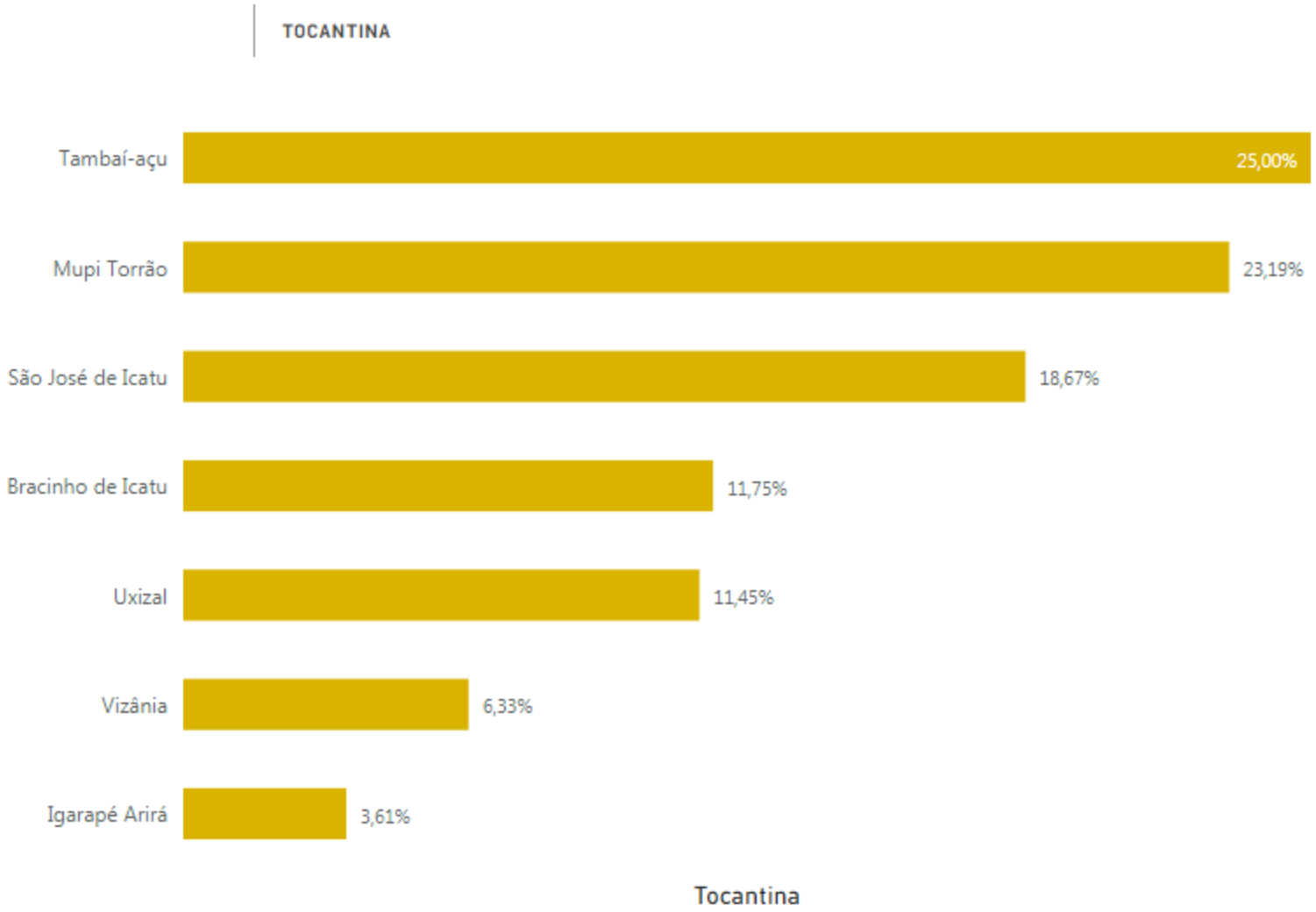
COMUNIDADES – REGIONAL GUAJARINA II



COMUNIDADES – REGIONAL NORDESTE PARAENSE

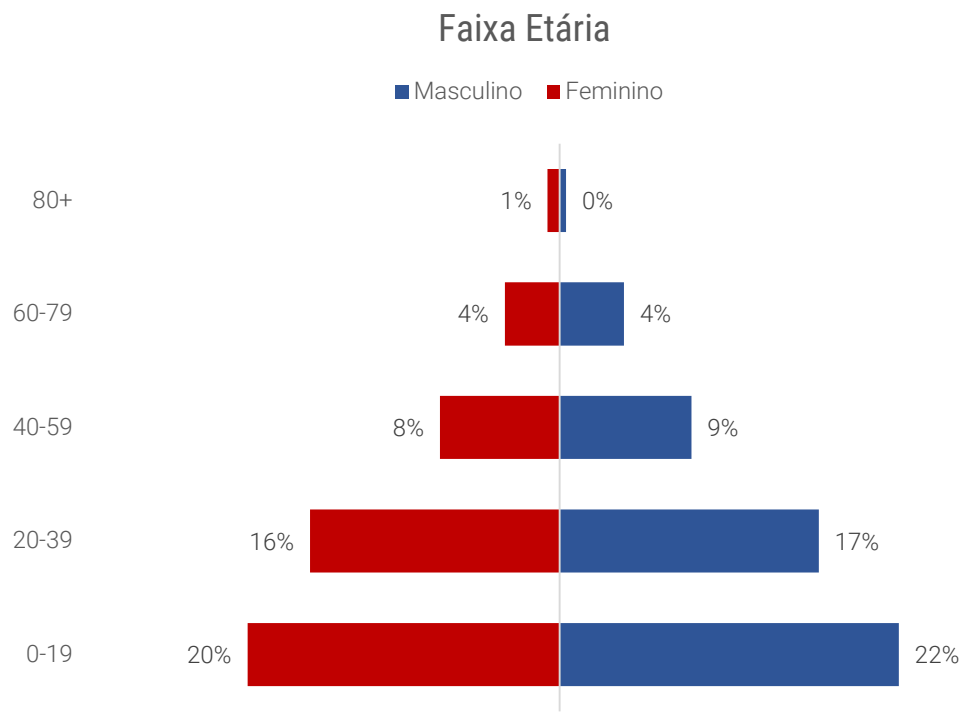


COMUNIDADES – REGIONAL TOCANTINA



COMUNIDADE – REGIONAL MARAJÓ

PIRÂMIDE ETÁRIA



*Dentre os 5.034 indivíduos entrevistados, 46 não responderam a pergunta.

Em geral, a maior parte da população quilombola se concentra na base da pirâmide, ou seja, há predominância dos mais jovens e dos adultos até 39 anos em relação às demais faixas etárias.

As porcentagens fazem referência a 5.034 indivíduos entrevistados

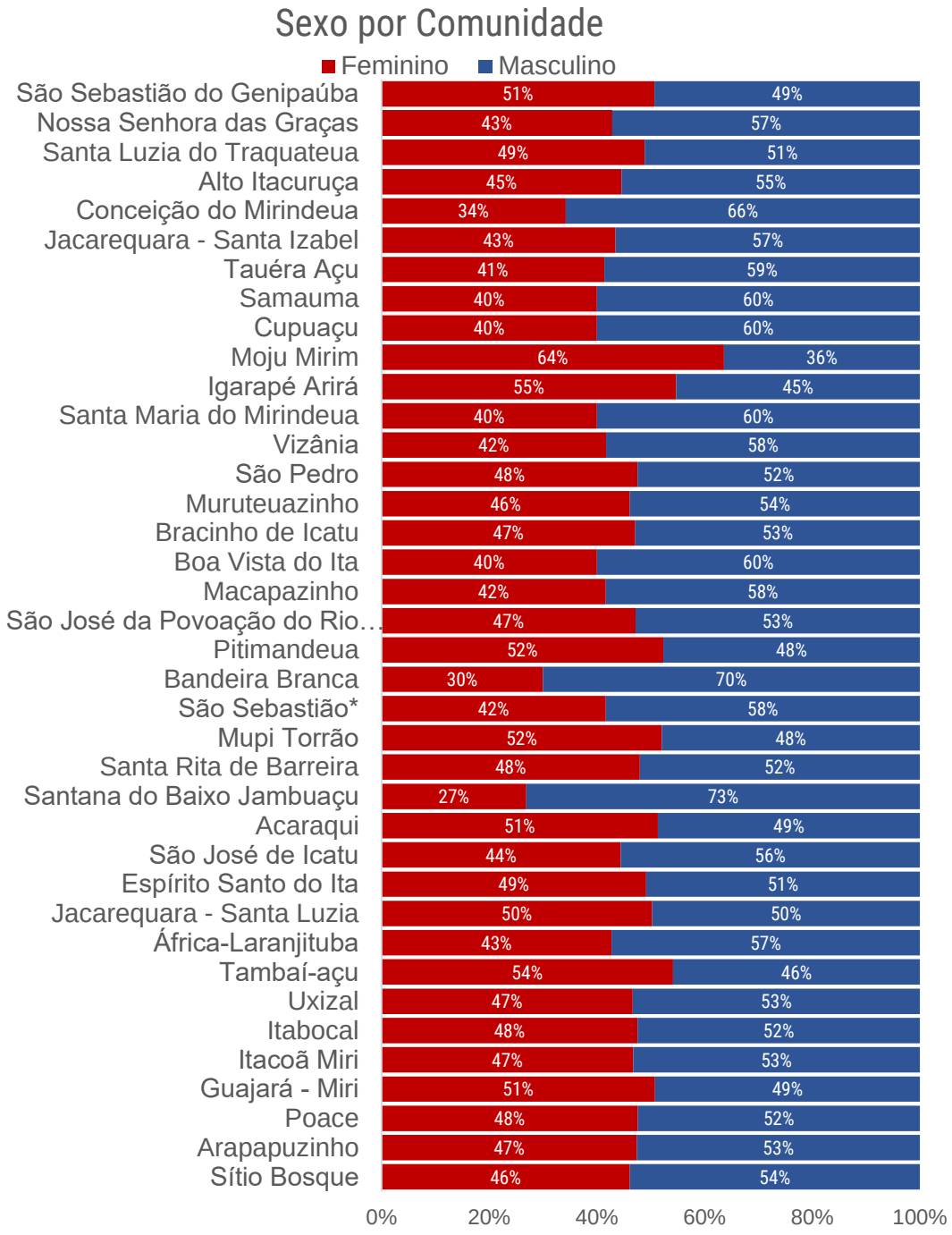
SEXO POR COMUNIDADE

Moju Mirim é a comunidade com maior proporção de mulheres em relação aos homens. Já a comunidade Santana do Baixo Jambuaçu apresenta o cenário contrário. Ambas fazem parte da regional Guajarina I, que, em geral, possui mais homens do que mulheres.

Nas comunidades de Guajarina II, Tocantina e Marajó, há um equilíbrio na proporção entre homens e mulheres.

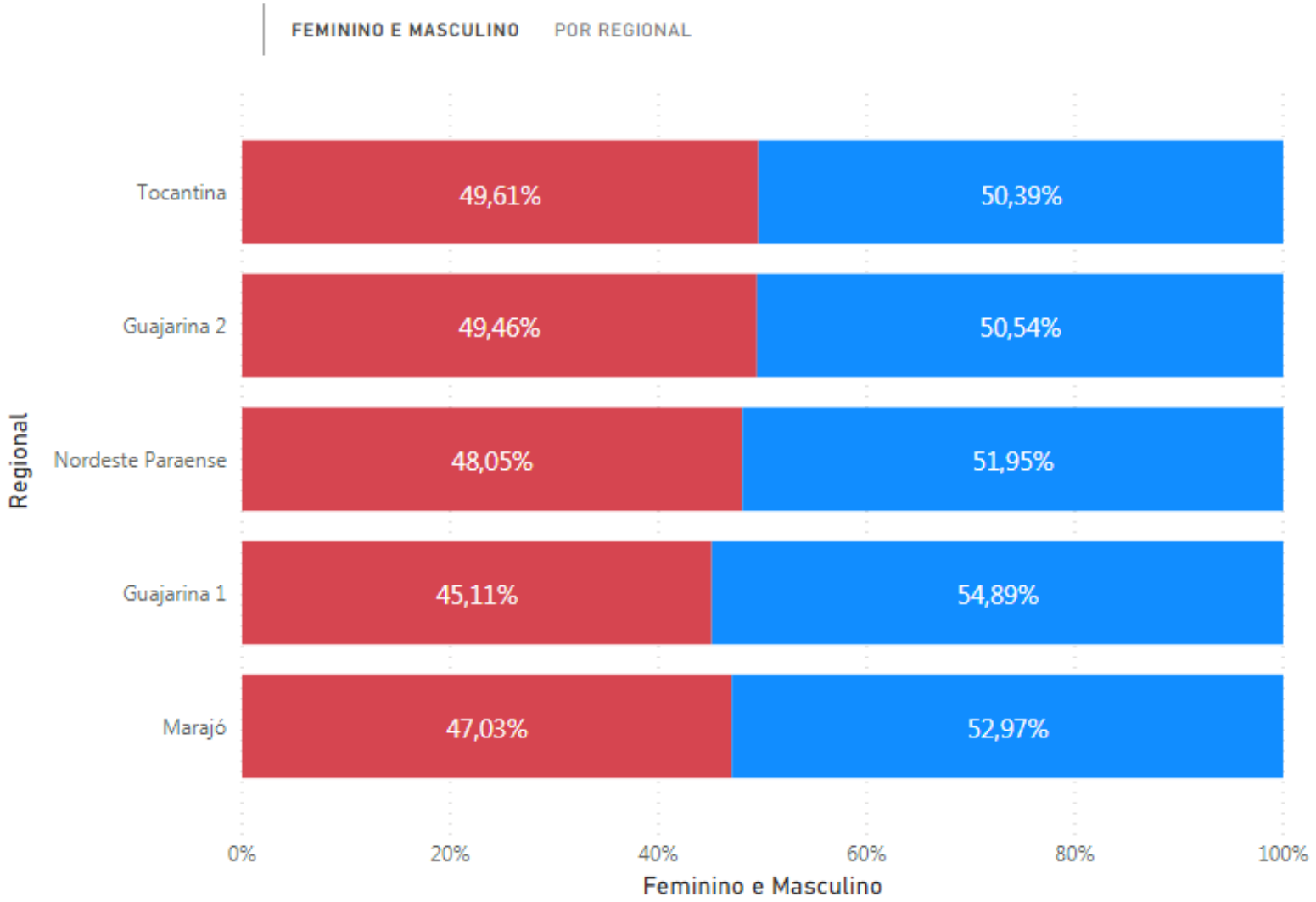
Já nas comunidades de Nordeste Paraense, em geral, há mais homens do que mulheres, com destaque para a comunidade Bandeira Branca no levantamento, com 70% de homens frente a 30% de mulheres.

*Dentre os 5.034 indivíduos entrevistados, 79 não responderam a pergunta.

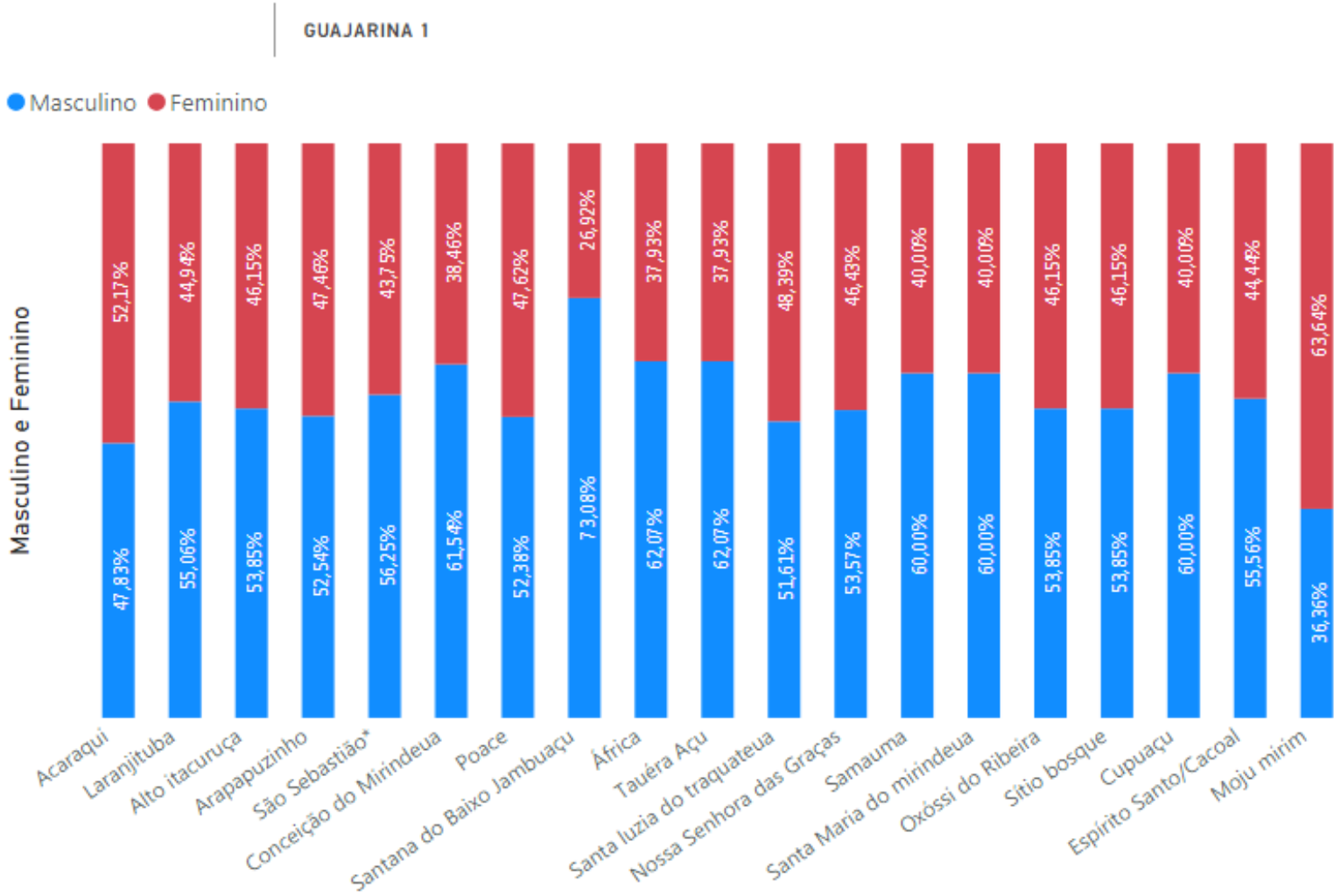


As porcentagens fazem referência a 5.034 indivíduos entrevistados

SEXO - REGIONAIS

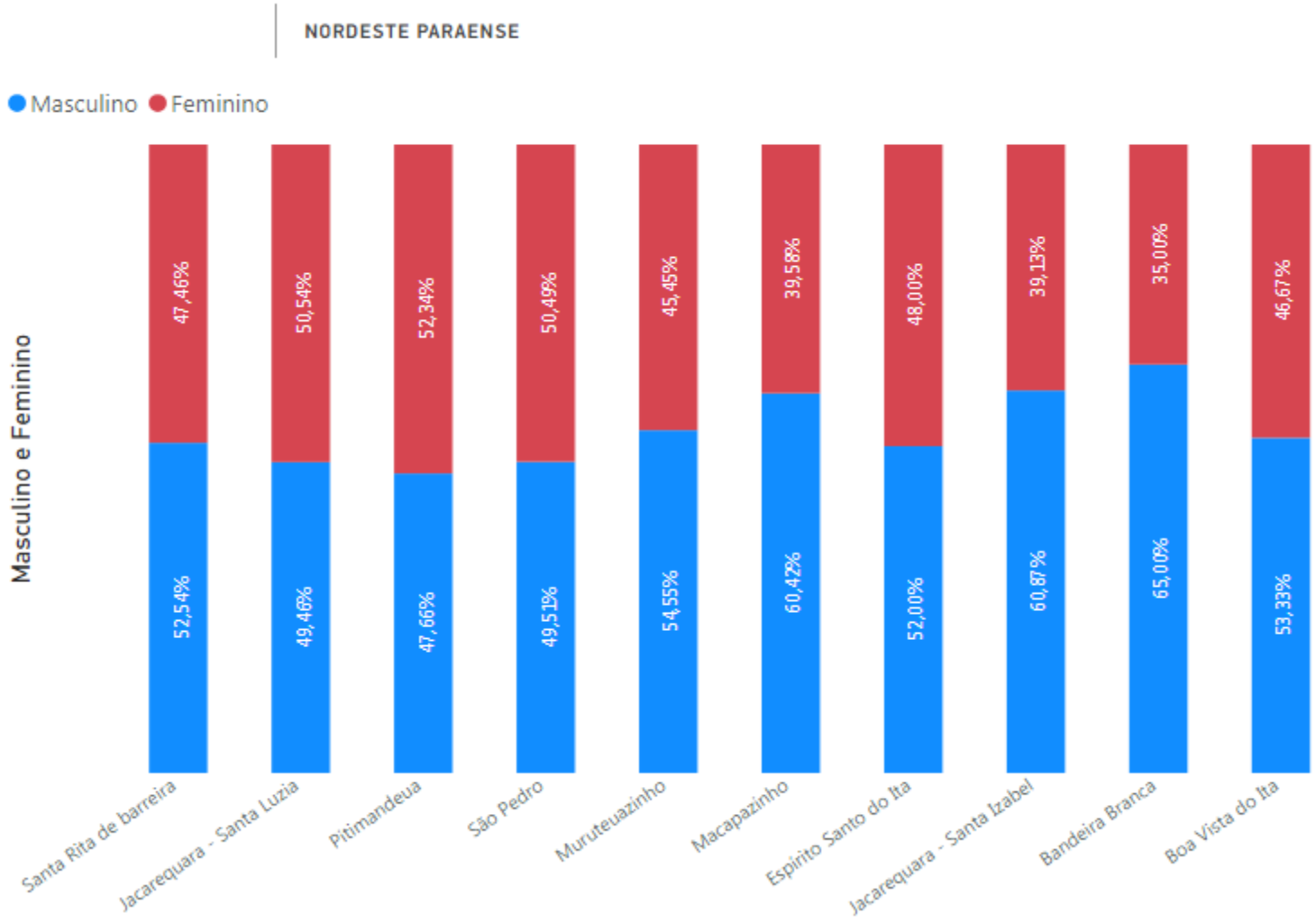


SEXO – REGIONAL GUAJARINA I

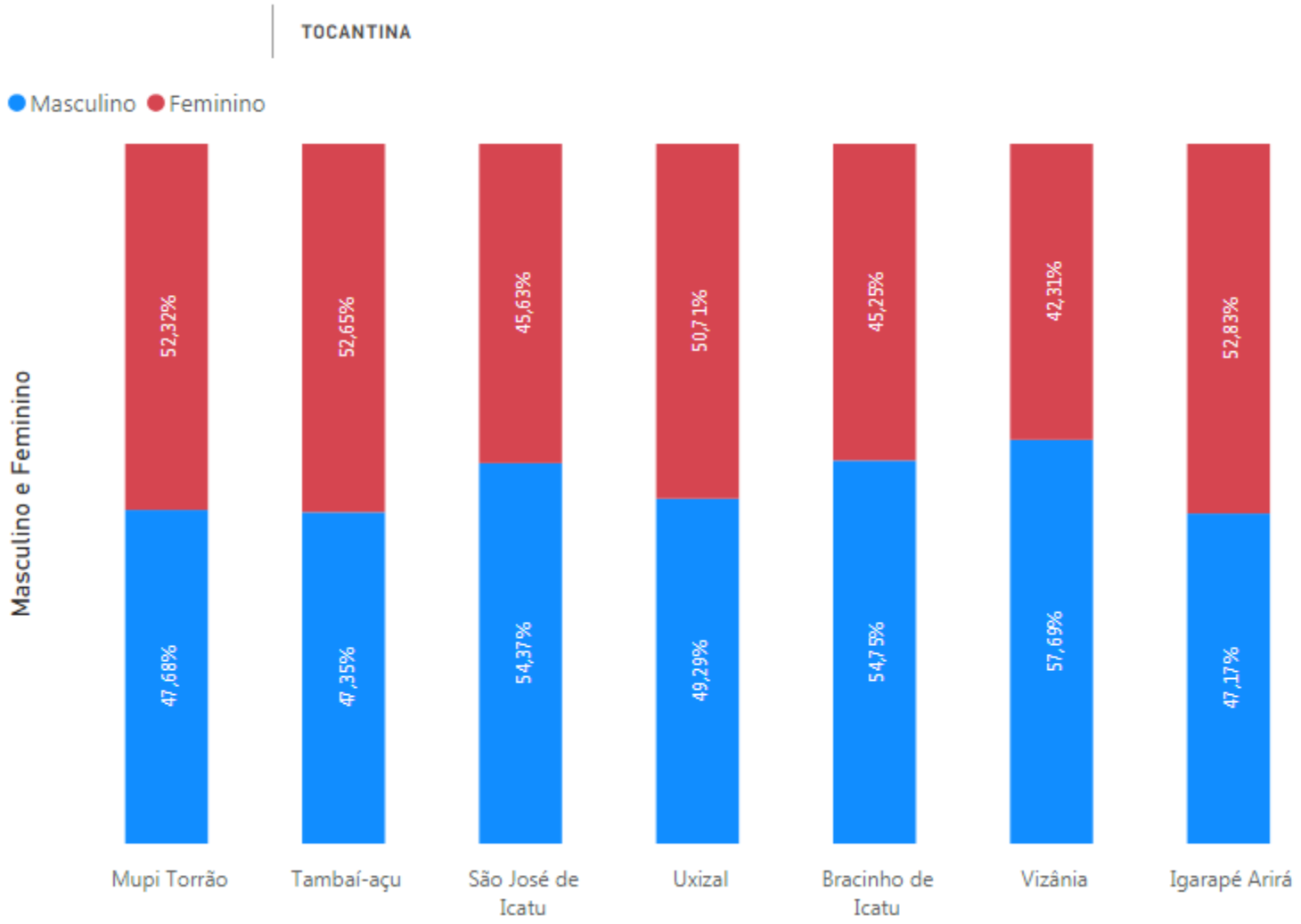


SEXO – REGIONAL GUAJARINA II

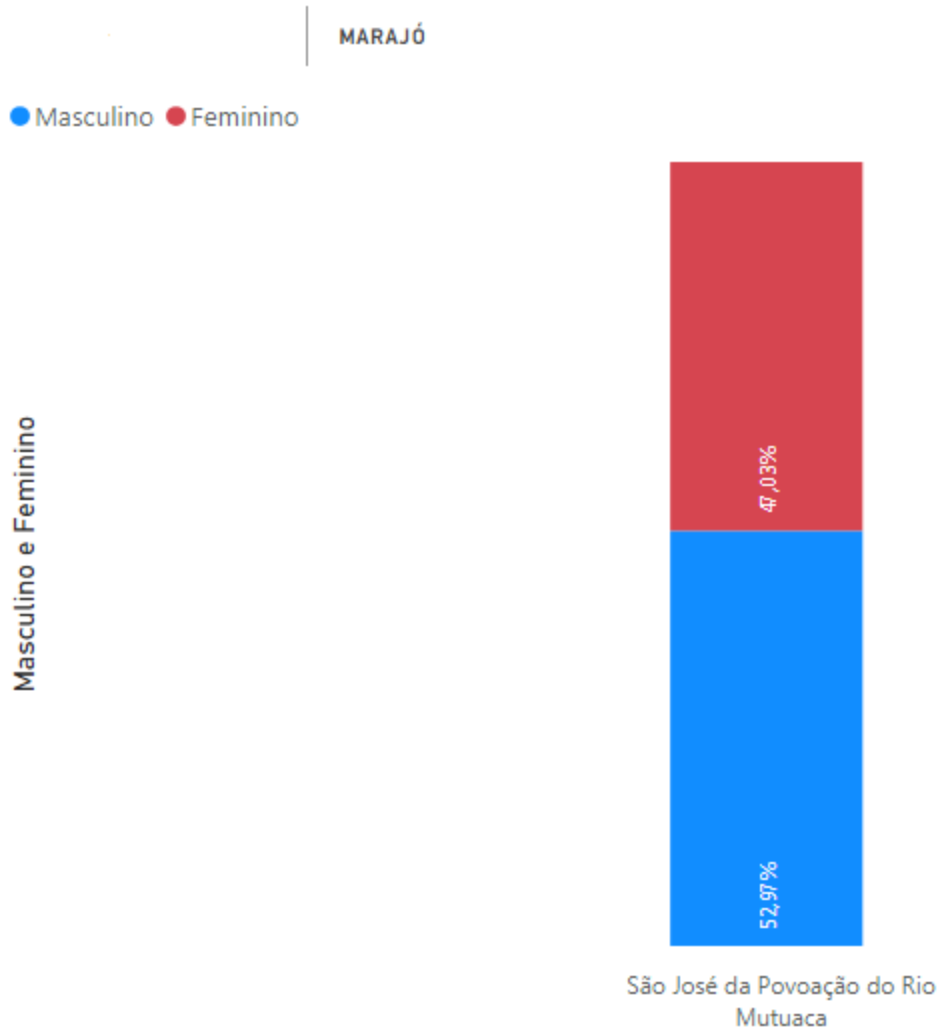
SEXO – REGIONAL NORDESTE PARAENSE



SEXO – REGIONAL TOCANTINA



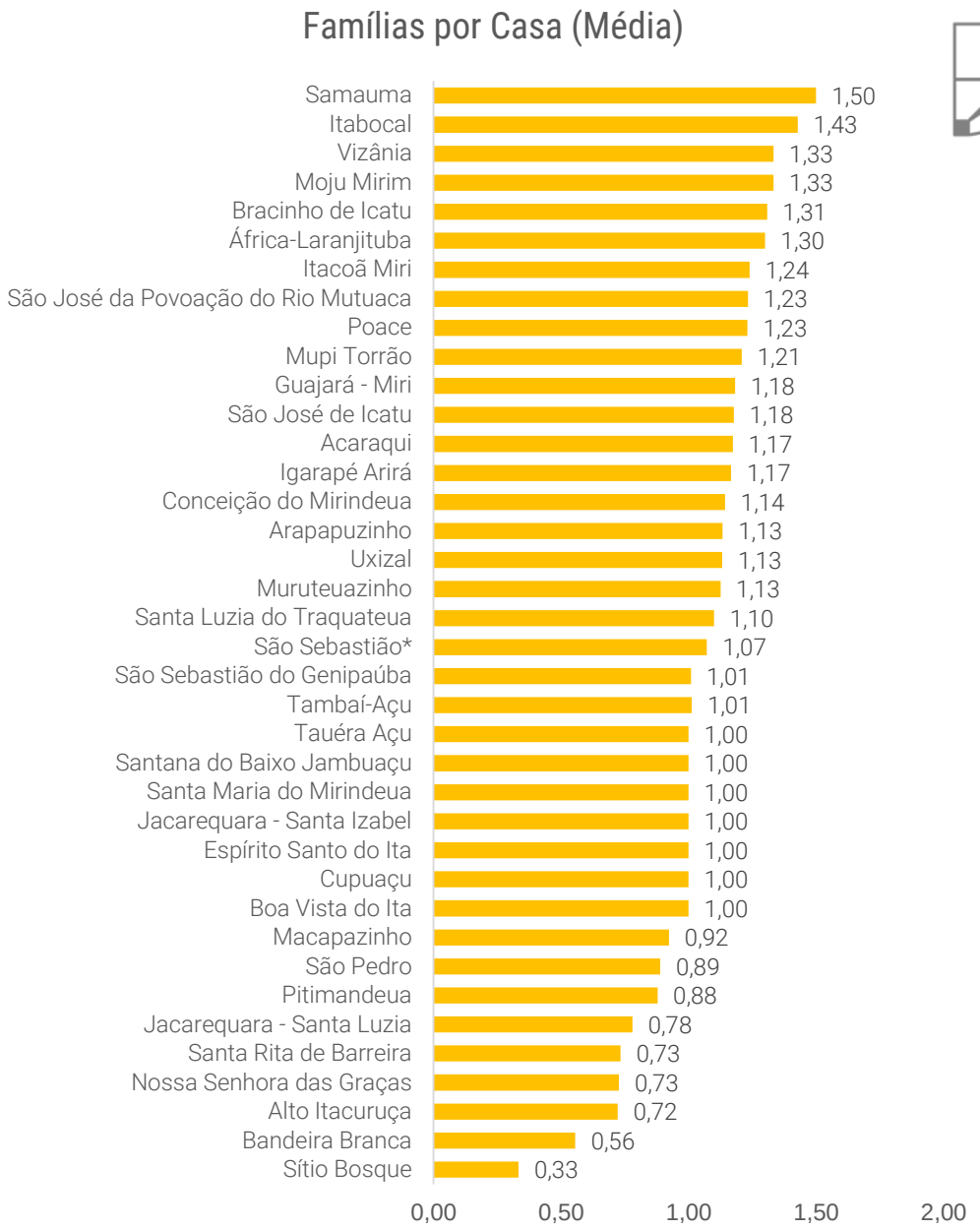
SEXO – REGIONAL MARAJÓ



A FAMÍLIA QUILOMBOLA

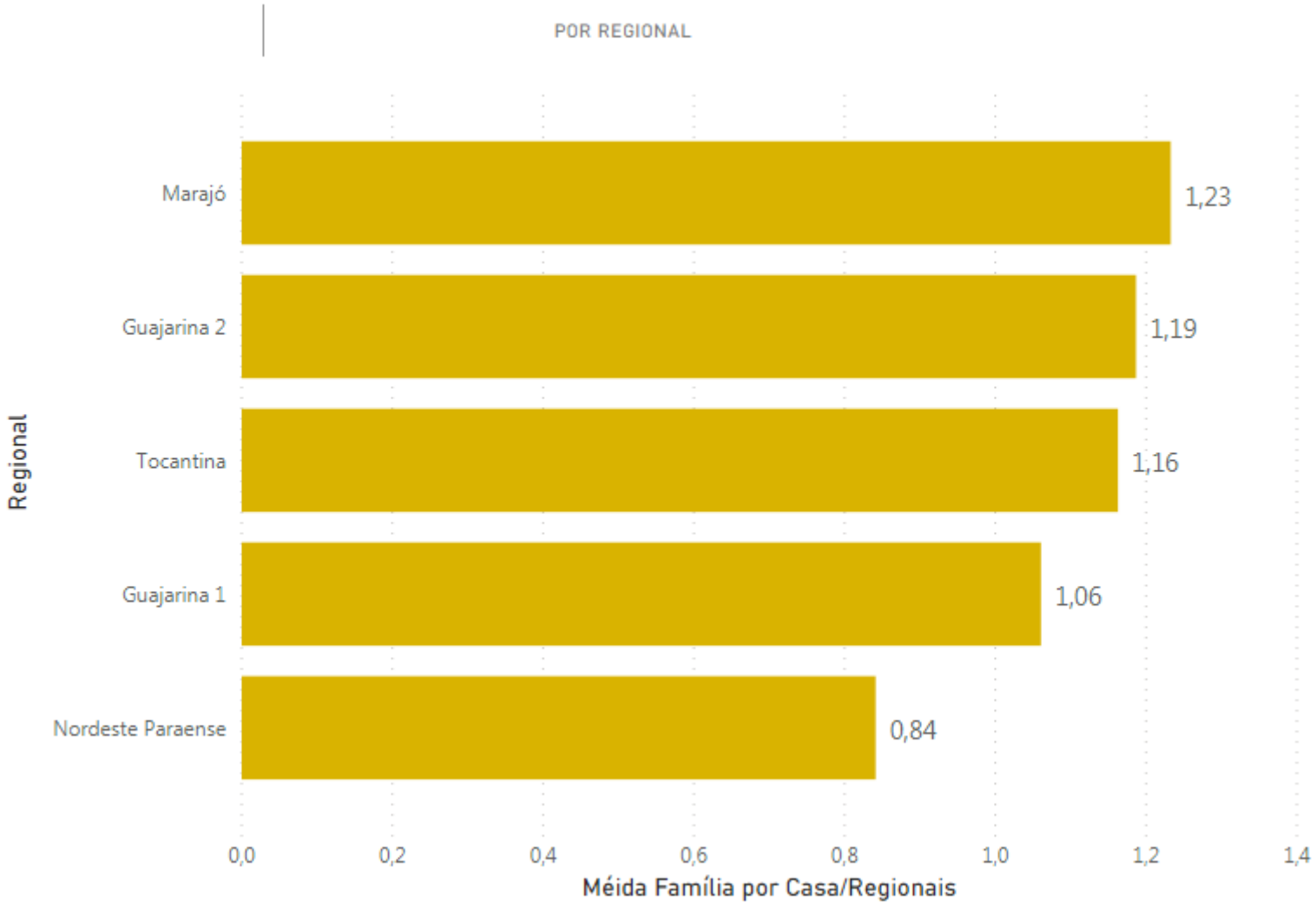
Em Guajarina I, as comunidades têm entre uma e duas famílias por casa. Em Guajarina II, Itabocal é a comunidade que tem a maior média de famílias por casa. No Nordeste Paraense a média é de uma família por casa, assim como na regional Tocantina. Em Marajó, o número de casas entrevistadas foi baixo, mas condiz com a realidade da comunidade analisada, que também apresenta média de uma família por casa.

Para os/as quilombolas, família pode ter vários significados. Por exemplo: para uns família é quando uma pessoa tem filhos, independente de matrimônio, e, por isso, pode haver mais de uma família por casa; o matrimônio também caracteriza uma família; e quando uma quilombola já teve filhos, mas mora sozinha, ela também é reconhecida como uma família.

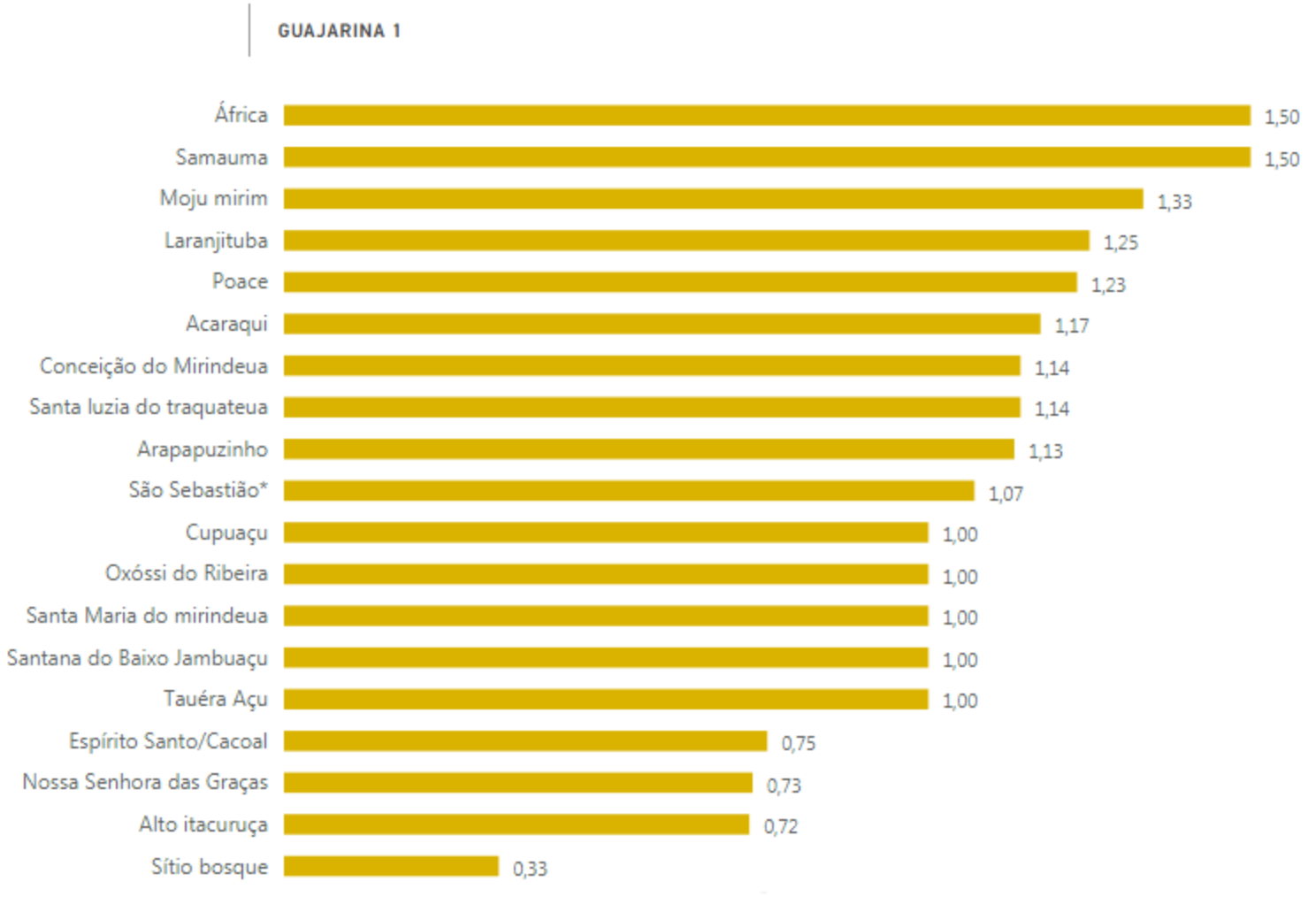


As porcentagens fazem referência a 1.261 residências entrevistadas

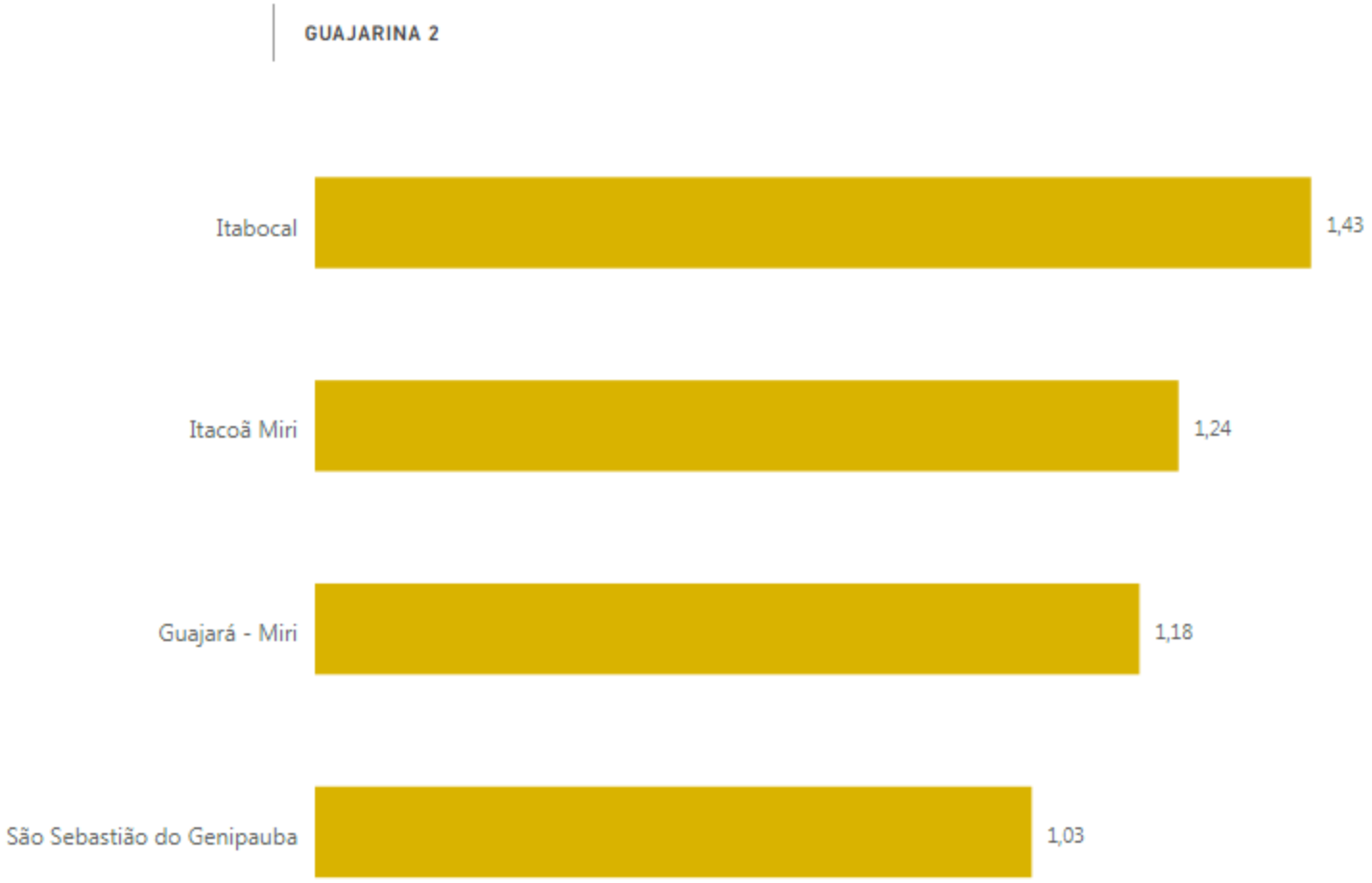
FAMÍLIAS POR CASA - REGIONAIS



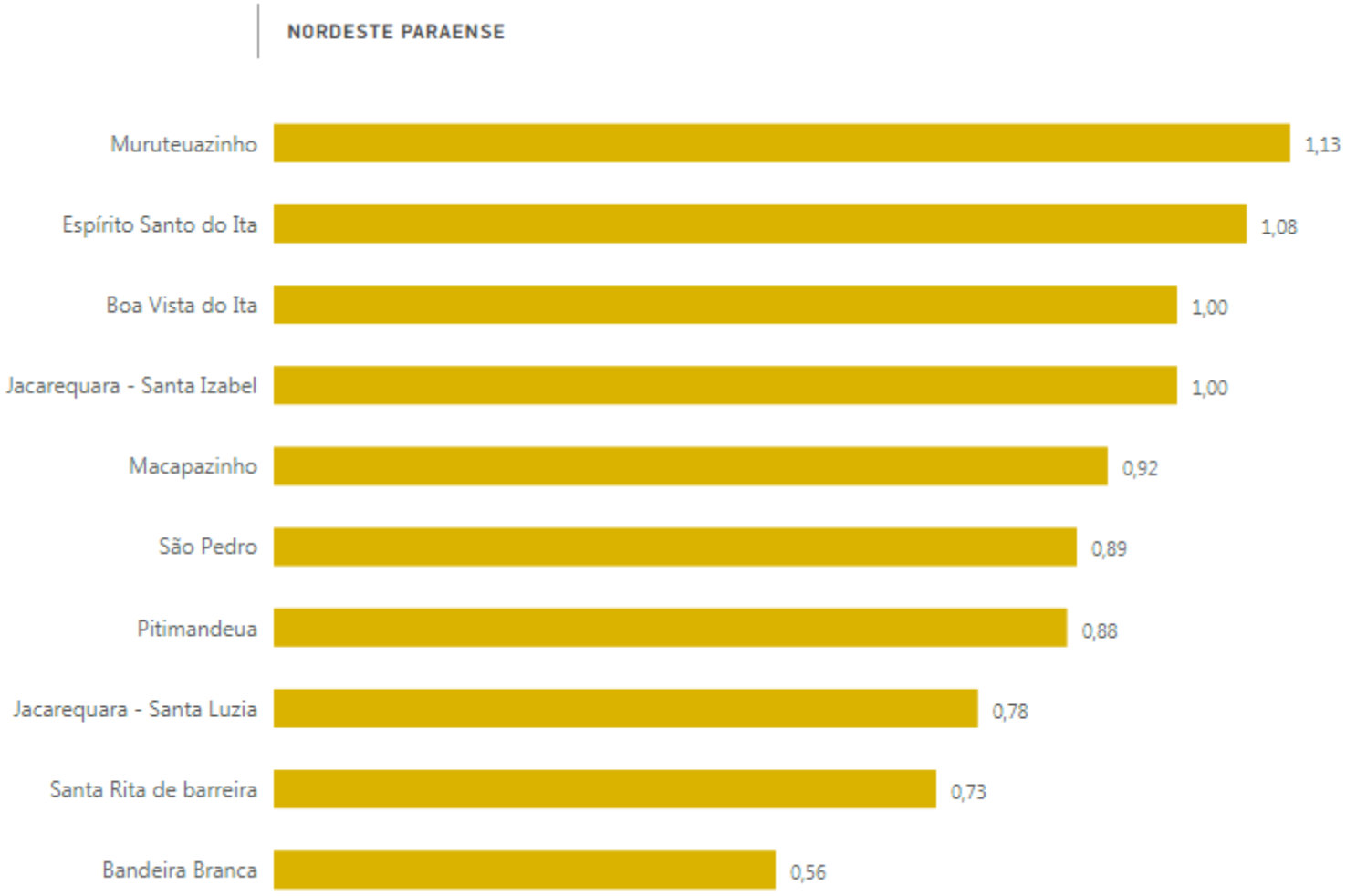
FAMÍLIAS POR CASA – REGIONAL GUAJARINA I



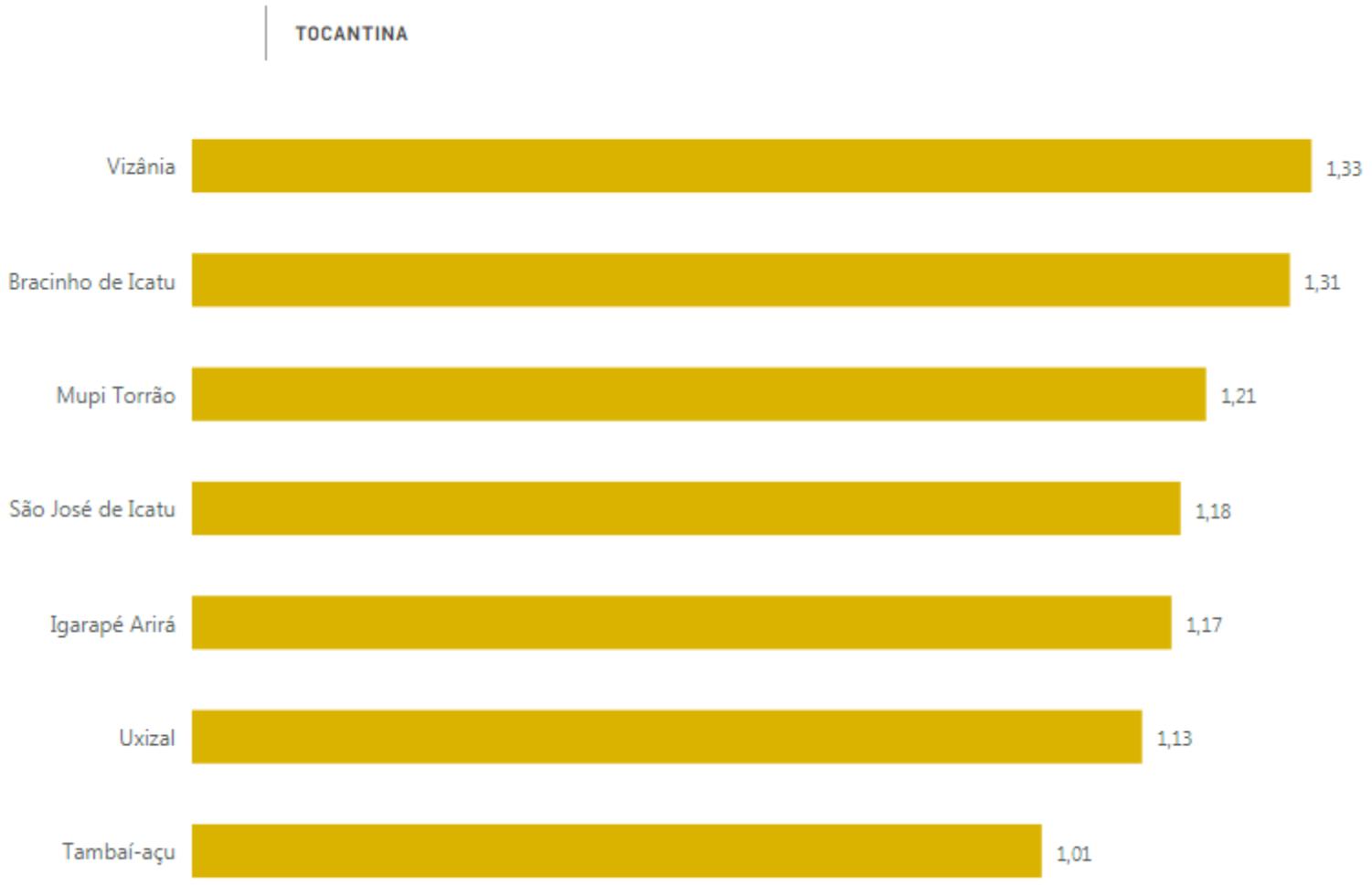
FAMÍLIAS POR CASA – REGIONAL GUAJARINA II



FAMÍLIAS POR CASA – REGIONAL NORDESTE PARAENSE



FAMÍLIAS POR CASA – REGIONAL TOCANTINA



FAMÍLIAS POR CASA – REGIONAL MARAJÓ

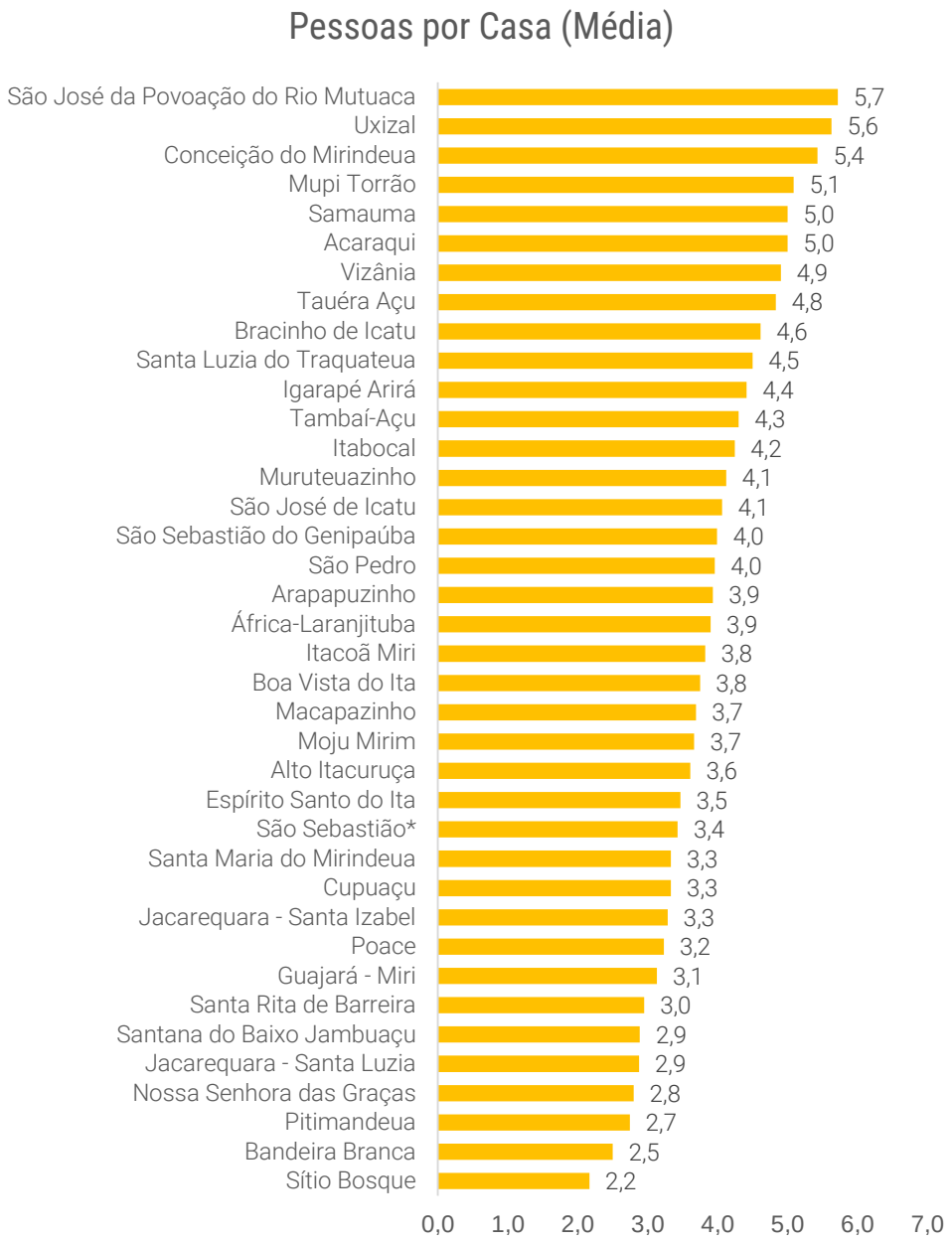
PESSOAS NA CASA

Em Guajarina I, Conceição do Mirindeua teve uma média de 5 pessoas por casa, dado que corresponde com a realidade do território.

Guajarina II apresentou média de quatro pessoas por casa. Na regional Nordeste Paraense, Muruteuazinho tem a maior média de concentração de pessoas por casa. O restante das comunidades apresentam média de 3 pessoas por casa.

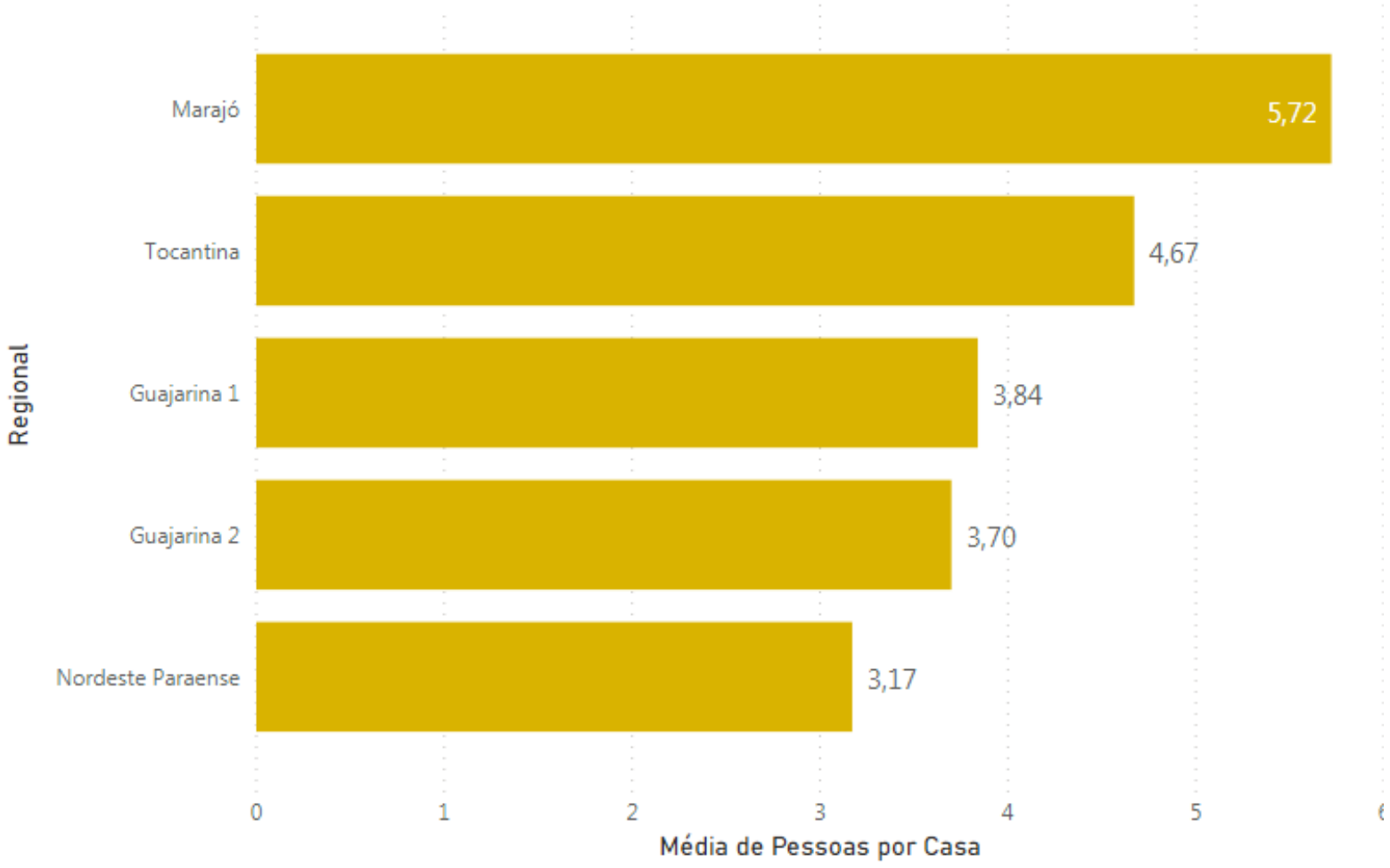
Tocantina é a regional com a maior média de pessoas por casa em relação às outras regionais. E, Marajó apresentou uma média de 6 pessoas por casa, mas é preciso lembrar que apenas a comunidade de São José da Povoação do Rio Mutuca participou da pesquisa.

Sobre a abrangência da pesquisa, os/as quilombolas ressaltaram que o acesso às comunidades é mais difícil no período das chuvas e que mesmo as comunidades localizadas em terra firme podem sofrer com os impactos da chuva no que diz respeito ao acesso. Além disso, também relataram dificuldades em visitar todas as casas das comunidades devido ao baixo número de aplicadores em relação a dimensão dos territórios quilombolas.

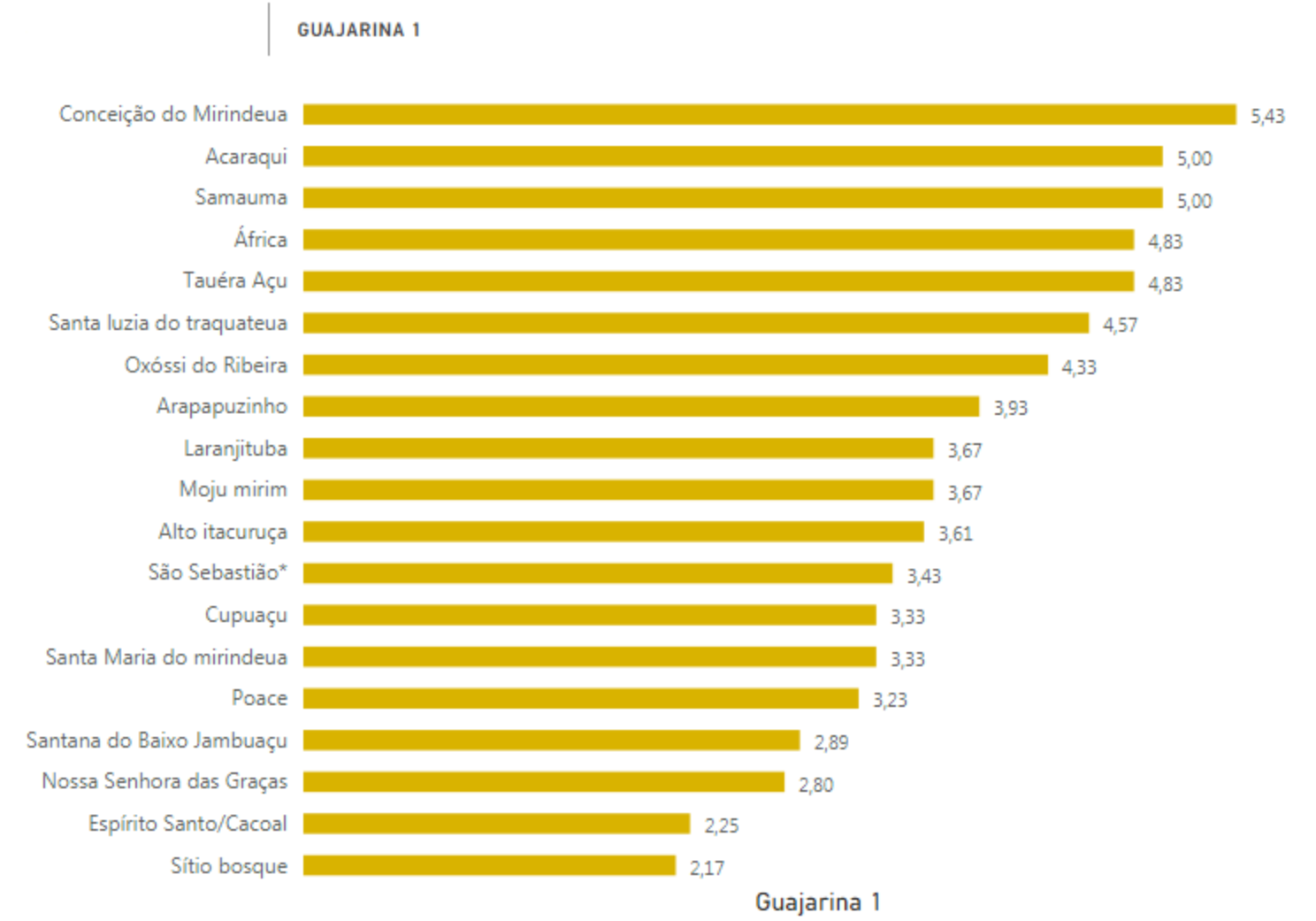


As porcentagens fazem referência a 1.261 residências entrevistadas

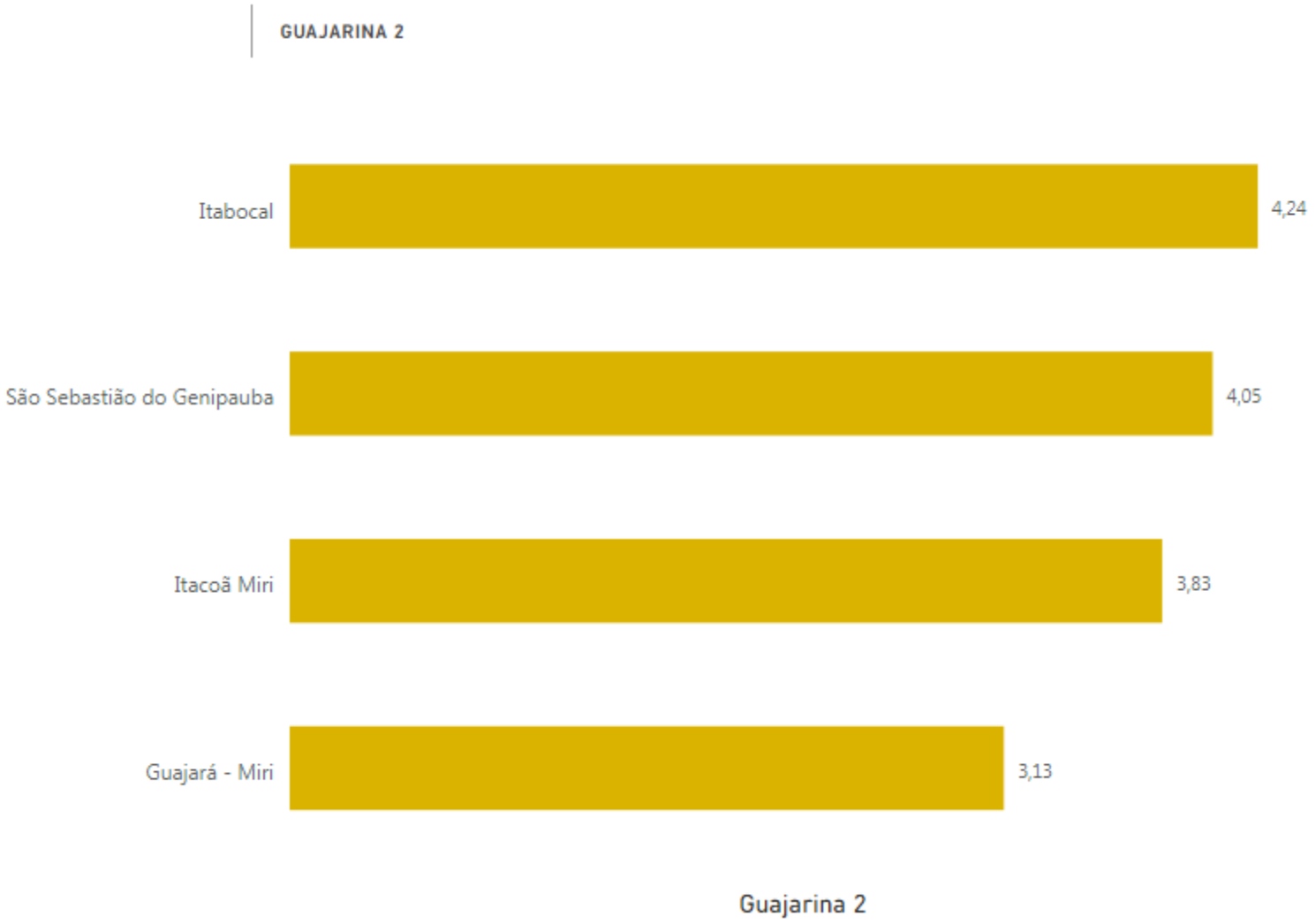
MÉDIA DE PESSOAS POR CASA - REGIONAIS



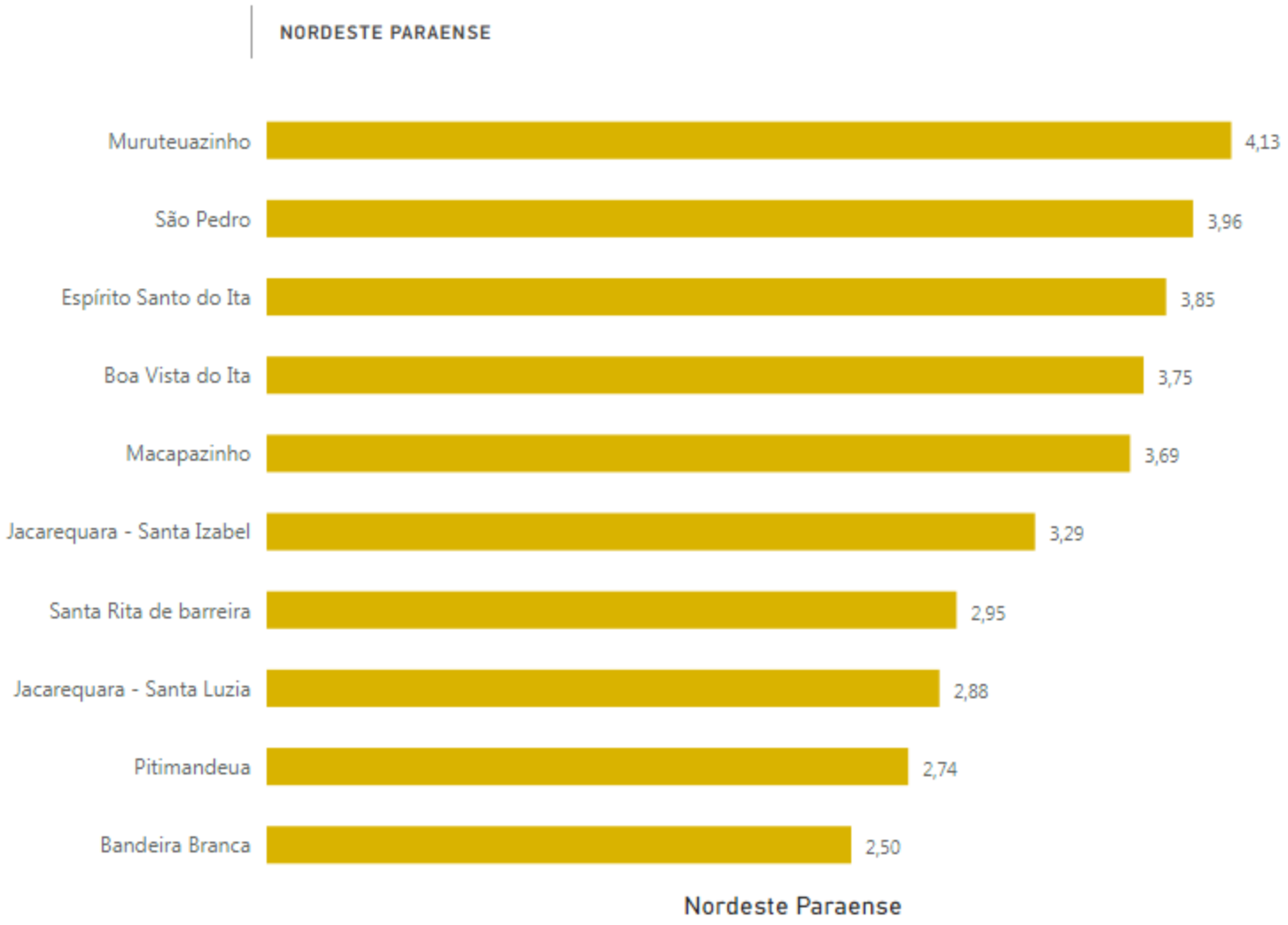
MÉDIA DE PESSOAS POR CASA – REGIONAL GUAJARINA I



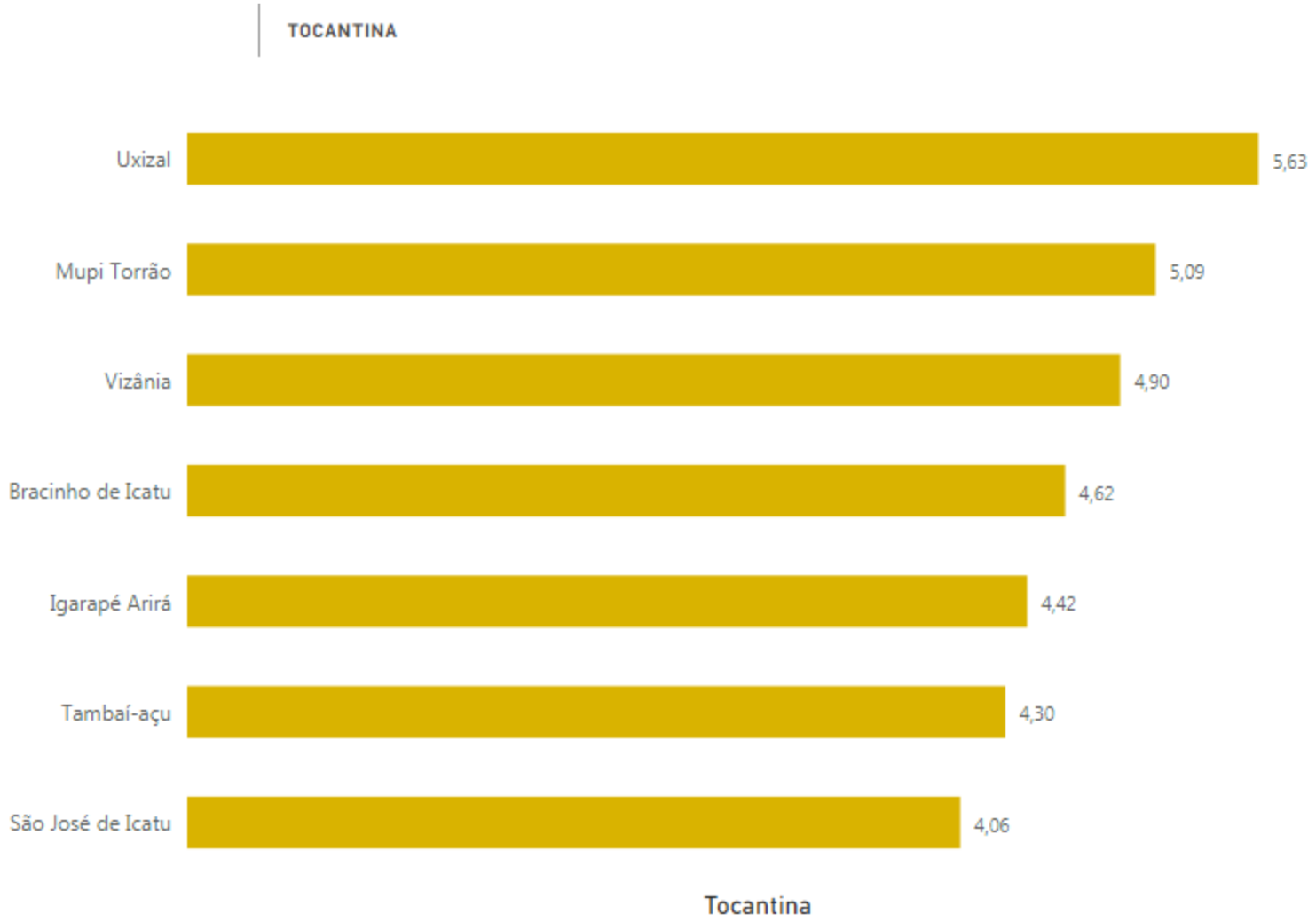
MÉDIA DE PESSOAS POR CASA – REGIONAL GUAJARINA II



MÉDIA DE PESSOAS POR CASA – REGIONAL NORDESTE PARAENSE



MÉDIA DE PESSOAS POR CASA – REGIONAL TOCANTINA



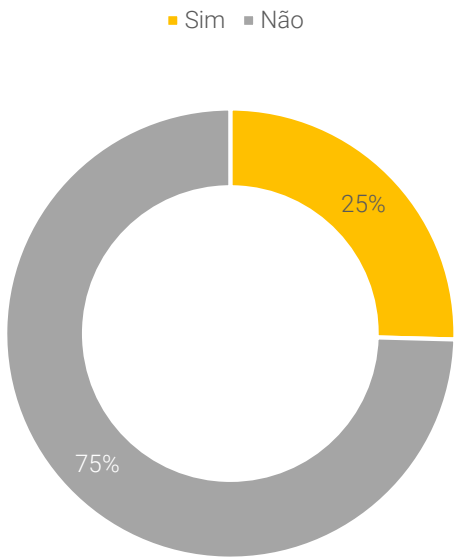
MÉDIA DE PESSOAS POR CASA – REGIONAL MARAJÓ

MUDANÇA PARA A CIDADE

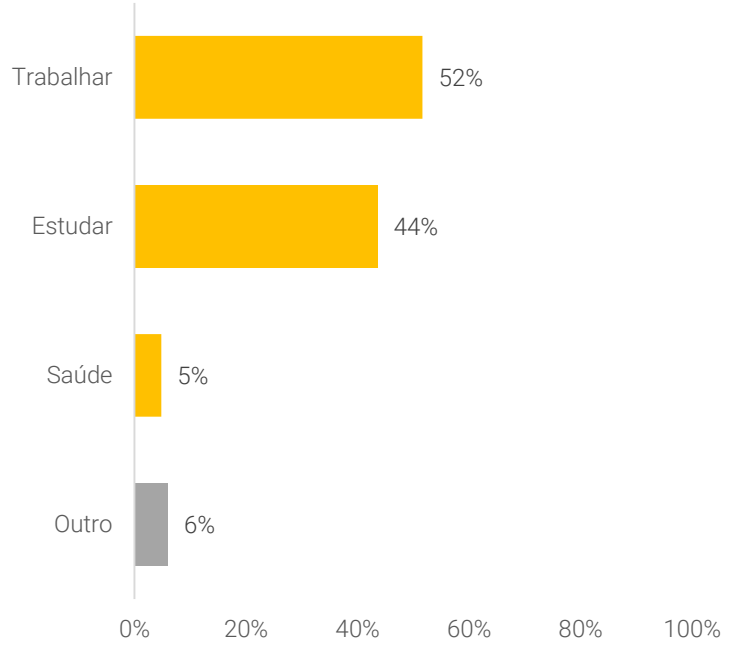
COMPARTILHANDO MUNDOS

Os principais motivos que levam os/as quilombolas a se mudarem para a cidade são trabalho e estudo, devido à falta de oportunidades na continuidade de estudo e trabalho formal nas comunidades. Mas, entre aqueles que se mudam para a cidade, os/as quilombolas relataram que a maioria continua participando das atividades comunitárias. A tecnologia foi apontada como um dos fatores que contribui nesta aproximação entre os familiares.

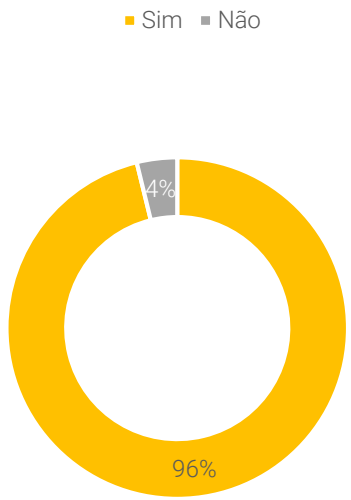
Existe algum membro da família morando fora da comunidade?



Motivo da Mudança



Se sim, estes mantêm contato frequente com a família?



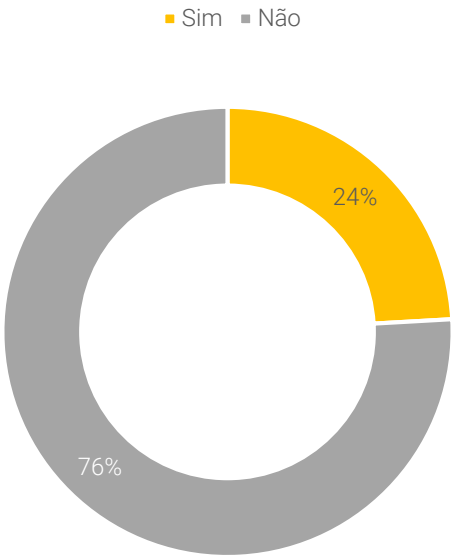
*288 residências responderam as perguntas.

As porcentagens fazem referência a 1.261 residências entrevistadas

RETORNO PARA A COMUNIDADE

COMPARTILHANDO MUNDOS

Algum membro da família, que morava fora da comunidade, hoje mora na comunidade?



Sobre o retorno daqueles que saíram da comunidade, 76% dos quilombolas não voltaram para a comunidade. Para eles/elas, uma das possíveis justificativas é que em muitas comunidades não há terra para plantar por conta das invasões. A terra é o principal meio de sustento das famílias.

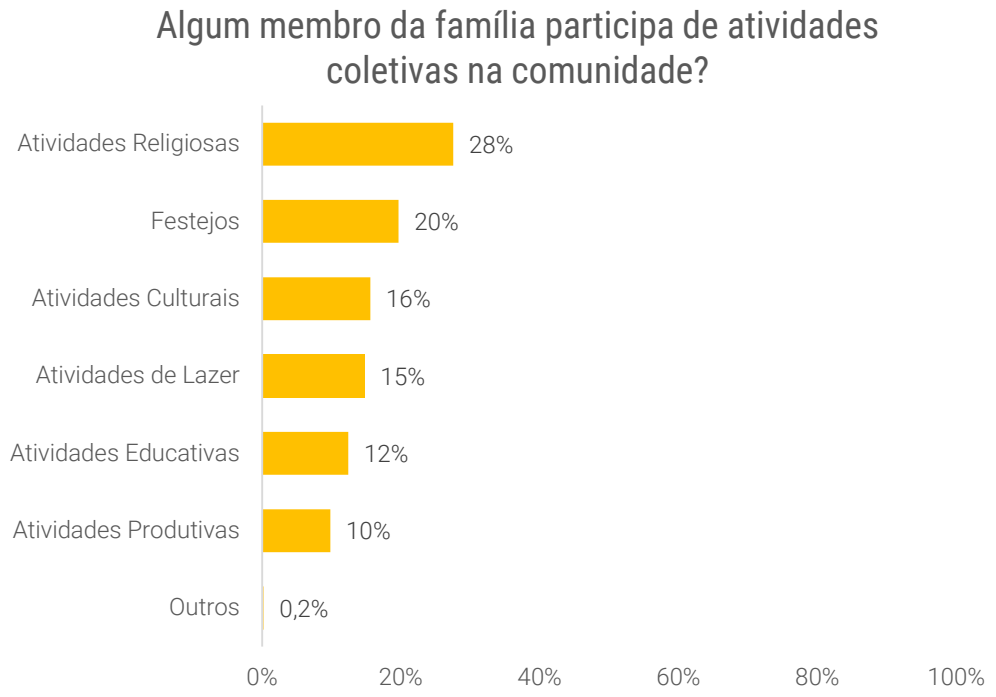
Outro motivo é que o acesso à educação nas comunidades, em geral, vai até o 5º ano. Muitos quilombolas precisam ir para a cidade para acessar o Ensino Médio e, por conta disso, acabam construindo suas vidas na cidade.

Eles/elas apontaram que o acesso às políticas públicas também influencia a possibilidade de retorno, principalmente quando há investimento na melhoria da qualidade de vida no quilombo.

* Dentre as 1.261 residências entrevistadas, 261 não responderam a pergunta.

As porcentagens fazem referência a 1.261 residências entrevistadas

ATIVIDADES COLETIVAS



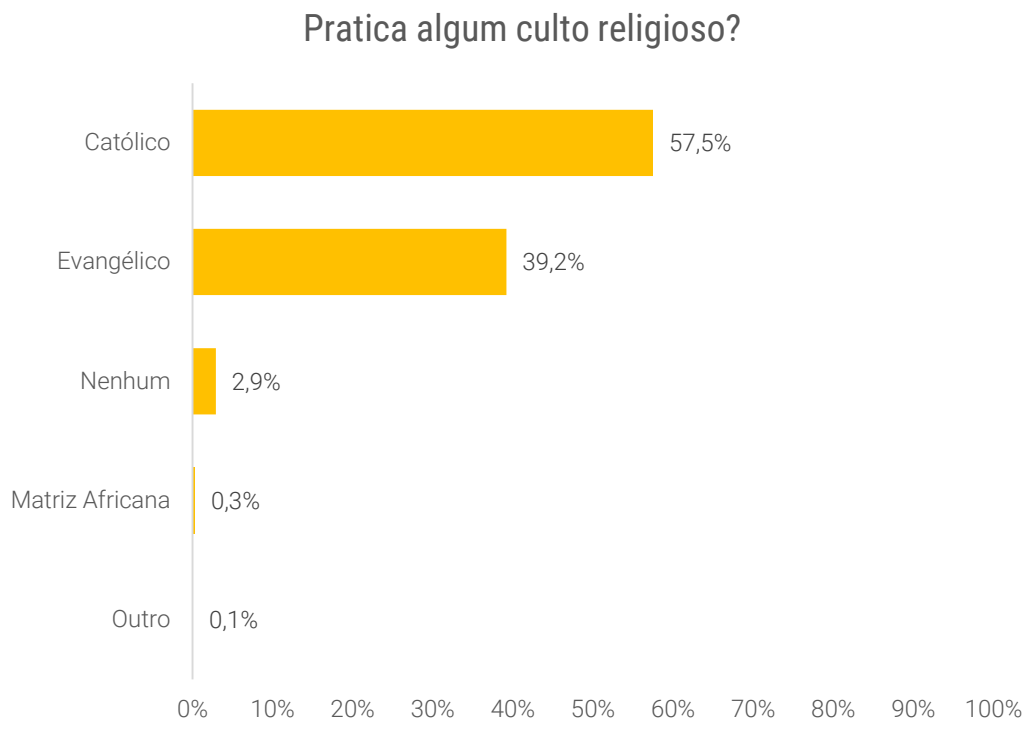
* Dentre as 1.261 residências entrevistadas, 141 não responderam a pergunta.
**Questão de múltipla escolha. Os respondentes poderiam indicar mais de uma opção portanto a soma das porcentagens presentes no gráfico não é 100%

As porcentagens fazem referência a 1.261 residências entrevistadas

As atividades coletivas carregam significados diversos. Sobre as atividades religiosas, são consideradas as festas do padroeiro das comunidades, sendo que cada comunidade tem algum padroeiro. Os/as quilombolas relataram que antes o engajamento nesse tipo de atividade era muito maior e que, atualmente, menos pessoas estão participando das atividades coletivas. Um dos motivos levantados nas discussões é a entrada de igrejas evangélicas nas comunidades, o que interfere na participação em festas dos padroeiros.

Em relação às atividades produtivas, foram citadas a Festa da Mandioca e o Festival de Açaí. Ambos são considerados também como festejos. Os festejos, em geral, também são atividades produtivas porque as comunidades trabalham com a roça e seus produtos são utilizados nos festejos.

RELIGIOSIDADE



*Questão de múltipla escolha. Os respondentes poderiam indicar mais de uma opção portanto a soma das porcentagens presentes no gráfico não é 100%

Sobre a religiosidade, como mostra o gráfico ao lado, a maioria das pessoas se declarara católica, seguida por aquelas que se declararam evangélicas.

Sobre o baixo número associado a práticas religiosas de matriz africana, os quilombolas relataram que antigamente elas eram mais comuns nas comunidades. Hoje, as religiões de matriz africana são invisibilizadas ou são suprimidas pela presença de outras religiões que inibem a manifestação da religião de matriz africana.

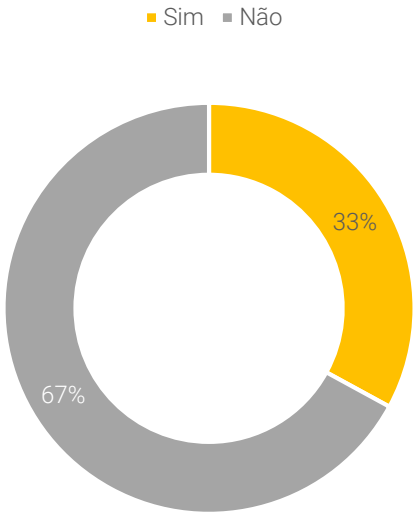
Os moradores de Guajarina II alegaram que, nas comunidades dessa região, as religiosidades não impedem práticas de segmentos diferentes. Eles apontaram que pessoas de diferentes credos vivem em harmonia, citando como exemplo o fato de que muitos evangélicos participam de festas católicas.

Em Marajó, mais especificamente na comunidade de São José da Povoação do Rio Mutuca, as práticas evangélicas e católicas também coexistem.

As porcentagens fazem referência a 1.261 residências entrevistadas

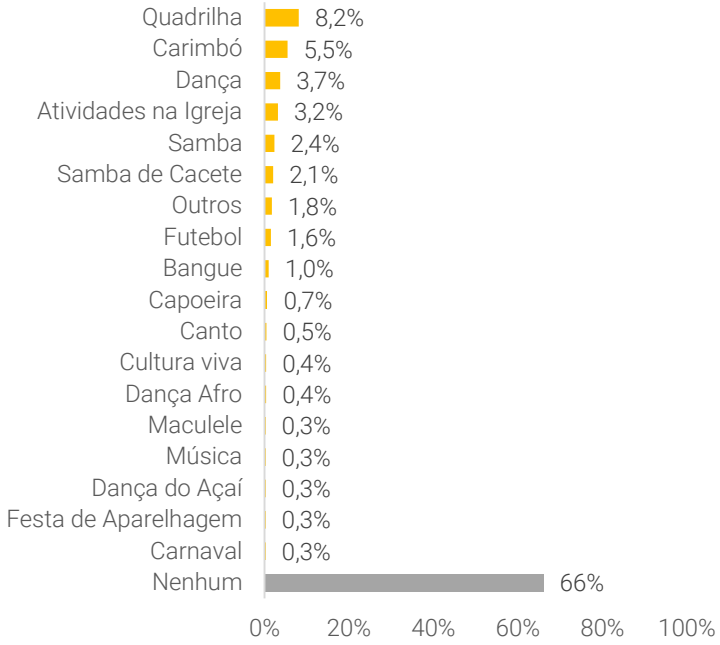
ATIVIDADES CULTURAIS

Algum membro da família desenvolve alguma atividade cultural ou grupo cultural?



* Dentre as 1.261 residências entrevistadas, 308 não responderam a pergunta.

Atividades culturais:



*n=967

Quando questionados sobre o desenvolvimento de atividades culturais, a maioria das respostas foi negativa. Segundo os quilombolas, as pessoas comparecem às festas, mas não necessariamente participam da organização de forma ativa, fator que pode ter influenciado o alto número de respostas negativas.

As especificações do que são atividades culturais variam de comunidade para comunidade e, a partir do entendimento que as pessoas tiveram da pergunta, a atividade com maior engajamento foi a quadrilha. A quadrilha é comumente festejada nas comunidades e tem forte ligação com a religião católica. Já o carimbo faz parte da cultura local e tem manifestações em todo o Estado.

As porcentagens fazem referência a 1.261 residências entrevistadas

Foto por: Ana Carolina Fernandes

NOSSA INFRAESTRUTURA

REALIZAÇÃO

REALIZAÇÃO TÉCNICA

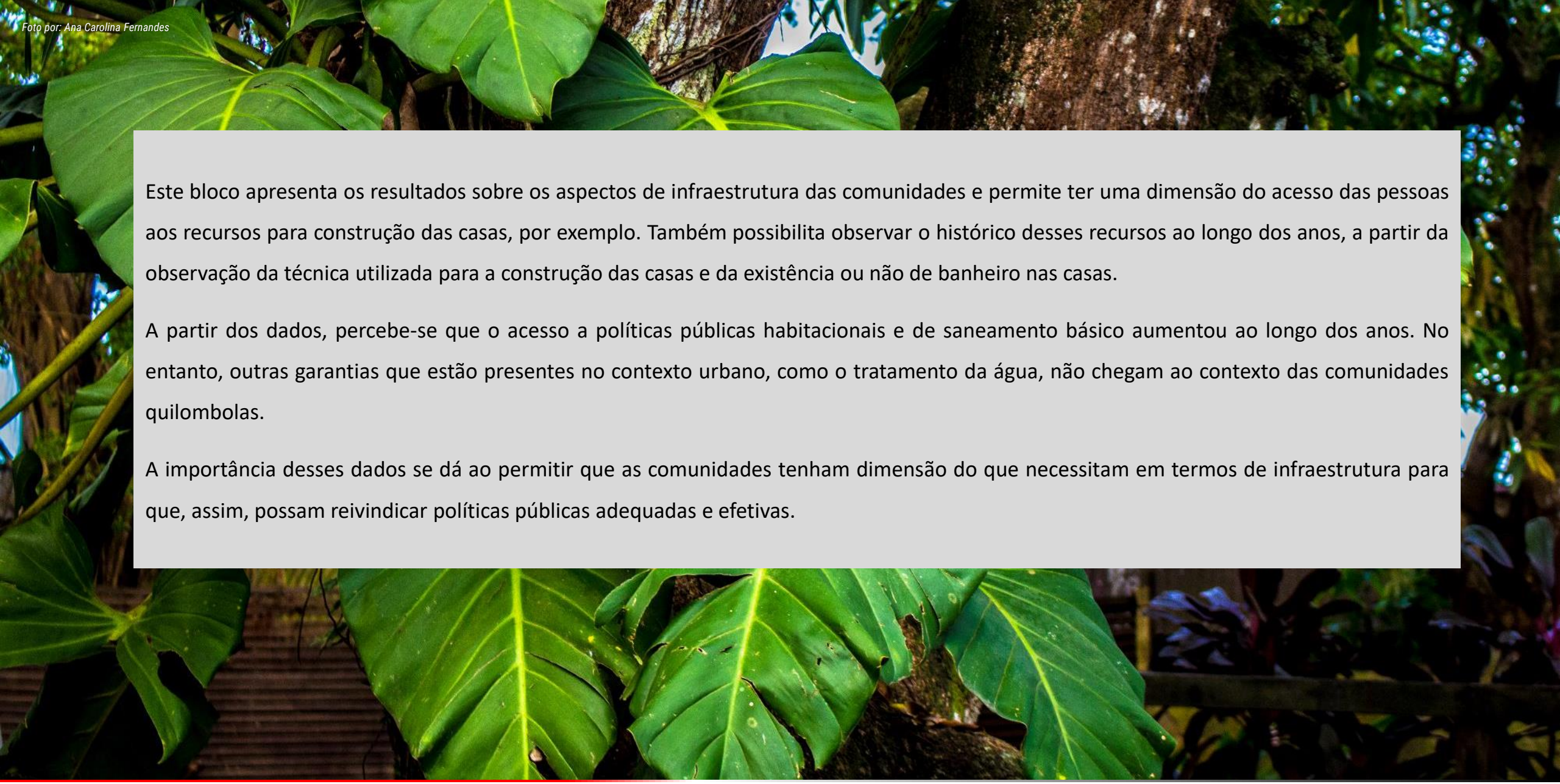


Foto por: Ana Carolina Fernandes

Este bloco apresenta os resultados sobre os aspectos de infraestrutura das comunidades e permite ter uma dimensão do acesso das pessoas aos recursos para construção das casas, por exemplo. Também possibilita observar o histórico desses recursos ao longo dos anos, a partir da observação da técnica utilizada para a construção das casas e da existência ou não de banheiro nas casas.

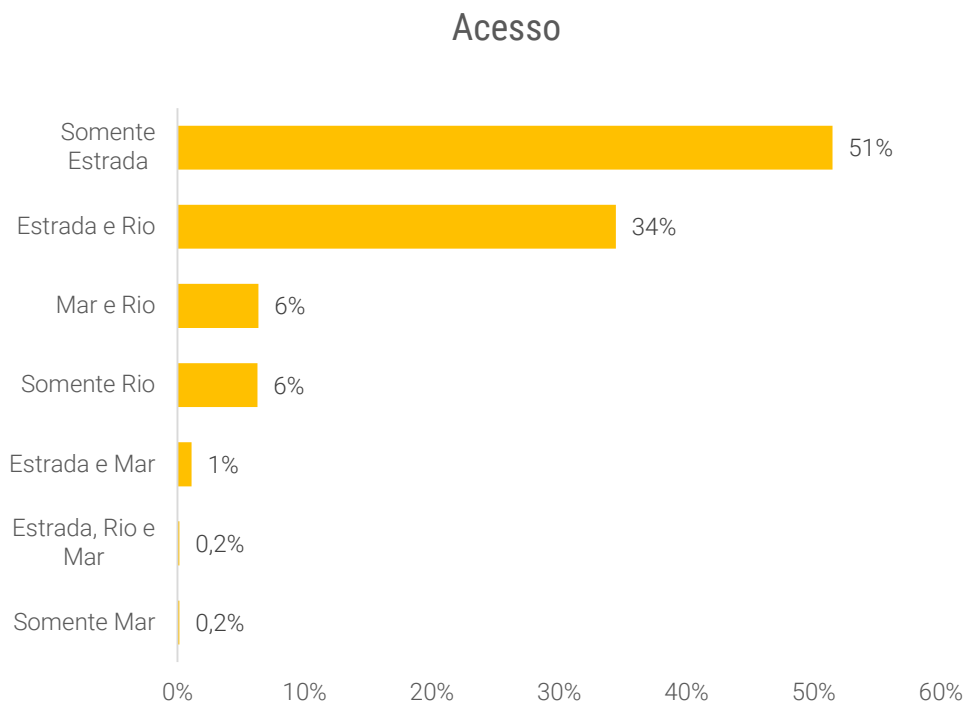
A partir dos dados, percebe-se que o acesso a políticas públicas habitacionais e de saneamento básico aumentou ao longo dos anos. No entanto, outras garantias que estão presentes no contexto urbano, como o tratamento da água, não chegam ao contexto das comunidades quilombolas.

A importância desses dados se dá ao permitir que as comunidades tenham dimensão do que necessitam em termos de infraestrutura para que, assim, possam reivindicar políticas públicas adequadas e efetivas.

REALIZAÇÃO Projetos Sociais Ecam Google Earth Outreach CONAQ USAID DO POVO DOS ESTADOS UNIDOS

REALIZAÇÃO TÉCNICA IBPAD INSTITUTO BRASILEIRO DE PESQUISA E ANÁLISE DE DADOS

FORMAS DE ACESSO



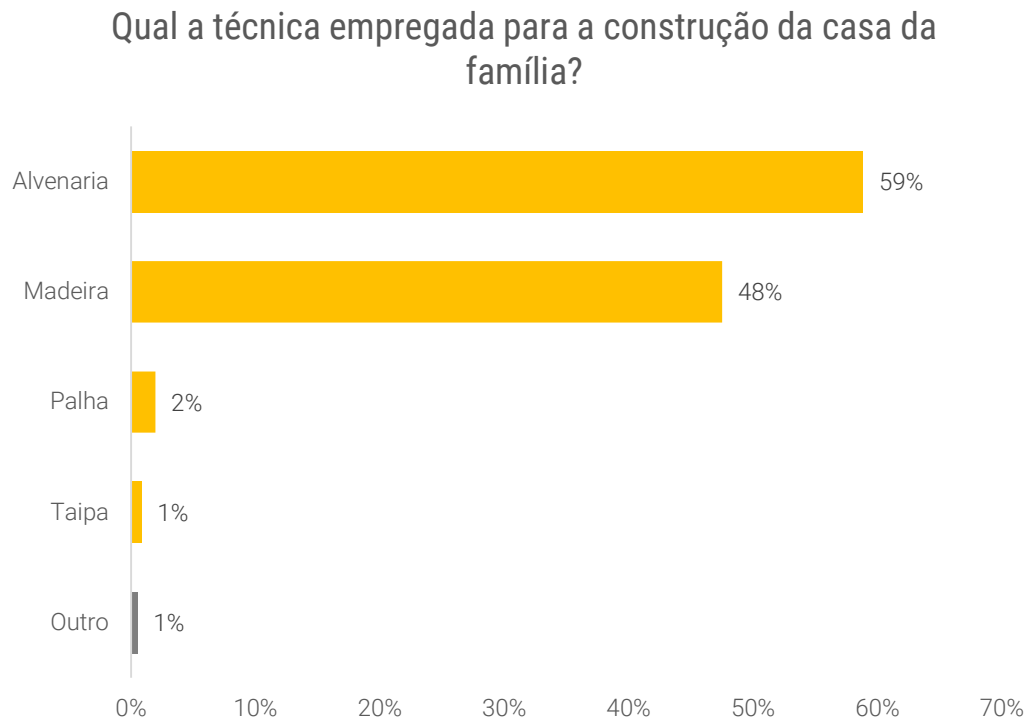
* Dentre as 1.261 residências entrevistadas, 4 não responderam a pergunta.

As comunidades guardam especificidades quanto às formas de acesso. Em algumas o acesso é por rio em outras é via estrada. De toda forma, a depender do período do ano, as condições climáticas dificultam o deslocamento nestas comunidades quilombolas. As chuvas e as cheias chegam a bloquear estradas e, consequentemente, os ônibus não entram nas comunidades, o que prejudica a ida das crianças para a escola.

Os/as quilombolas também relataram sobre a fragilidade das pontes de madeira nos territórios. E que, durante o levantamento dos dados, a ponte que viabilizava o acesso de Moju a Belém caiu e o acesso foi redirecionado, passando por dentro dos territórios quilombolas. Isso contribuiu para o aumento da violência nas comunidades e fragilidade ainda maior da estrutura das pontes existentes nos territórios.

As porcentagens fazem referência a 1.261 residências entrevistadas

CASA DA FAMÍLIA



* Dentre as 1.261 residências entrevistadas, 78 não responderam a pergunta.
*Questão de múltipla escolha. Os respondentes poderiam indicar mais de uma opção portanto a soma das porcentagens presentes no gráfico não é 100%

As porcentagens fazem referência a 1.261 residências entrevistadas

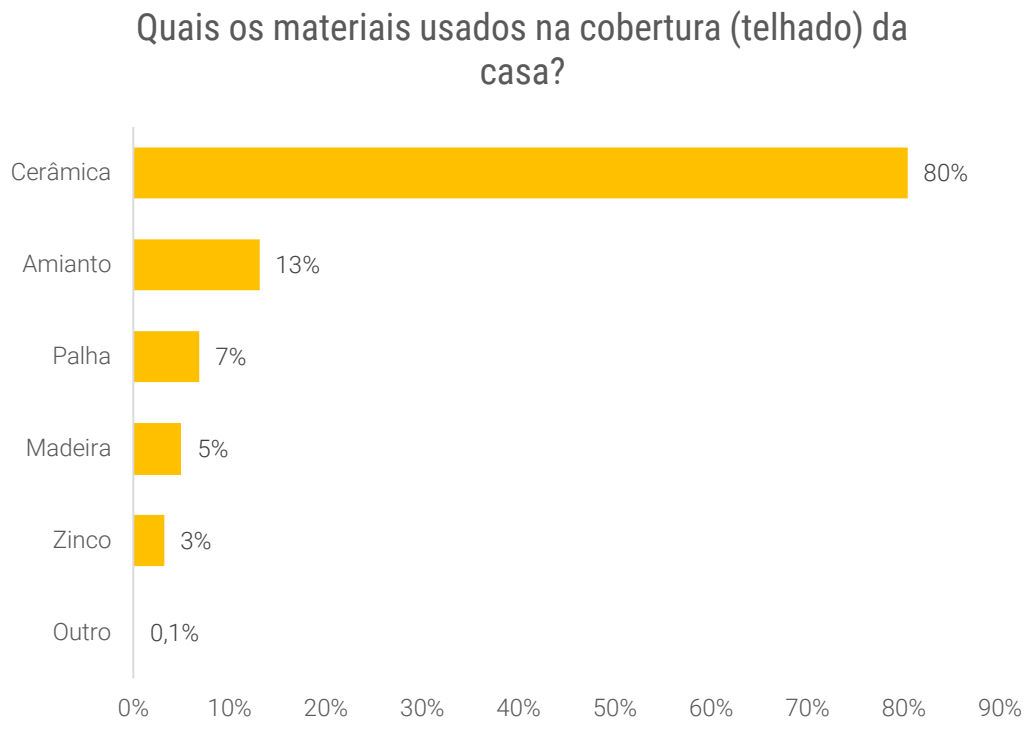
Antes as técnicas empregadas na construção das casas eram de palha, barro e madeira. Os moradores relatam que a estrutura começou a mudar nos últimos 30 anos. Hoje, a maioria das casas é de madeira e alvenaria.

Muitas das casas de alvenaria são resultantes da implementação de políticas públicas como Minha Casa Minha Vida e Cheque Moradia. No entanto, os/as quilombolas reforçaram que essas políticas não chegaram a todas as comunidades e que muitas famílias ainda vivem em casas com estrutura vulnerável.

Quanto às casas de madeira, as/os quilombolas reclamaram da qualidade da madeira disponível para a construção das casas. Os/as quilombolas enfrentam a escassez de madeira de boa qualidade devido as atividades de extração por empresas e invasores. Outra questão vinculada ao alto número de casas de madeira é o fato de que em áreas de várzea não existe programas como o Minha Casa Minha vida e que as condições de acesso implicam em maiores custos para que os moradores utilizem outras técnicas.

Em resumo, a depender da região analisada, algumas especificidades devem ser levadas em consideração, por exemplo, se a comunidade fica na beira do rio ou não. De toda forma, há uma demanda dos moradores para que os programas de habitação cheguem a mais comunidades.

CASA DA FAMÍLIA

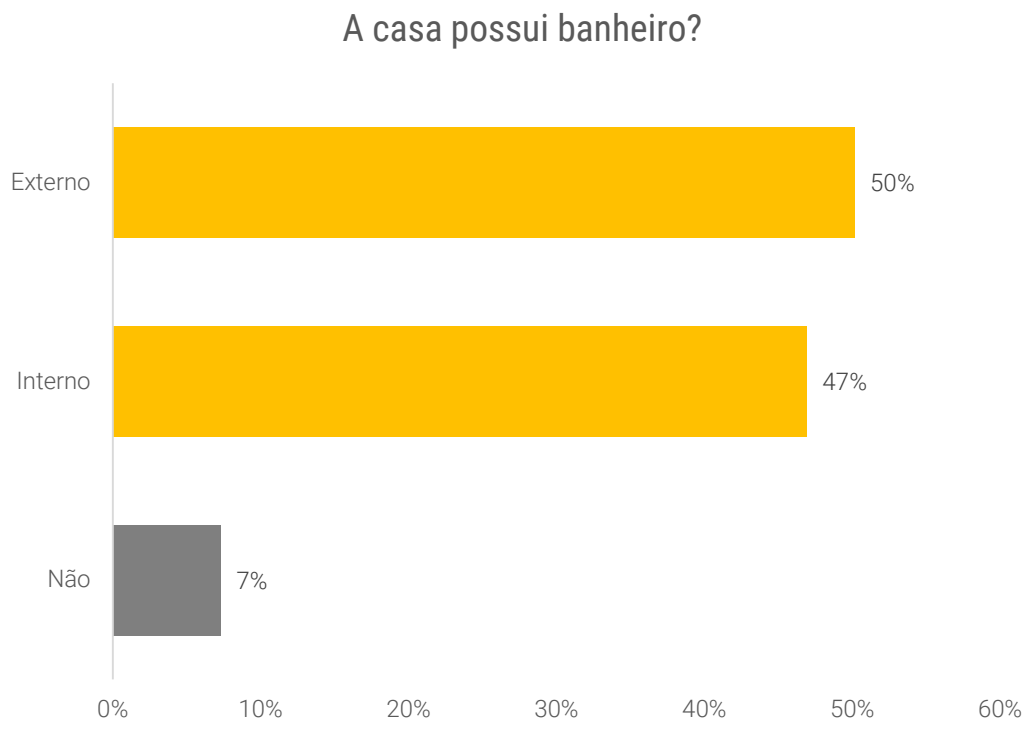


* Dentre as 1.261 residências entrevistadas, 78 não responderam a pergunta.
**Questão de múltipla escolha. Os respondentes poderiam indicar mais de uma opção portanto a soma das porcentagens presentes no gráfico não é 100%

Na maioria das residências entrevistadas, os/as quilombolas responderam que a principal técnica utilizada na cobertura da casa é a cerâmica. Para eles/elas, essa realidade melhorou muito a qualidade de vida, pois antes o telhado das casas era de cavaco e palha, materiais que não aguentavam as chuvas.

As porcentagens fazem referência a 1.261 residências entrevistadas

CASA DA FAMÍLIA



* Dentre as 1.261 residências entrevistadas, 80 não responderam a pergunta.
**Questão de múltipla escolha. Os respondentes poderiam indicar mais de uma opção portanto a soma das porcentagens presentes no gráfico não é 100%

A maioria das casas possui banheiro externo. Segundo as/os quilombolas, o número de casas com banheiro interno aumentou depois da implementação dos programas governamentais de habitação. Alguns moradores demoraram a aceitar os banheiros internos, pois os associavam a algo anti-higiênico. O que mudou essa percepção dos moradores foi o trabalho da vigilância sanitária e da assistência social nas comunidades.

As porcentagens fazem referência a 1.261 residências entrevistadas

INFRAESTRUTURA DA COMUNIDADE

* Dentre as 1.261 residências entrevistadas, 186 não responderam a pergunta.
**Questão de múltipla escolha. Os respondentes poderiam indicar mais de uma opção portanto a soma das porcentagens presentes no gráfico não é 100%

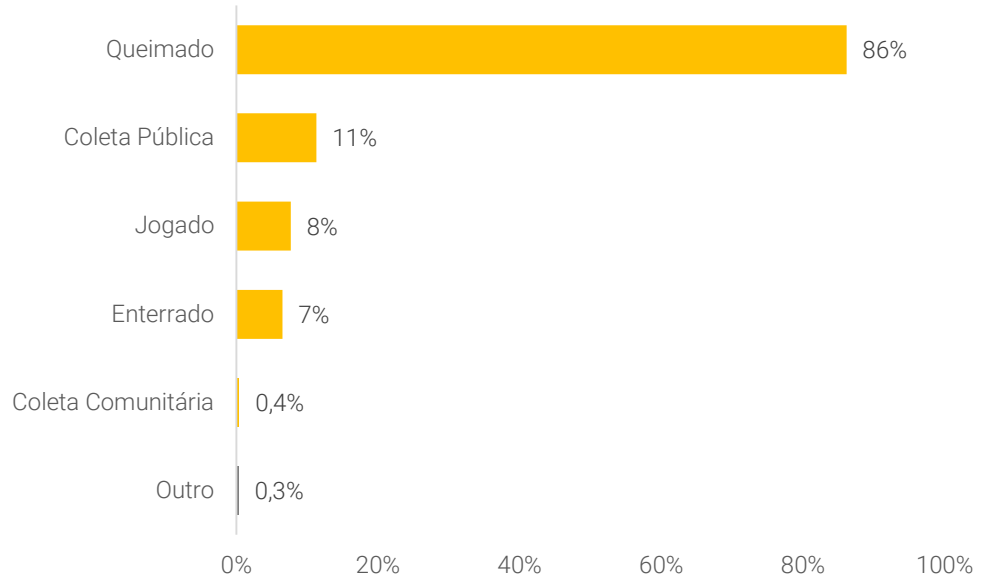
A maioria das casas mencionou dispor de tratamento do esgoto por meio de fossa séptica. Em seguida, 33% afirmaram que o esgoto corre a céu aberto. Segundo as/os quilombolas, a pergunta pode ter sido interpretada de duas formas: esgoto enquanto destino final de dejetos de banheiro ou destino final de dejetos de pia e lavagem de roupas. Ao fim, pesquisadores e participantes da oficina concluíram que o esgoto está relacionado ao banheiro, o que possivelmente justifica os 33% dos respondentes que indicaram que o esgoto corre a céu aberto.

As porcentagens fazem referência a 1.261 residências entrevistadas

INFRAESTRUTURA DA COMUNIDADE

COMPARTILHANDO MUNDOS

O que é feito com o lixo produzido pela casa?



* Dentre as 1.261 residências entrevistadas, 77 não responderam a pergunta.
**Questão de múltipla escolha. Os respondentes poderiam indicar mais de uma opção portanto a soma das porcentagens presentes no gráfico não é 100%

As porcentagens fazem referência a 1.261 residências entrevistadas

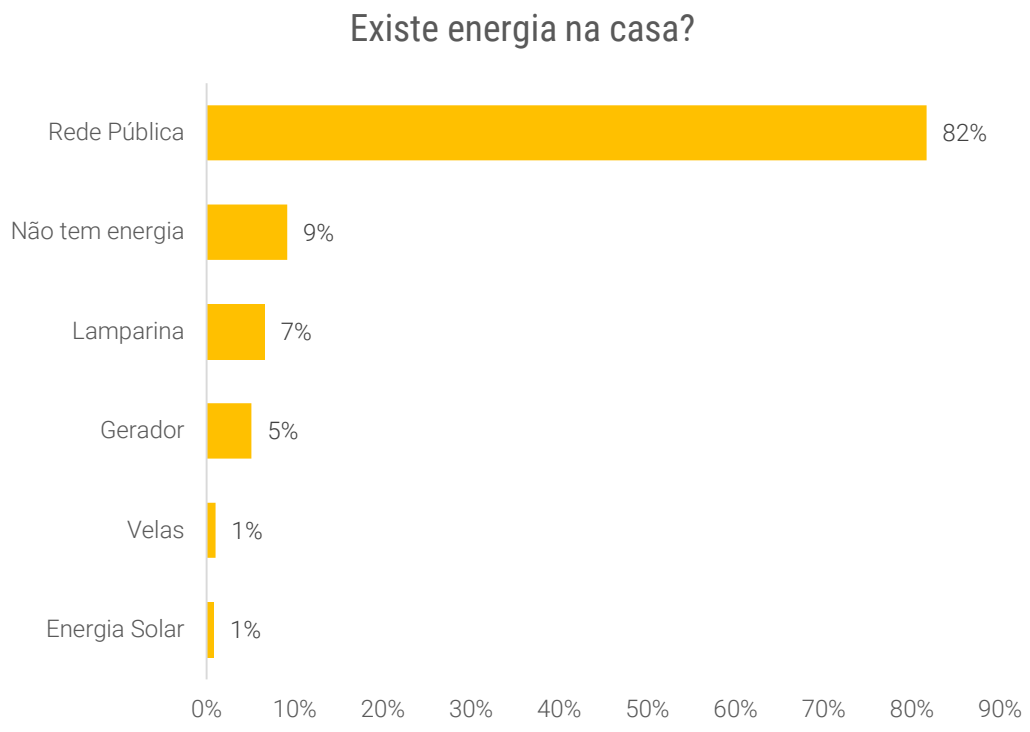
A maior parte das comunidades da pesquisa queima o lixo, pois, segundo os/as quilombolas, quando não há coleta pública, esta é a opção que resta.

As comunidades que têm acesso à coleta pública relataram que encaminharam requerimento à prefeitura solicitando o serviço, indicando, que outras comunidades fizessem o mesmo. Este foi o caso da comunidade Boa Vista do Itá.

No entanto, há casos de comunidades que já requisitaram oficialmente o serviço de coleta pública de lixo, mas não foram atendidos.

Alguns dos presentes sugeriram ainda que as comunidades tomassem a iniciativa de criar projetos de conscientização sobre a produção de lixo e práticas de não-desperdício. Também destacaram que o lixo orgânico para as comunidades quilombolas não é lixo, mas sim adubo.

INFRAESTRUTURA NA COMUNIDADE



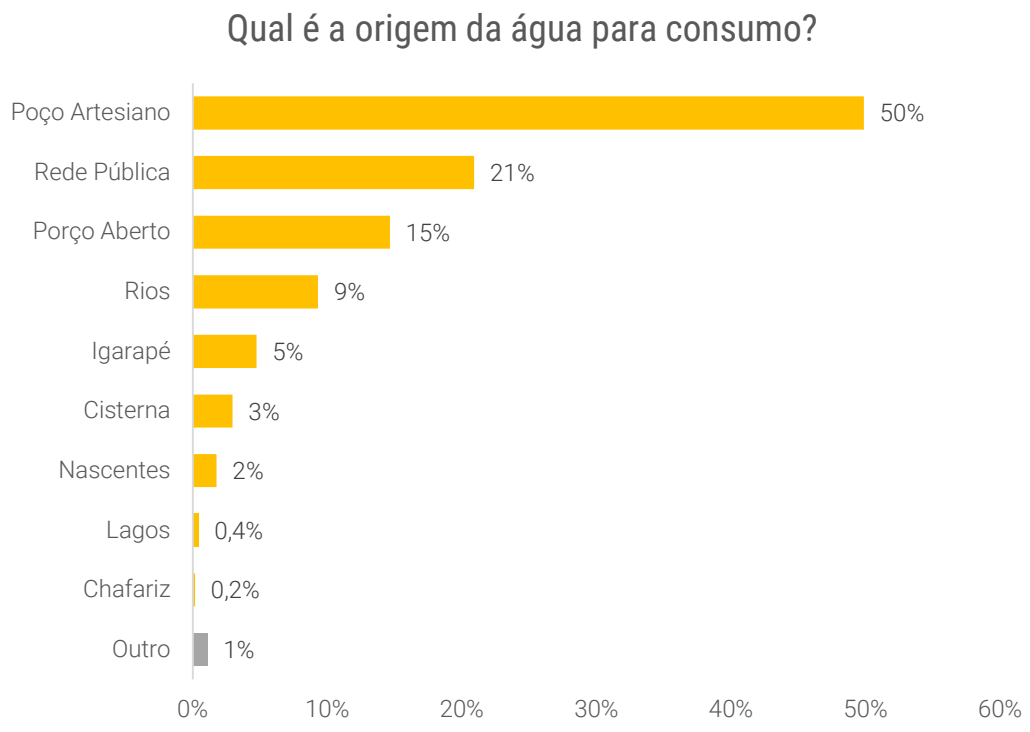
* Dentre as 1.261 residências entrevistadas, 78 não responderam a pergunta.
**Questão de múltipla escolha. Os respondentes poderiam indicar mais de uma opção portanto a soma das porcentagens presentes no gráfico não é 100%

A maioria das casas possui energia via rede pública, condição que passou a ser realidade a partir de 2003, com o Programa Luz para Todos. Mas, ainda assim, muitas comunidades quilombolas ainda não possuem rede elétrica.

As lideranças também ressaltaram que a atualmente a qualidade do serviço público de energia é ruim, caro e que, com frequência, algumas comunidades ficam sem energia por até quatro dias seguidos.

As porcentagens fazem referência a 1.261 residências entrevistadas

ACESSO À ÁGUA



* Dentre as 1.261 residências entrevistadas, 89 não responderam a pergunta.
**Questão de múltipla escolha. Os respondentes poderiam indicar mais de uma opção portanto a soma das porcentagens presentes no gráfico não é 100%

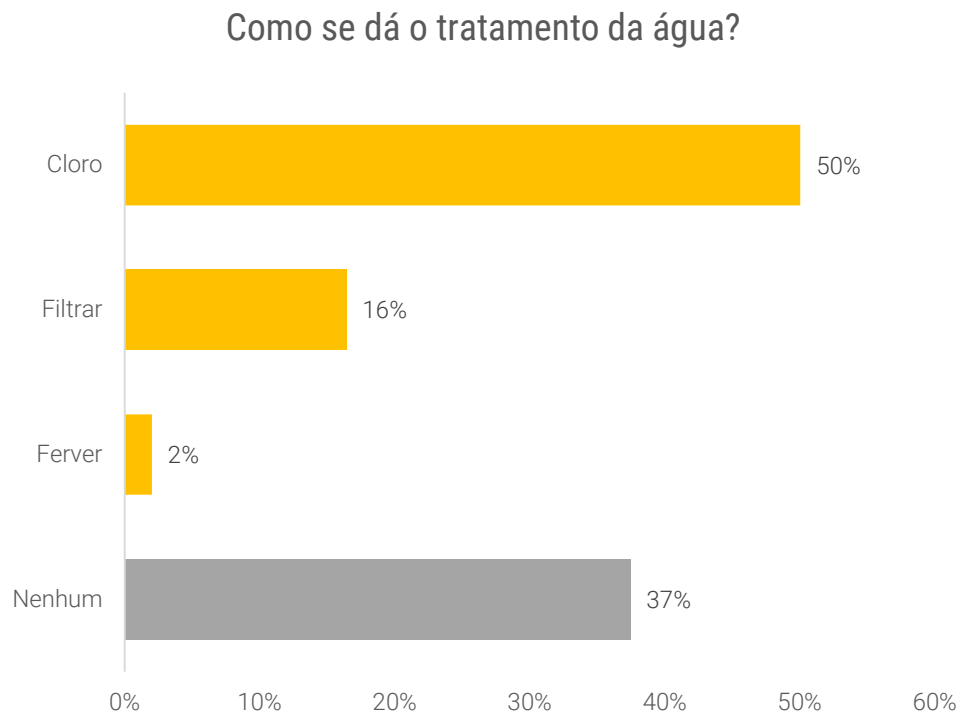
As porcentagens fazem referência a 1.261 residências entrevistadas

A maioria das casas entrevistadas acessa a água para consumo via poço artesiano, a água é retirada do poço direto para o consumo. Existem políticas de governo voltadas para a instalação dos poços artesianos, mas não acontece em todas as comunidades. Portanto, é comum que os próprios quilombolas se mobilizam e instalem os poços nas comunidades.

Em relação aos 21% que responderam que a origem da água é a rede pública, os/as quilombolas disseram que significa que a água é proveniente de poços artesianos cavados e instalados pelo governo, pois não há indícios de rede pública em nenhuma das comunidades da pesquisa.

Lideranças ressaltaram a água nas escolas das comunidades quilombolas falta com frequência e que a qualidade da água proveniente dos poços está comprometida, por conta da utilização de agrotóxicos em plantações nos arredores das comunidades que contaminam o solo e os lençóis freáticos.

ACESSO À ÁGUA



* Dentre as 1.261 residências entrevistadas, 172 não responderam a pergunta.
**Questão de múltipla escolha. Os respondentes poderiam indicar mais de uma opção portanto a soma das porcentagens presentes no gráfico não é 100%

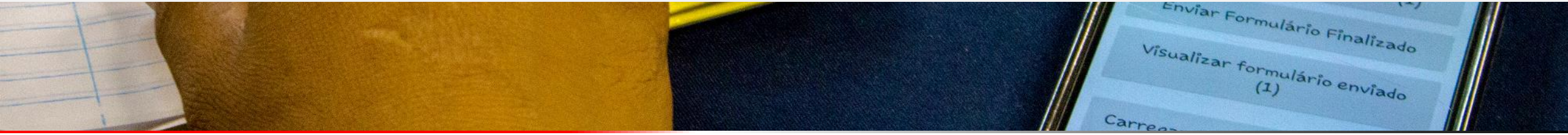
A maioria dos entrevistados respondeu que o tratamento da água se dá por meio do cloro. Durante a oficina de análise de dados, os/as quilombolas relataram que esse tratamento ocorre quando eles/elas conseguem comprar o cloro. Antes havia o fornecimento público por meio do trabalho dos agentes de saúde que atuavam nas comunidades quilombolas.

As lideranças alegaram que em algumas comunidades os moradores relaram que a água do poço dispensa o uso de cloro pois é mineral. Mas, faltam estudos que comprovem que a qualidade da água está de fato apta para consumo.

Segundo os/as quilombolas, falta informação que garanta a qualidade da água, especialmente se forem levadas em consideração as atividades agrícolas dos arredores das comunidades.

As porcentagens fazem referência a 1.261 residências entrevistadas

NOSSO TRABALHO



REALIZAÇÃO
Projetos Sociais Ecam
Google Earth Outreach
CONAQ
USAID DO POVO DOS ESTADOS UNIDOS
REALIZAÇÃO TÉCNICA
INSTITUTO BRASILEIRO DE PESQUISA E ANÁLISE DE DADOS

Foto por: Ana Carolina Fernandes

TRABALHO E RENDA NA PERSPECTIVA DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO PARÁ

Para as comunidades do Pará, trabalho é...

"É tudo que faço na minha comunidade: cozinhar, roçar, plantar, cuidar de casa...".

"É todo e qualquer esforço que consome energia".

"O trabalho consiste em toda ação que envolve tanto a parte social quanto a parte produtiva".

Para as comunidades do Pará, renda é…

"Renda é vista como monetária em sua maioria, mas a troca também é uma forma de renda".

"É toda e qualquer fonte que ajude no mantimento mensal da família".

As/os quilombolas também destacaram a necessidade de pensar trabalho e renda sob a perspectiva do meio rural e com as especificidades das comunidades quilombolas.

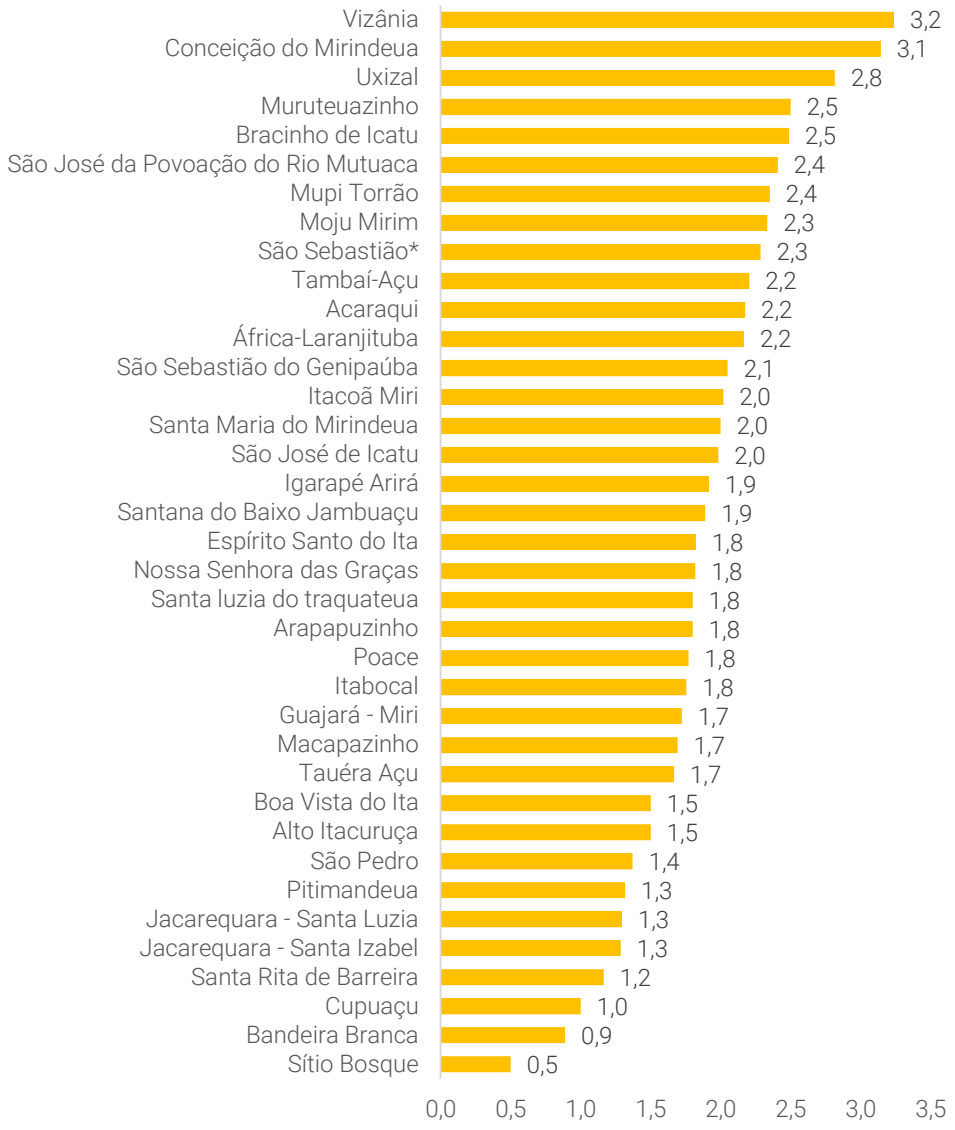
RENDA FAMILIAR

O trabalho coletivo é muito presente nas comunidades. Portanto, os/as quilombolas manifestaram que todas as pessoas da casa se envolvem na renda familiar de alguma forma. Para as casas que responderam que duas ou menos pessoas ajudam na renda, os presentes levantaram a hipótese de que os entrevistados consideraram apenas os provedores na figura de pais e mães ao responder a pergunta.

Outra observação foi a de que, provavelmente, quanto mais pessoas moram em uma casa, mais pessoas ajudarão na renda. Em Guajarina I, as comunidades Samauma e Conceição do Mirindeua apresentaram as maiores médias porque também apresentaram maior média de pessoas por casa.

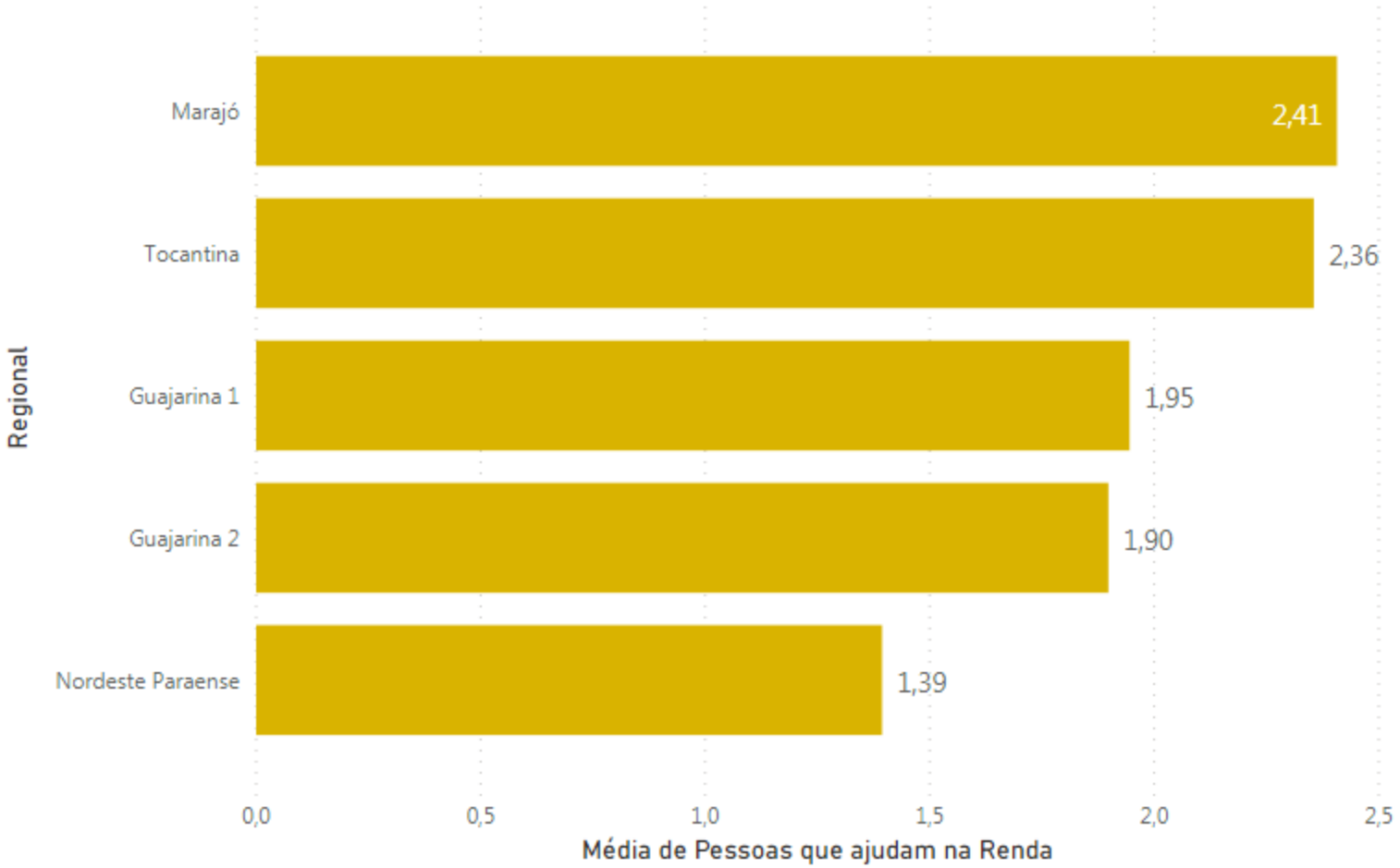
Também foi comentada a dificuldade de reconhecimento do trabalho doméstico enquanto trabalho que também contribui para a renda.

Média de pessoas que ajudam com a renda em casa?

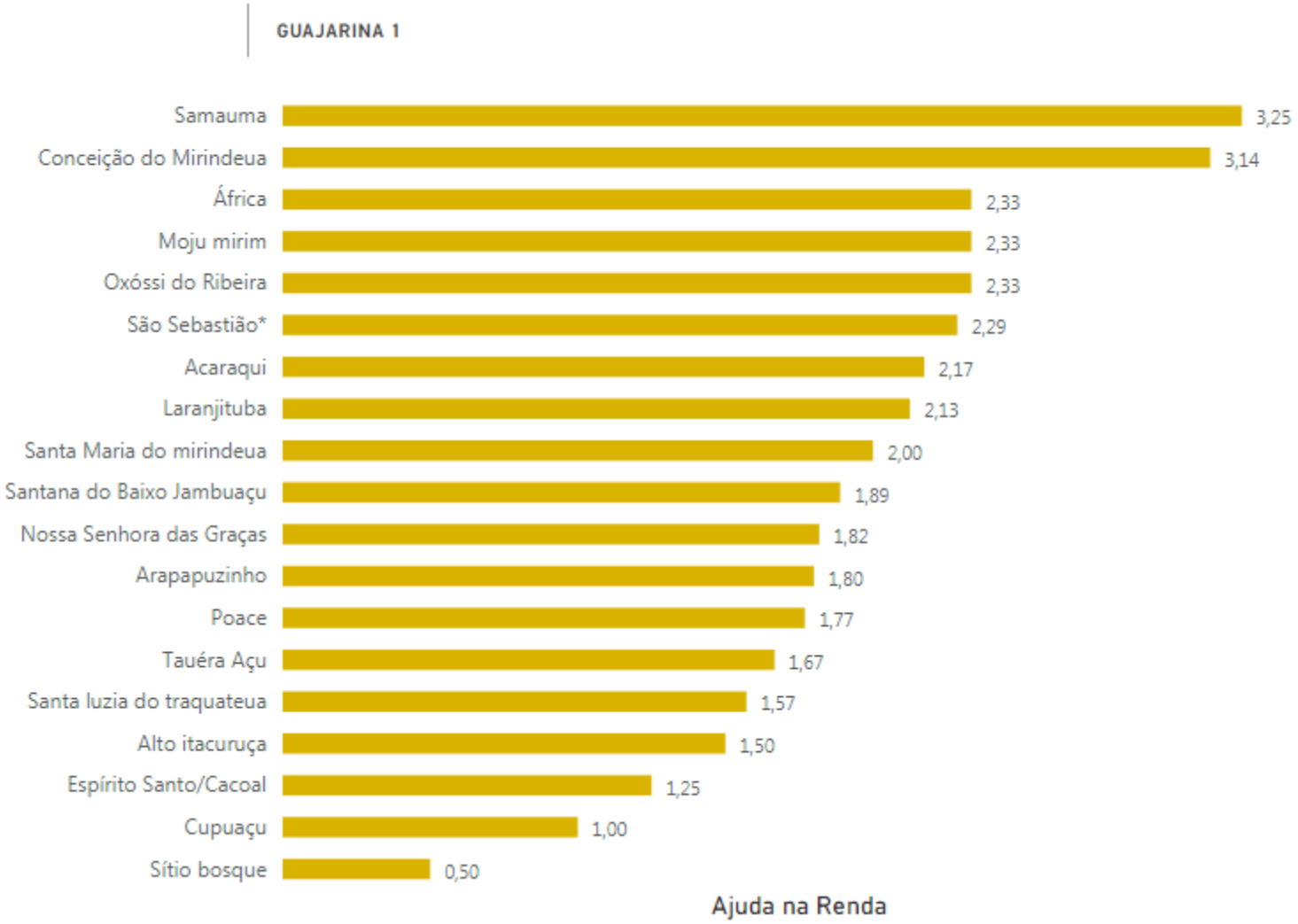


As porcentagens fazem referência a 1.261 residências entrevistadas

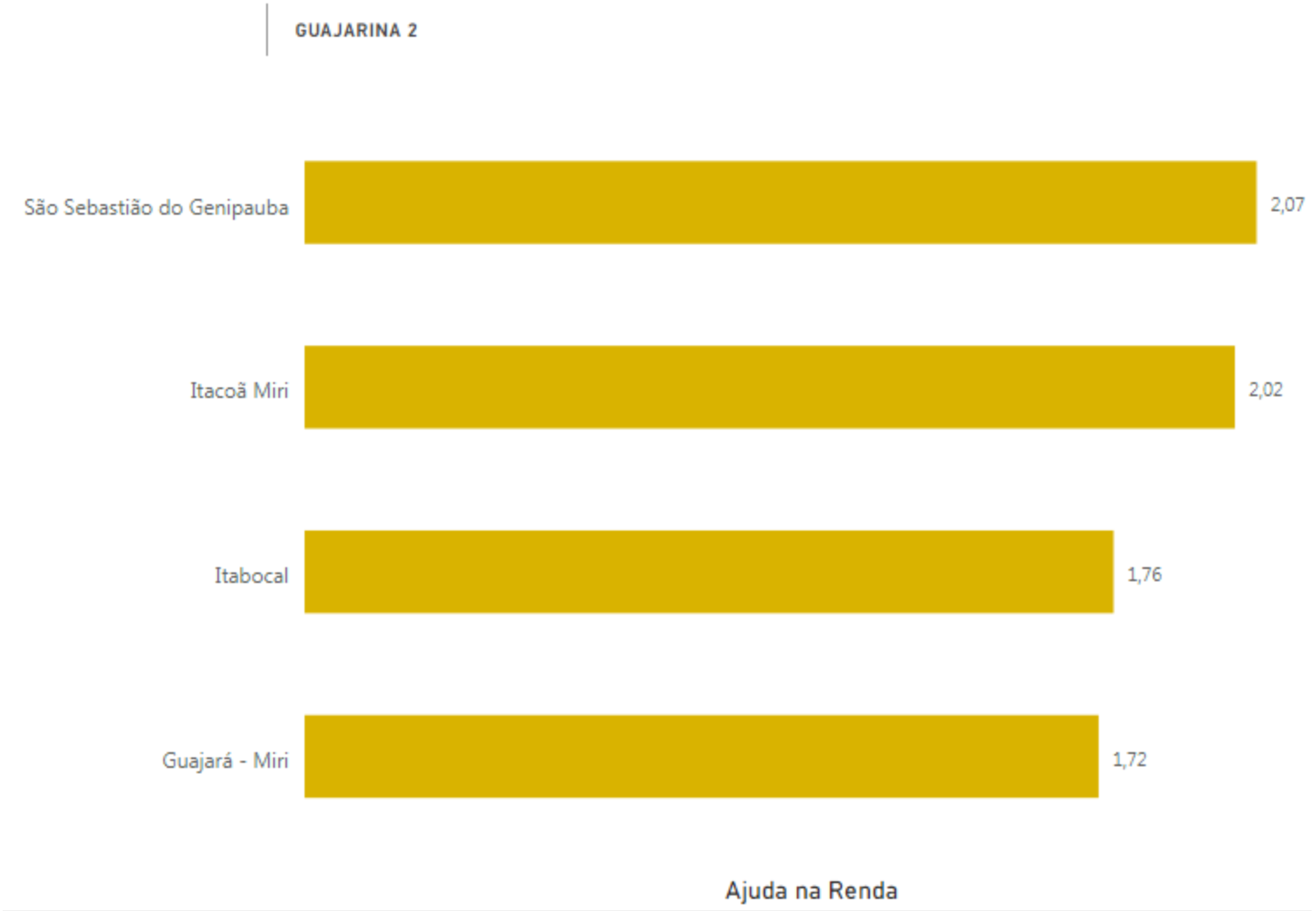
RENDA FAMILIAR - REGIONAIS



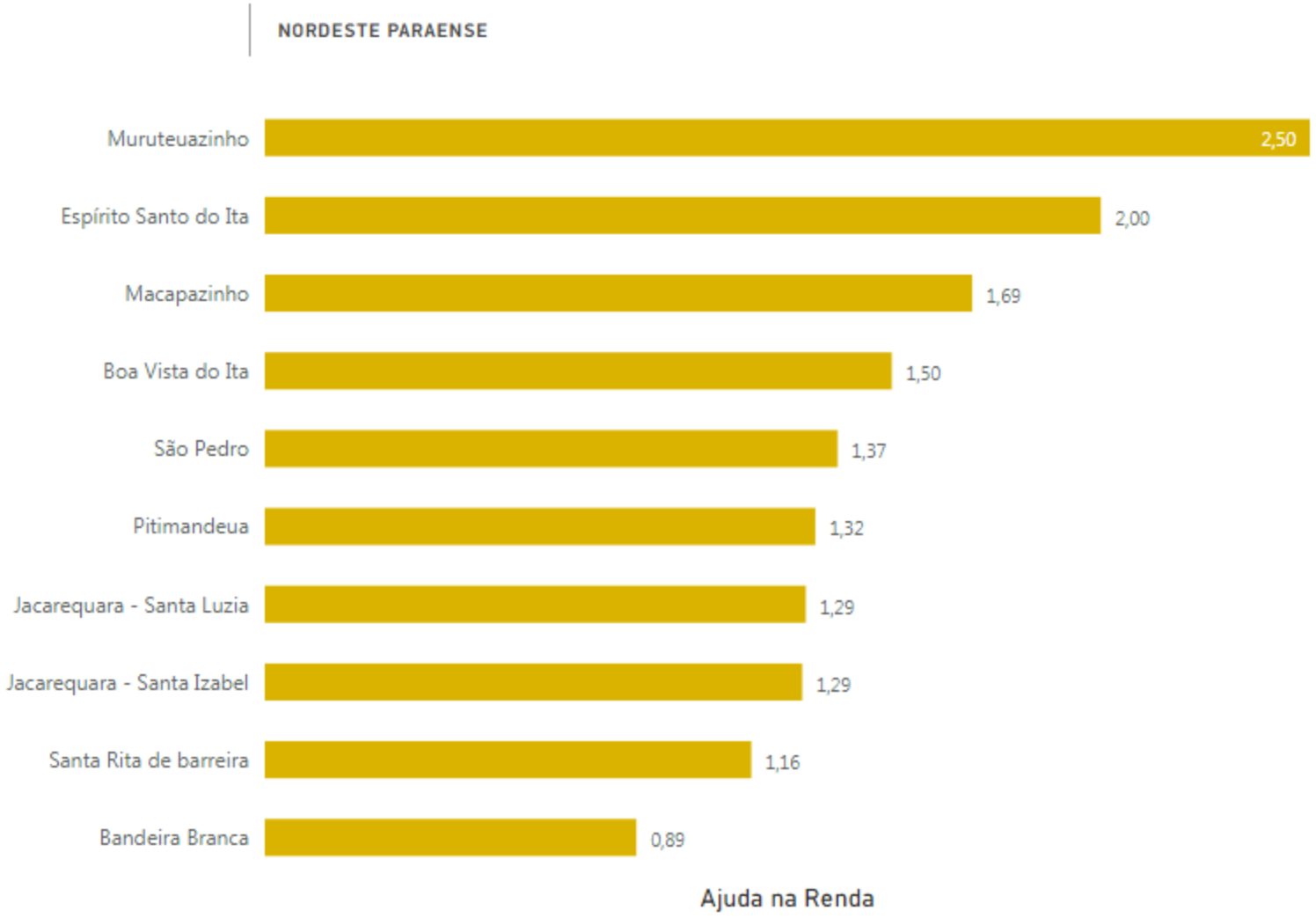
RENDA FAMILIAR – REGIONAL GUAJARINA I



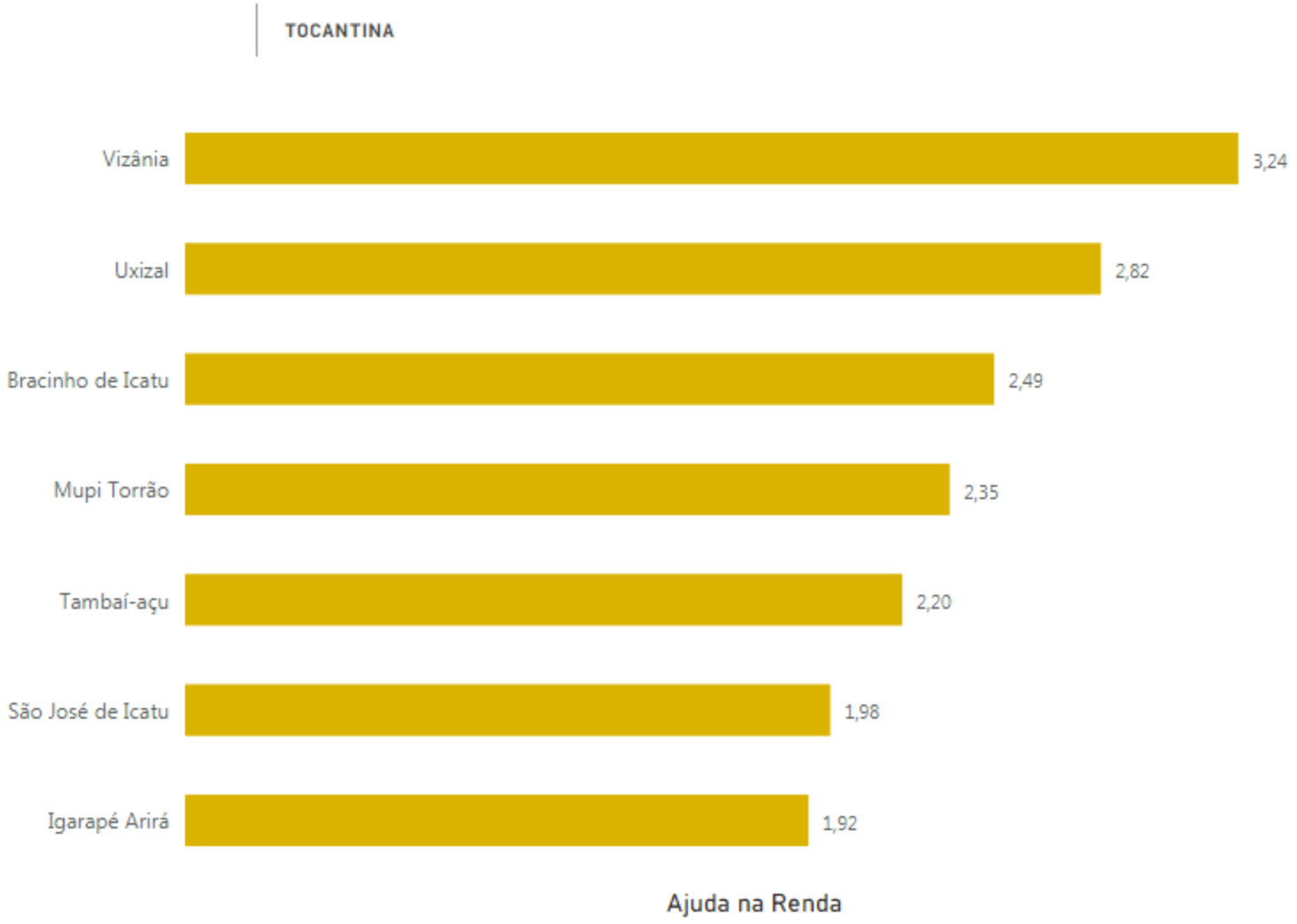
RENDA FAMILIAR – REGIONAL GUAJARINA II



RENDA FAMILIAR – REGIONAL NORDESTE PARAENSE

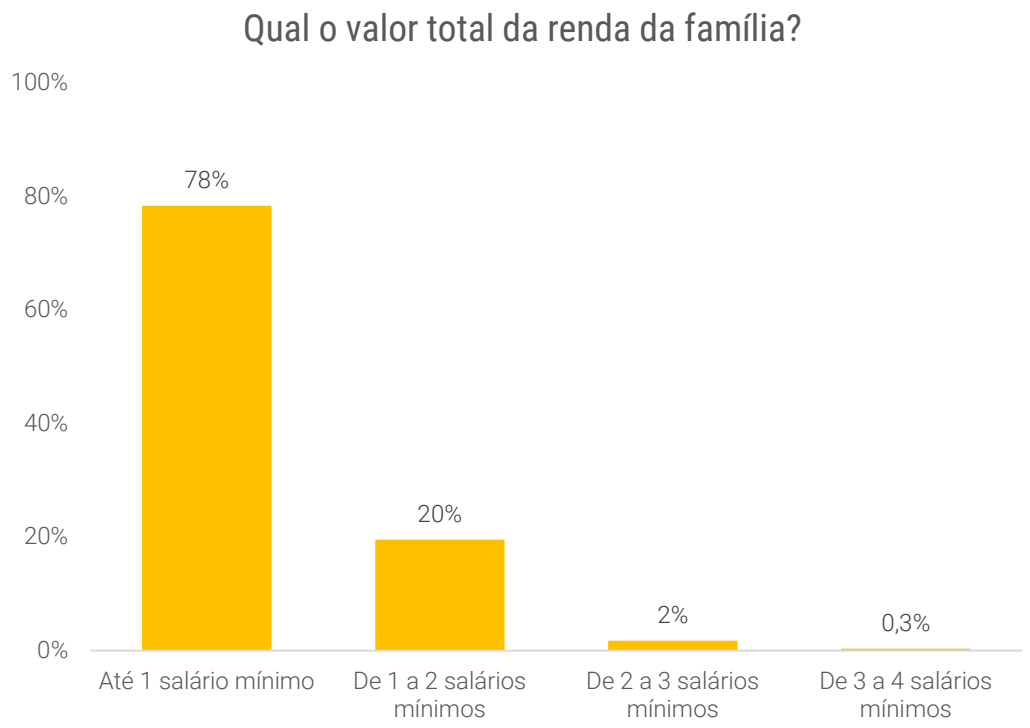


RENDA FAMILIAR – REGIONAL TOCANTINA



RENDA FAMILIAR – REGIONAL MARAJÓ

RENDA FAMILIAR



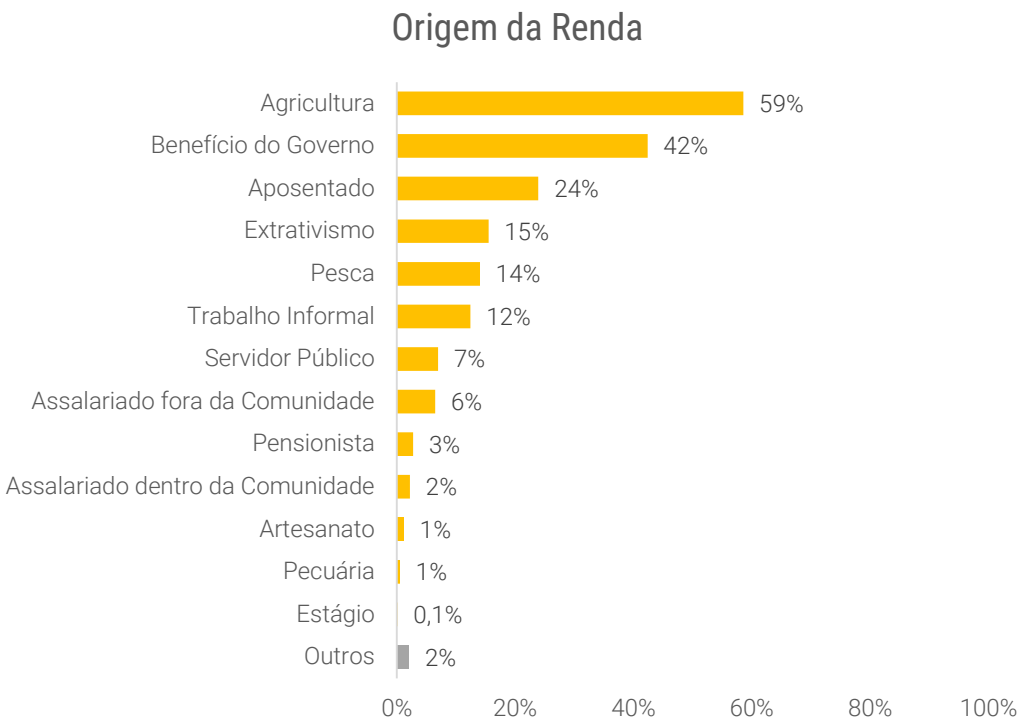
* Dentre as 1.261 residências entrevistadas, 105 não responderam a pergunta.

A maior parte das famílias vive com renda de até um salário mínimo. Vale ressaltar que algumas formas de geração de renda não foram contabilizadas, por exemplo, as trocas realizadas também são reconhecidas como renda, pois contribuem para o mantimento das famílias.

Segundo os/as quilombolas, a faixa predominante de renda está associada ao recebimento de aposentadoria ou do Benefício de Prestação Continuada - BPC.

As porcentagens fazem referência a 1.261 residências entrevistadas

RENDA FAMILIAR



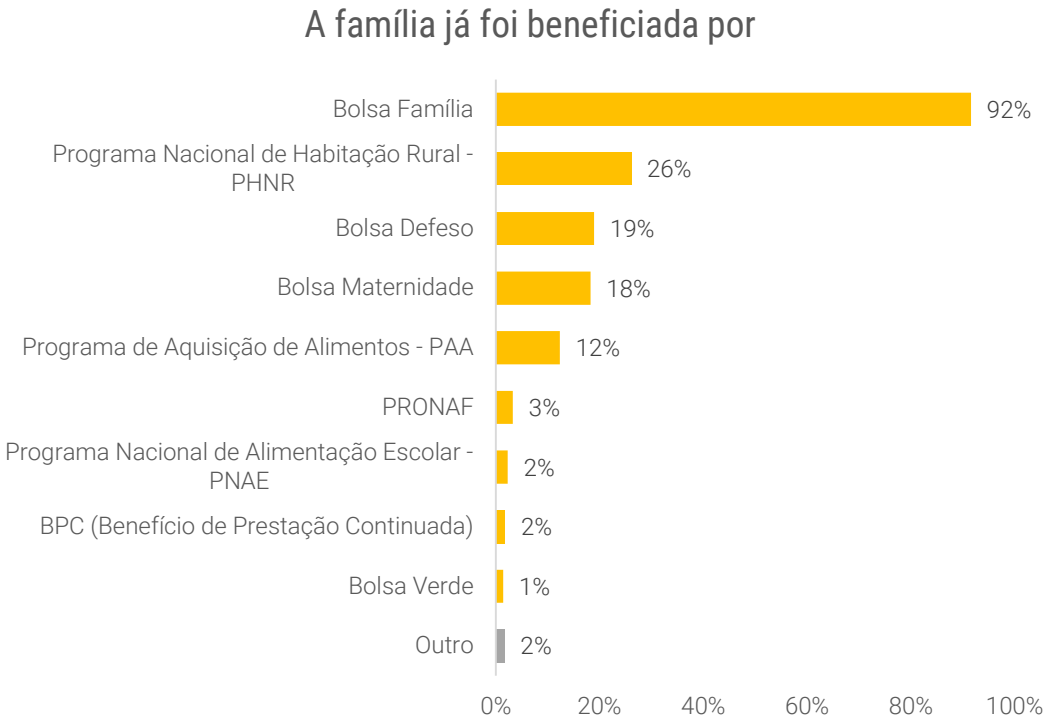
* Dentre as 1.261 residências entrevistadas, 86 não responderam a pergunta.
**Questão de múltipla escolha. Os respondentes poderiam indicar mais de uma opção portanto a soma das porcentagens presentes no gráfico não é 100%

A maior parte da renda das famílias vem da agricultura. As comunidades quilombolas da pesquisa produzem, principalmente, mandioca, banana, mamão, caju, açaí, cupuaçu, etc.

Em seguida, como fonte de renda, estão os benefícios do governo que compreendem o Bolsa Família, BPC, Seguro Defesa, entre outros.

As porcentagens fazem referência a 1.261 residências entrevistadas

BENEFÍCIOS



* Dentre as 1.261 residências entrevistadas, 264 não responderam a pergunta.
**Questão de múltipla escolha. Os respondentes poderiam indicar mais de uma opção portanto a soma das porcentagens presentes no gráfico não é 100%

O principal benefício que as famílias acessaram foi o Bolsa Família. Na oficina de análise dos dados, os/ as quilombolas relataram que hoje o acesso está mais difícil. Eles/elas alegaram casos de suspensão do Bolsa Família porque os órgãos governamentais afirmam, equivocadamente, que as pessoas ganham o suficiente e não precisam do benefício.

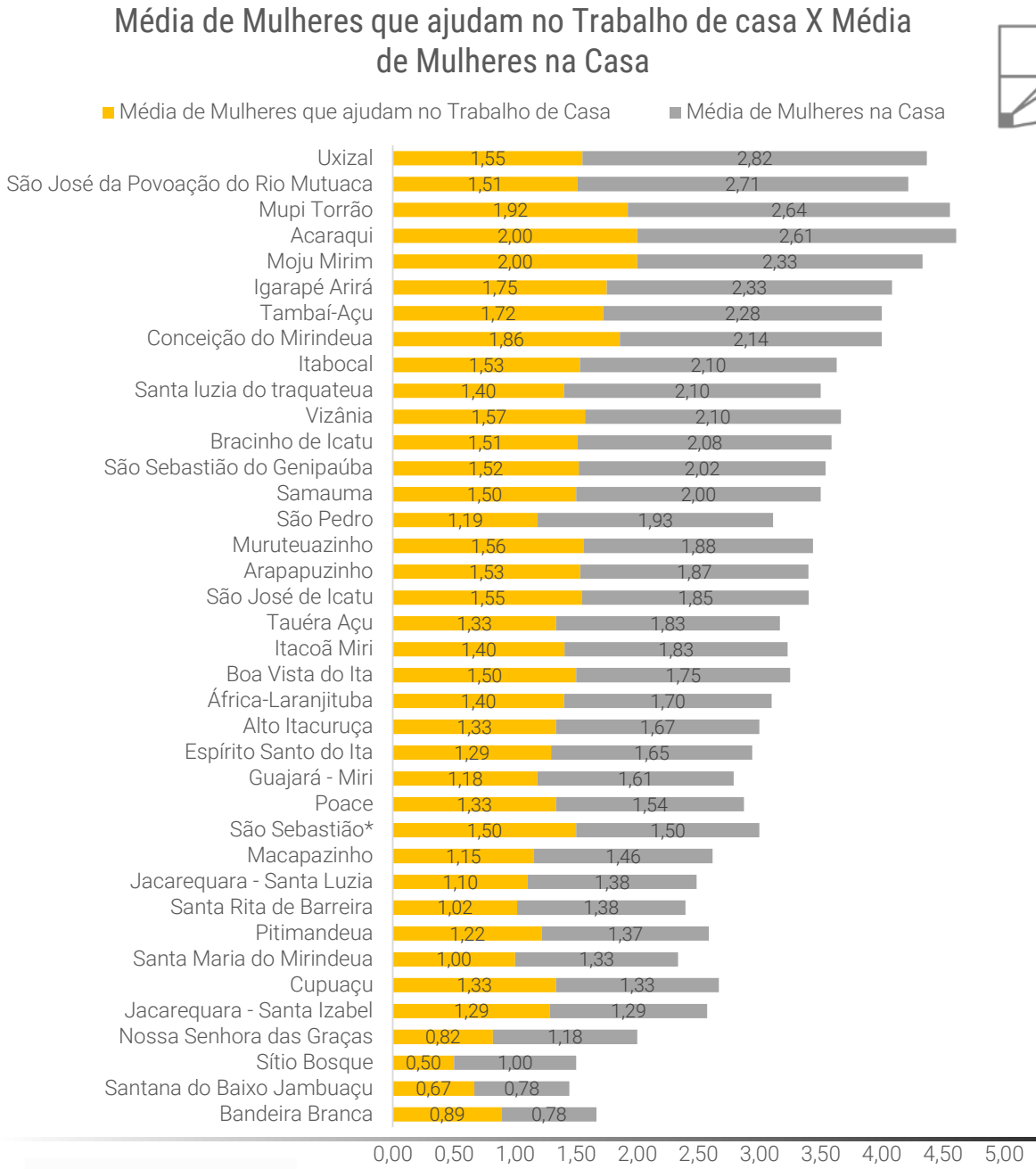
Em relação ao Programa Nacional de Habitação Rural (PNHR), os/as quilombolas disseram que muitos solicitaram o benefício mas não conseguiram acessá-lo.

As porcentagens fazem referência a 1.261 residências entrevistadas

TRABALHO DE CASA

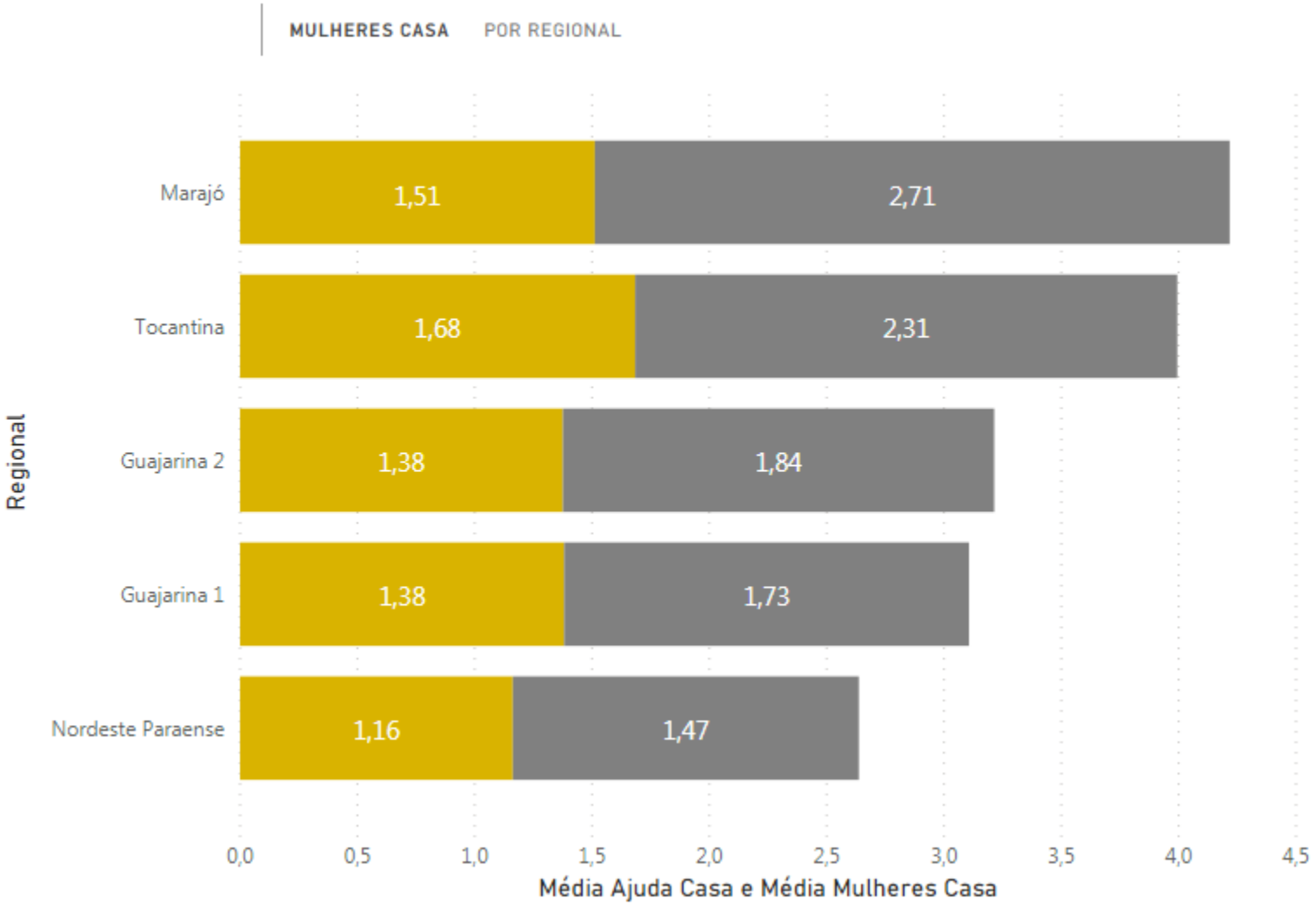
Em geral, todas as mulheres ajudam no trabalho de casa. As mulheres quilombolas relataram que ainda enfrentam dificuldades para que este trabalho seja reconhecido.

Segundo os participantes da oficina de análise de dados, a proporção mostrada ao lado se aplica à realidade.



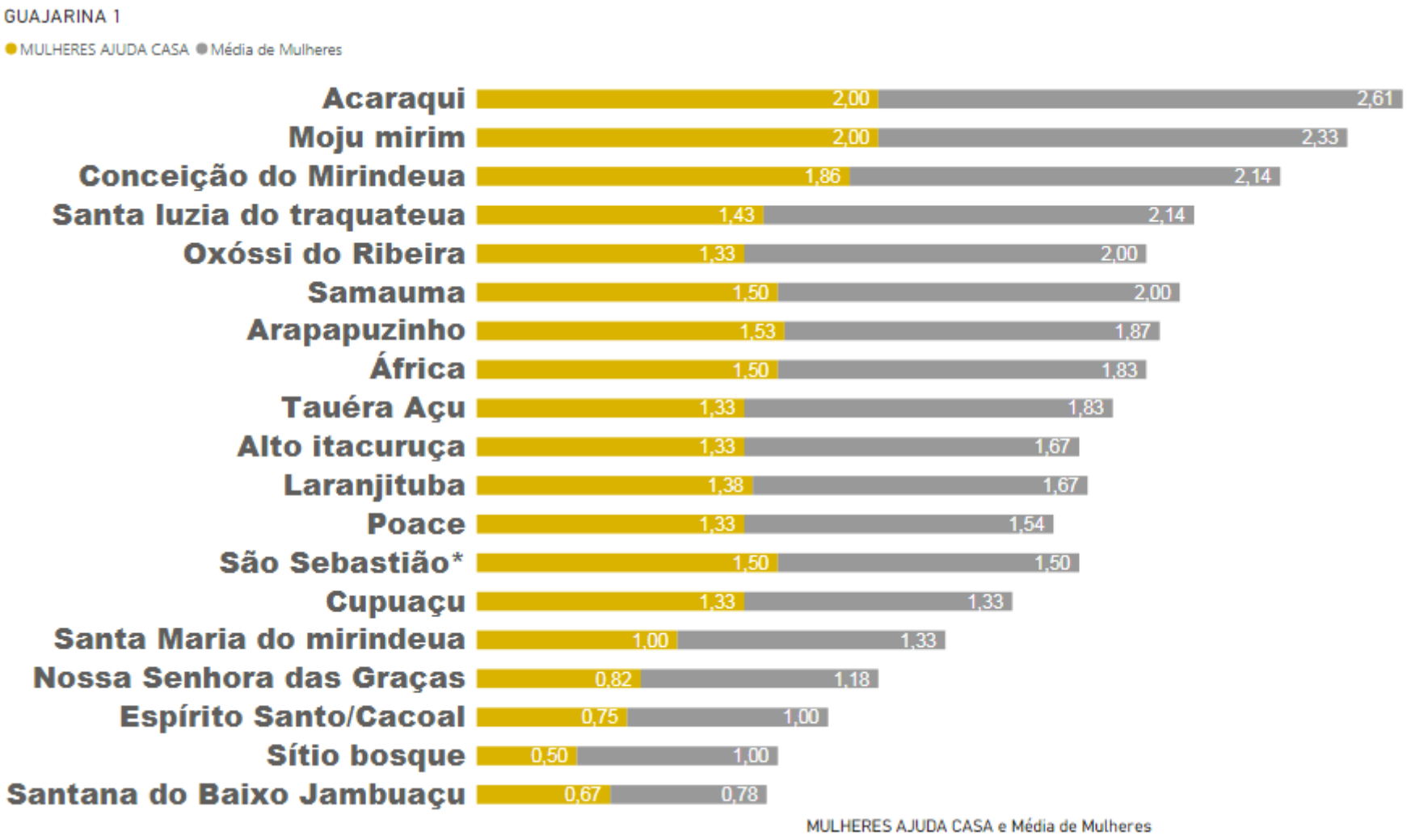
As porcentagens fazem referência a 1.261 residências entrevistadas

MULHERES QUE AJUDAM NA CASA - REGIONAIS



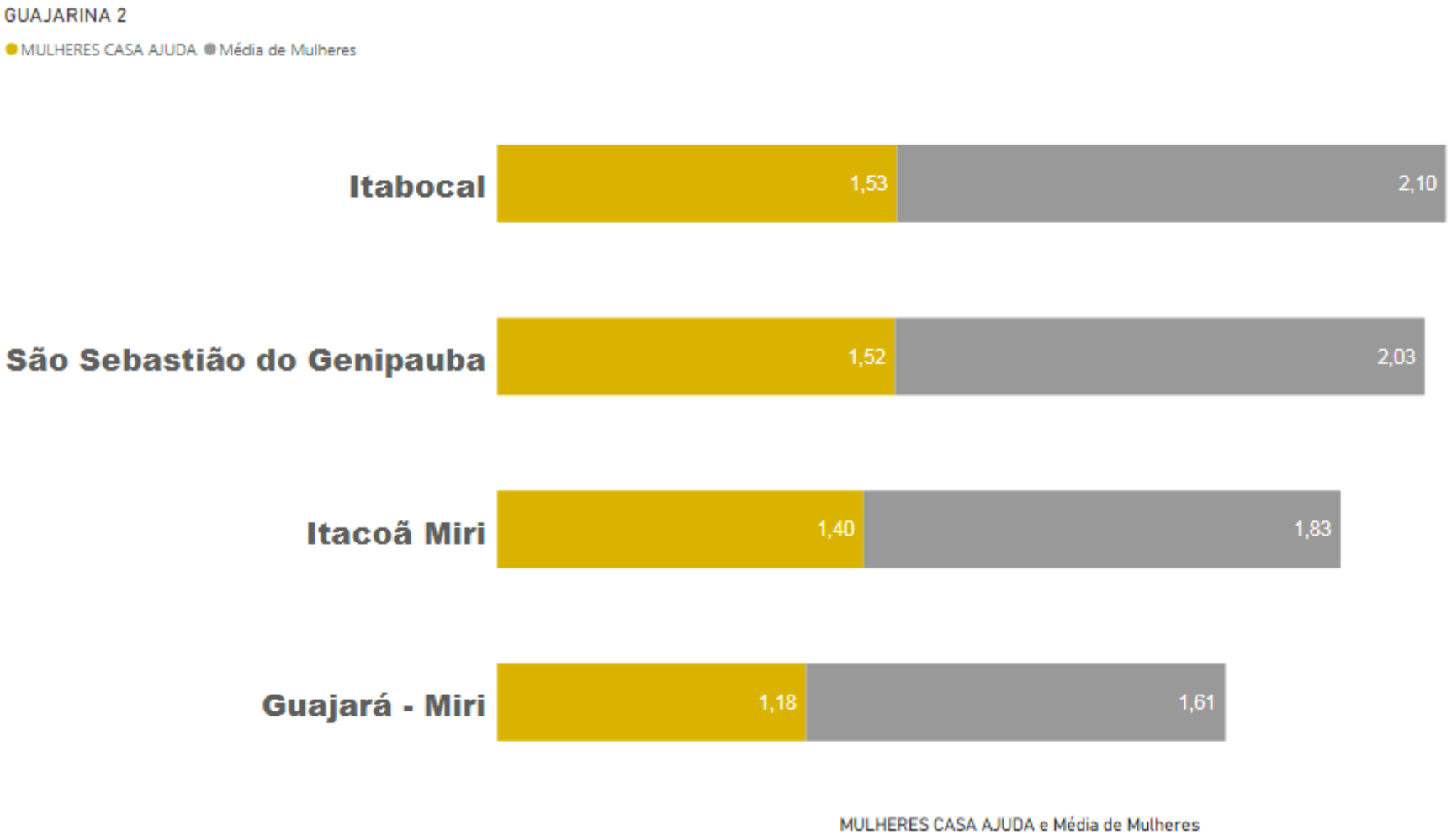
MULHERES QUE AJUDAM NA CASA – REGIONAL GUAJARINA I

COMPARTILHANDO MUNDOS



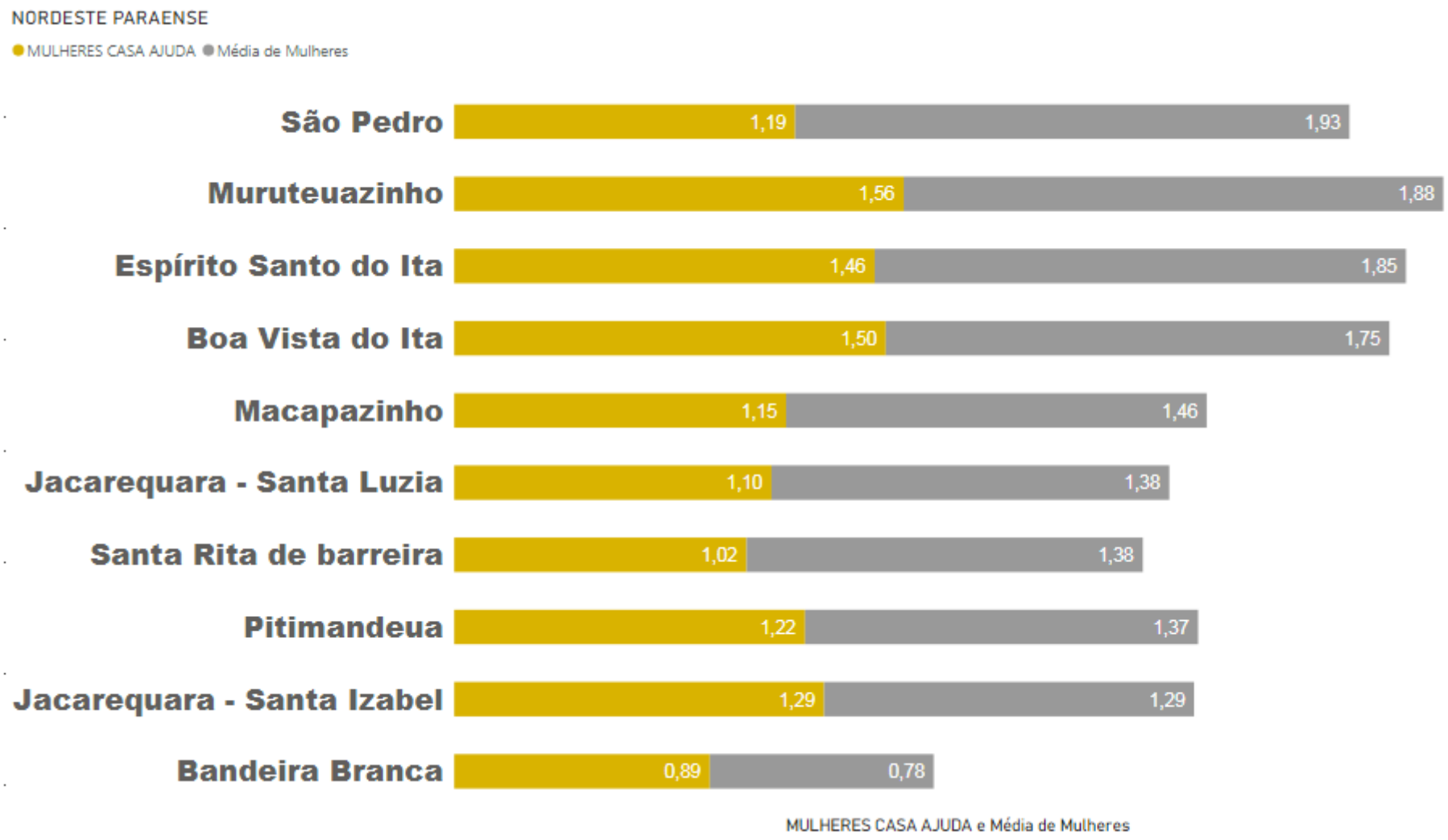
MULHERES QUE AJUDAM NA CASA – REGIONAL GUAJARINA II

COMPARTILHANDO MUNDOS



MULHERES QUE AJUDAM NA CASA – REGIONAL NORDESTE PARAENSE

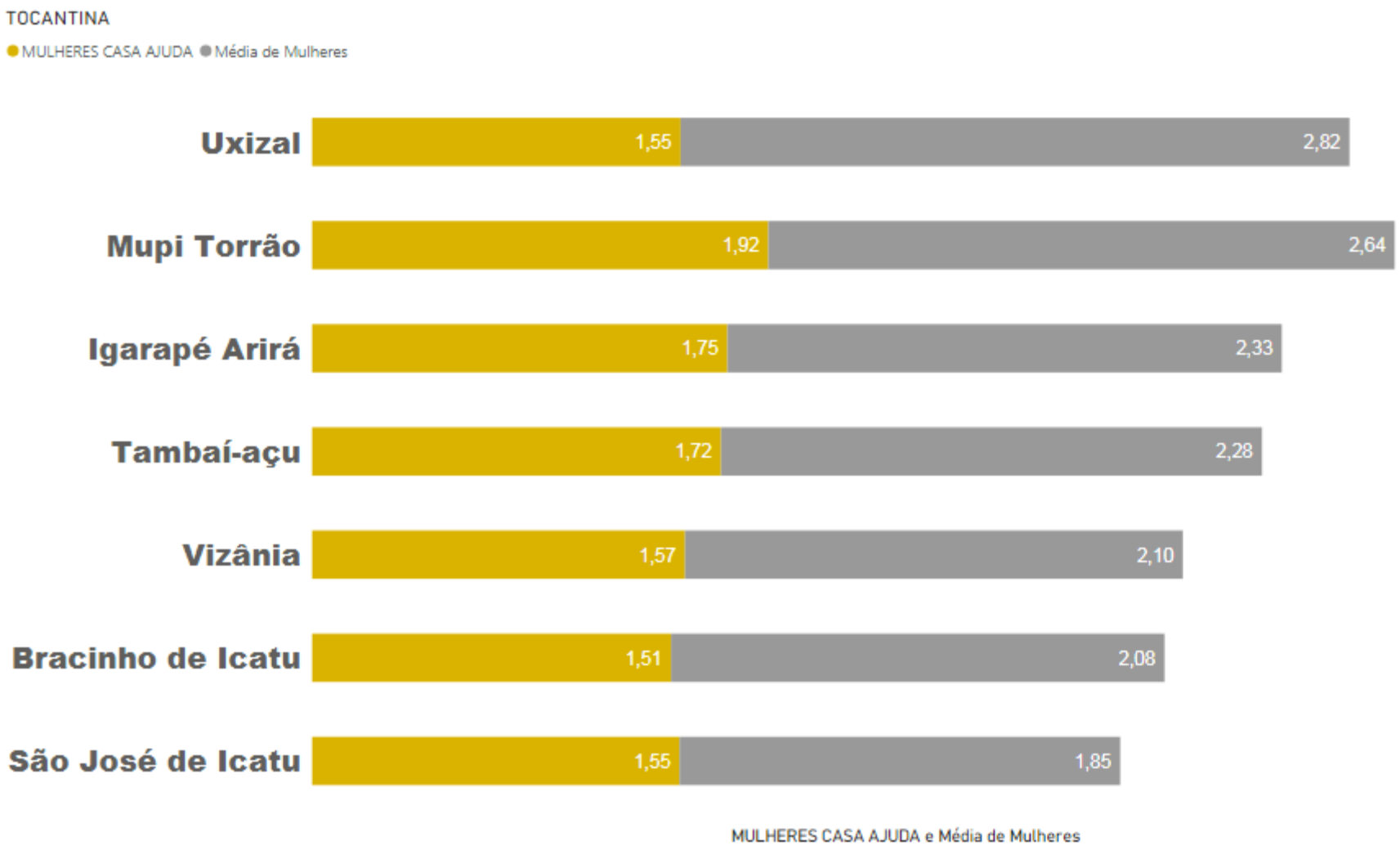
COMPARTILHANDO MUNDOS



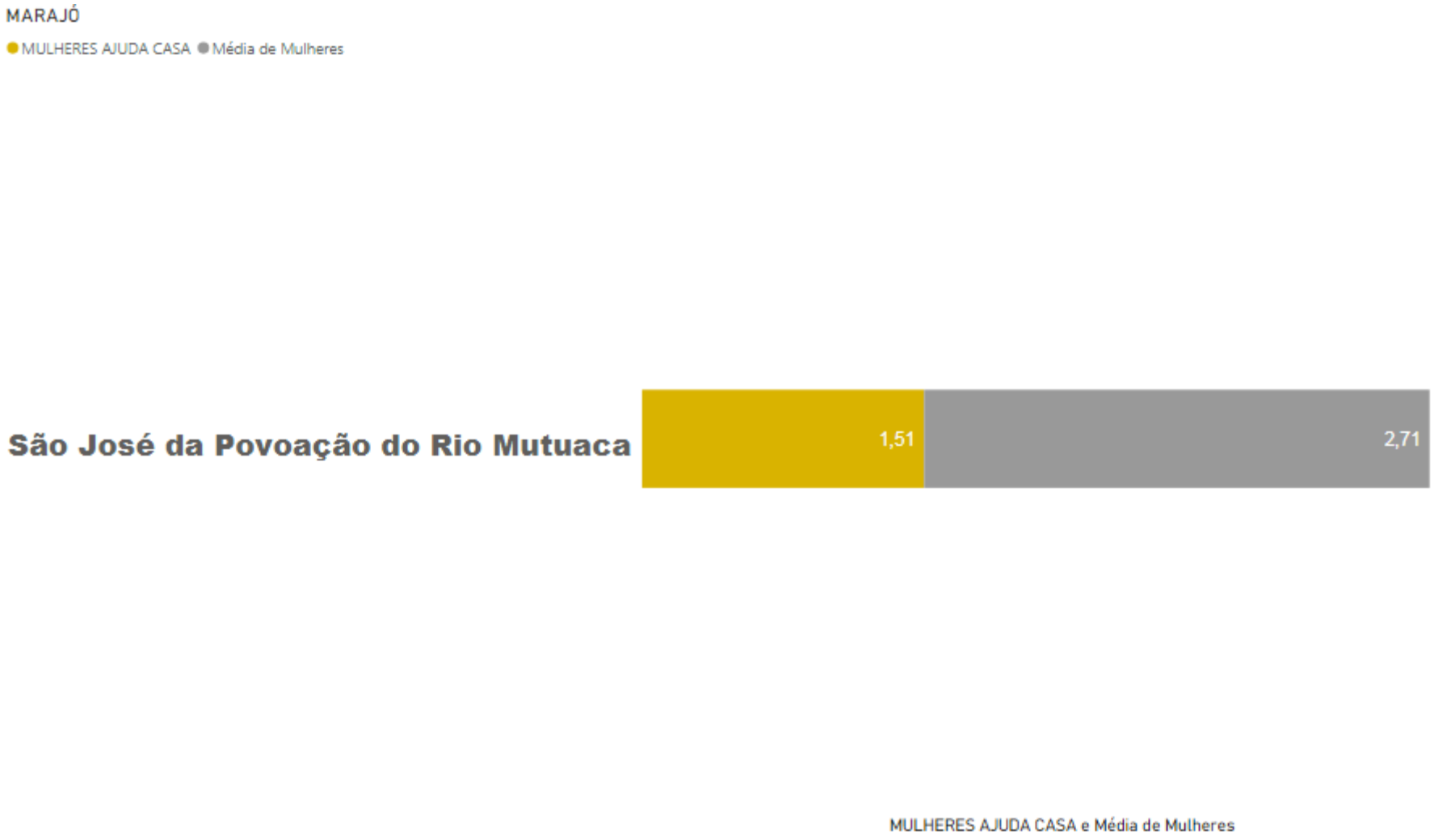
REALIZAÇÃO Ecam Projetos Sociais Google Earth Outreach CONAQ USAID DO POVO DOS ESTADOS UNIDOS

REALIZAÇÃO TÉCNICA IPAD INSTITUTO BRASILEIRO DE PESQUISA E ANÁLISE DE DADOS

MULHERES QUE AJUDAM NA CASA – REGIONAL TOCANTINA



MULHERES QUE AJUDAM NA CASA – REGIONAL MARAJÓ



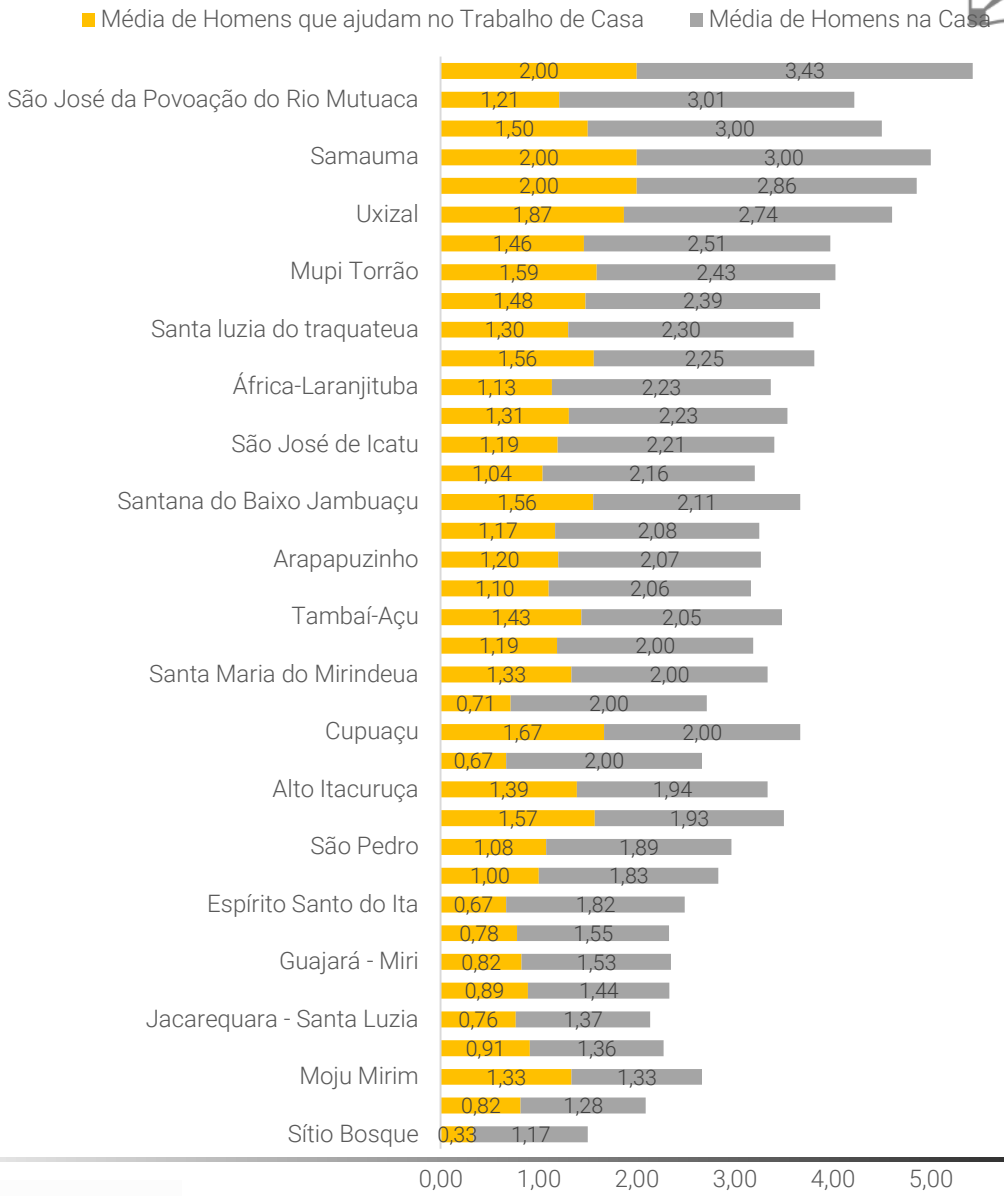
TRABALHO DE CASA

Sobre a proporção de homens ajudam no trabalho de casa, na regional Guajarina I pelo menos um homem contribui com o trabalho da casa. Sítio Bosque e Cacoal apresentaram as menores médias. Já em Conceição do Mirindeua e Samauma pelo menos dois homens ajudam na casa.

Na regional Nordeste Paraense, Muruteuazinho, Macapazinho e São Pedro tem a maior participação de homens nas tarefas de casa. Já nas outras comunidades menos de um homem, em média, contribui no trabalho de casa. Em Boa Vista do Itá, os moradores disseram que as mulheres trabalham na lavoura e os homens fazem o trabalho de casa, apesar da média não ter mostrado esse fato.

Na regional Marajó, poucos homens ajudam no trabalho de casa, e isso é justificado, segundo os quilombolas, porque o trabalho dos homens é mais presente na roça.

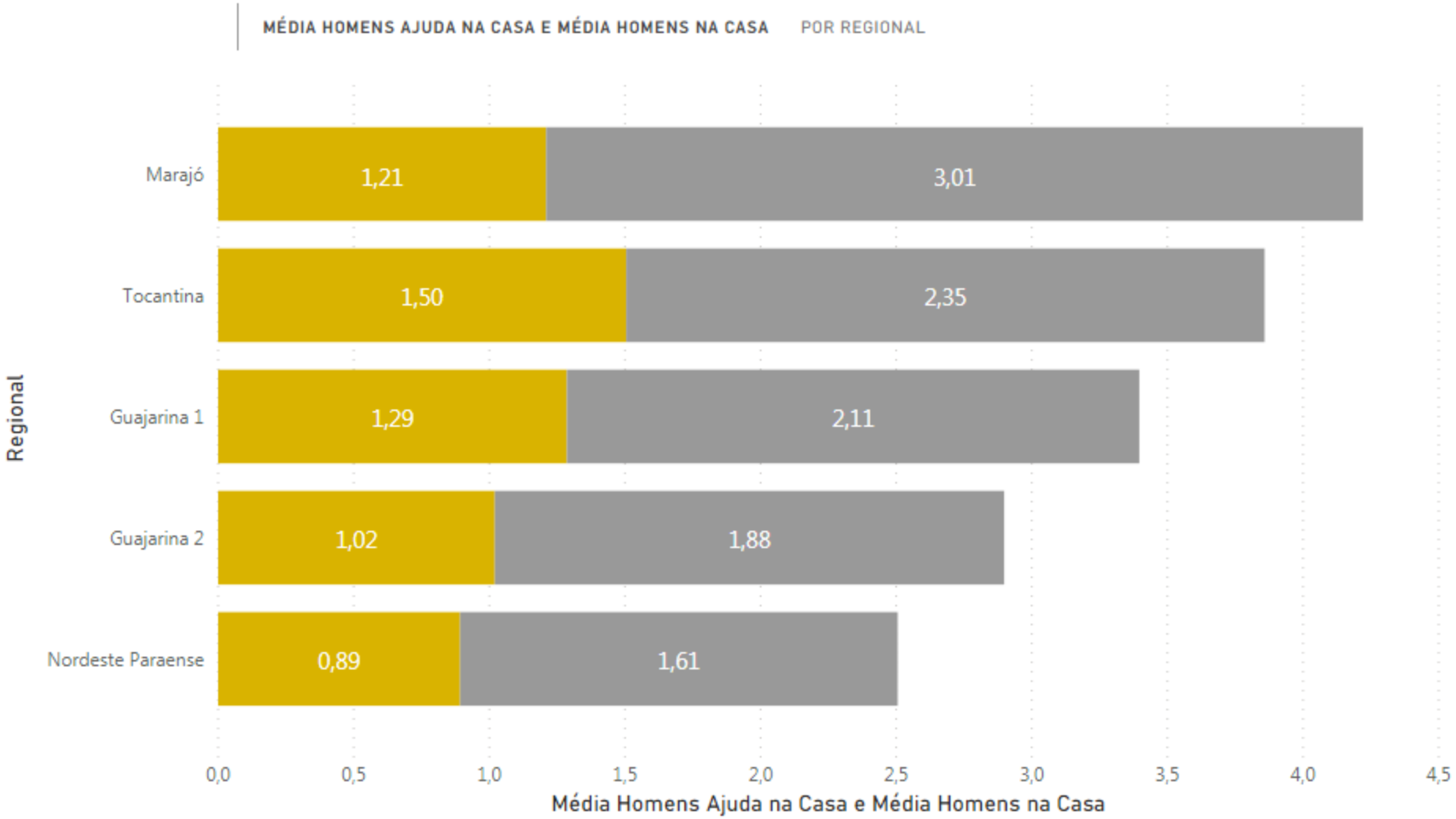
Média de Homens que ajudam no Trabalho de casa X Média de Homens na Casa



As porcentagens fazem referência a 1.261 residências entrevistadas

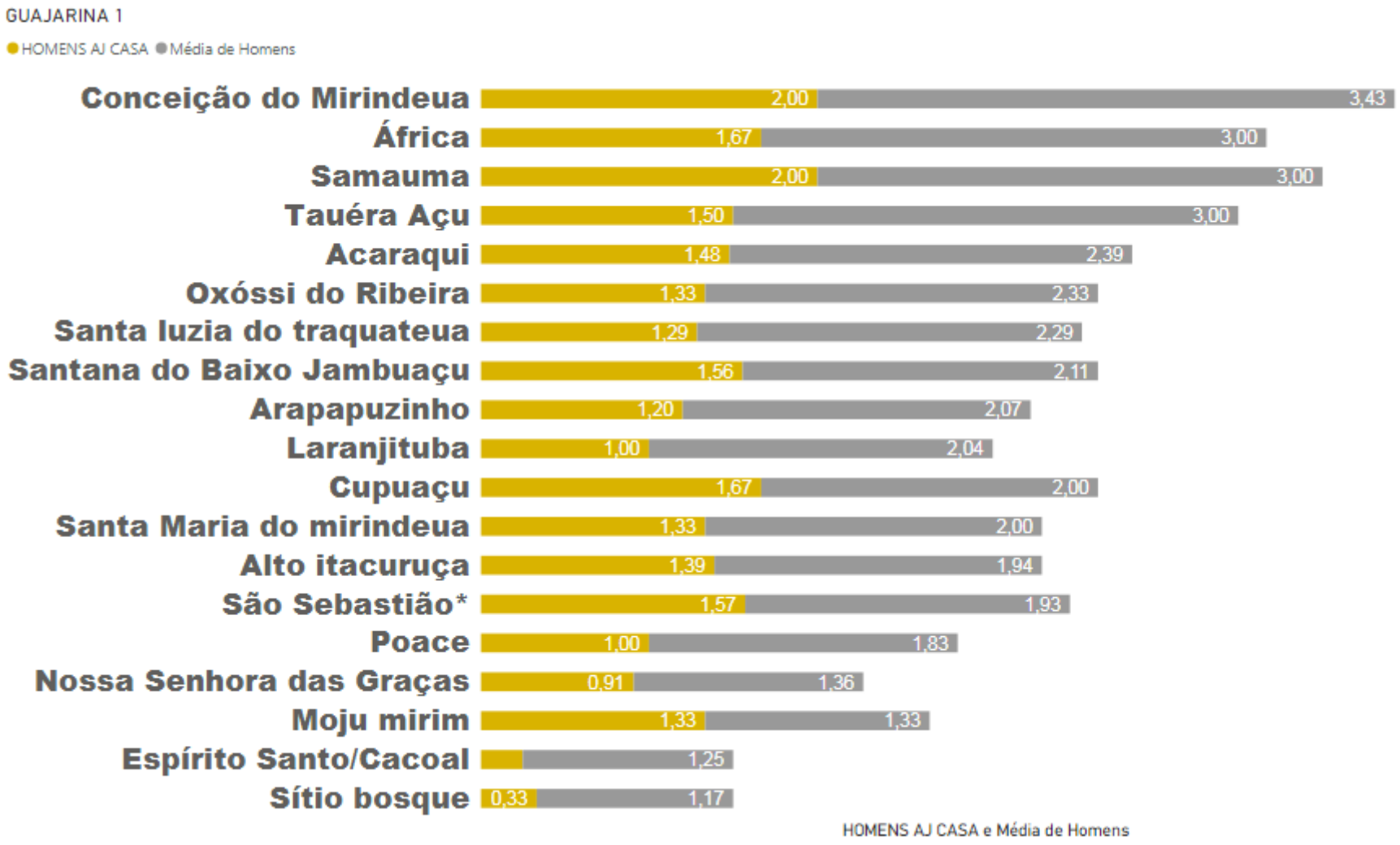
REALIZAÇÃO Ecam Projetos Sociais Google Earth Outreach CONAQ USAID DO POVO DOS ESTADOS UNIDOS
REALIZAÇÃO TÉCNICA IPAD INSTITUTO BRASILEIRO DE PESQUISA E ANÁLISE DE DADOS

HOMENS QUE AJUDAM NA CASA - REGIONAIS



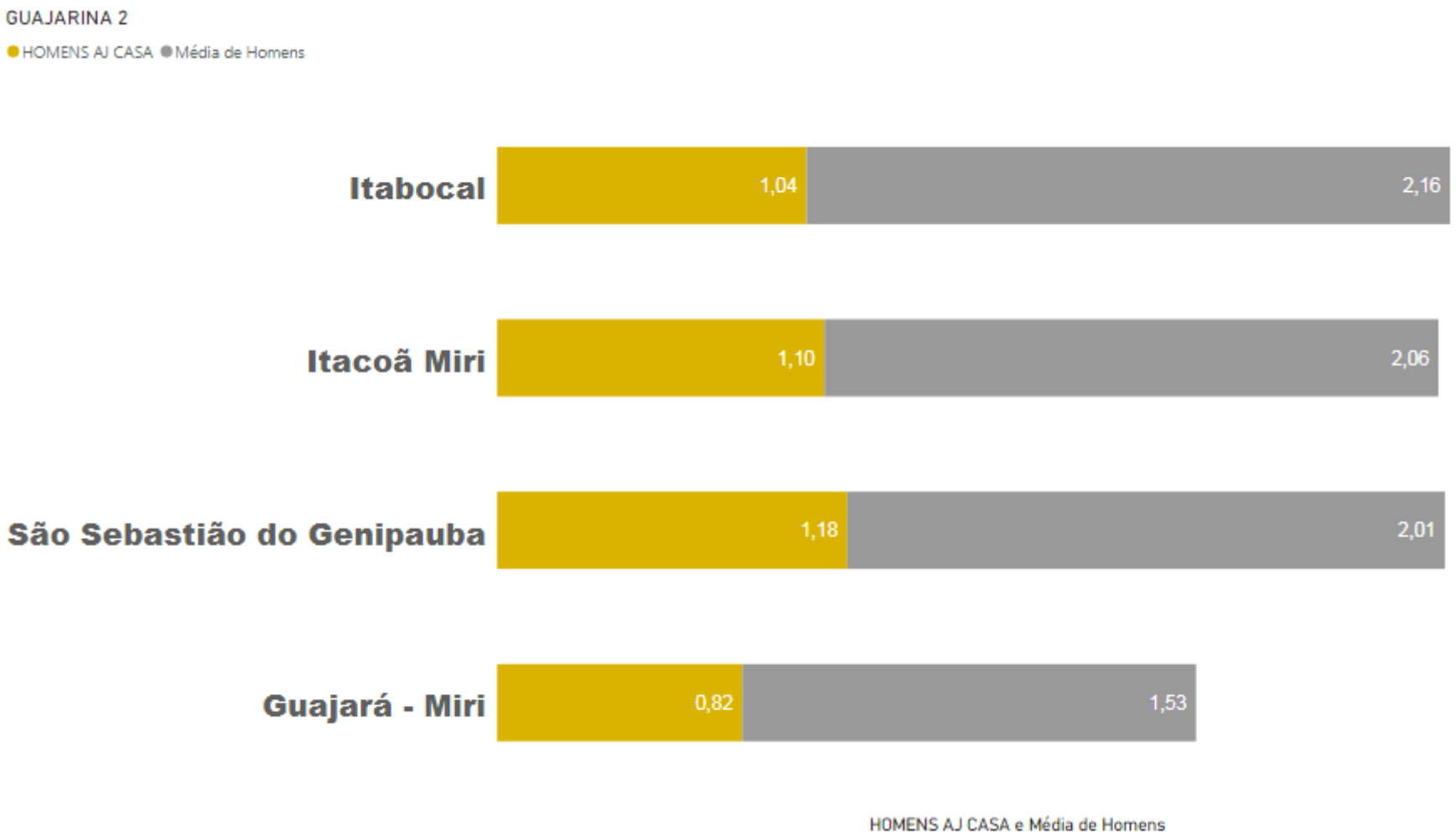
HOMENS QUE AJUDAM NA CASA – REGIONAL GUAJARINA I

COMPARTILHANDO MUNDOS

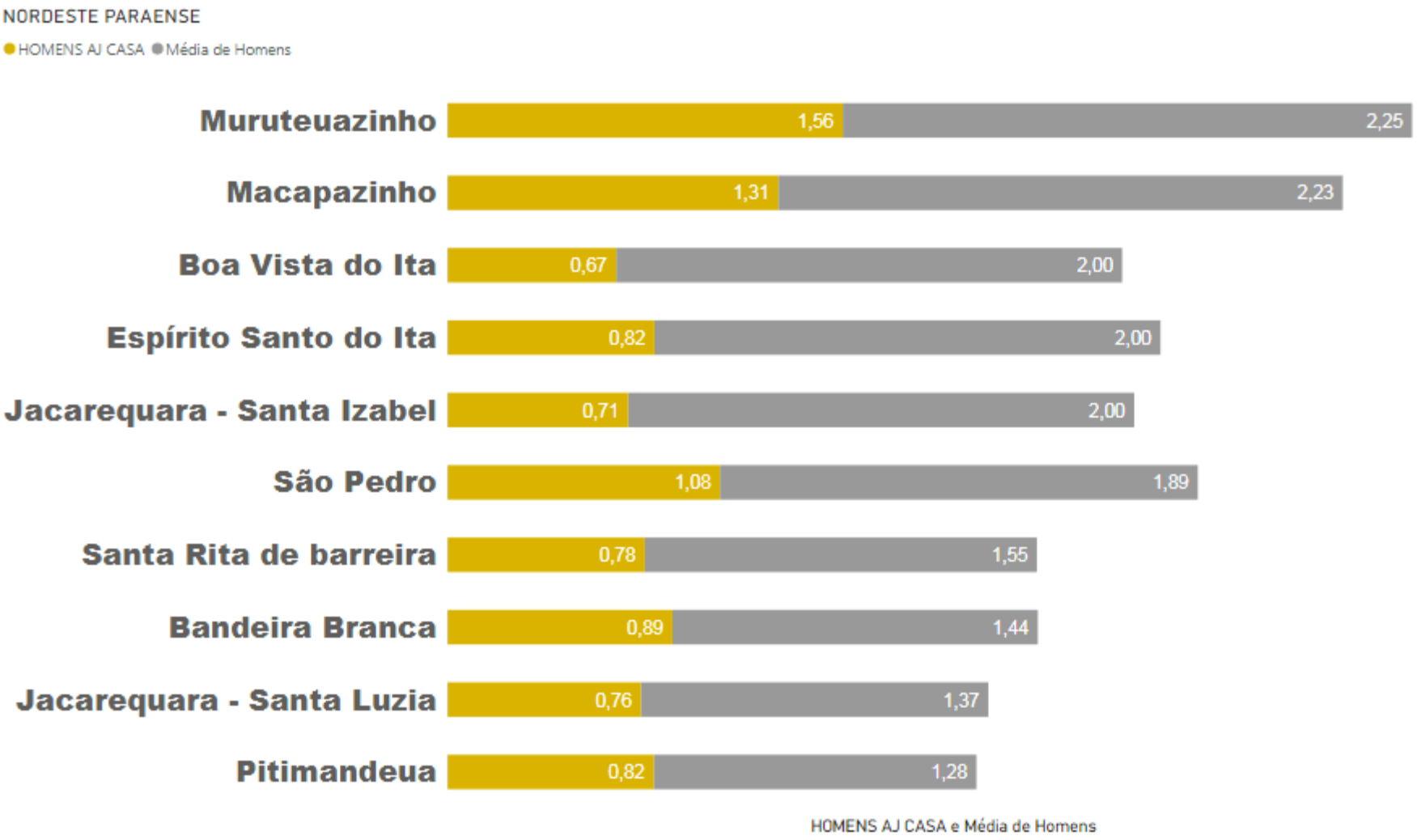


HOMENS QUE AJUDAM NA CASA – REGIONAL GUAJARINA II

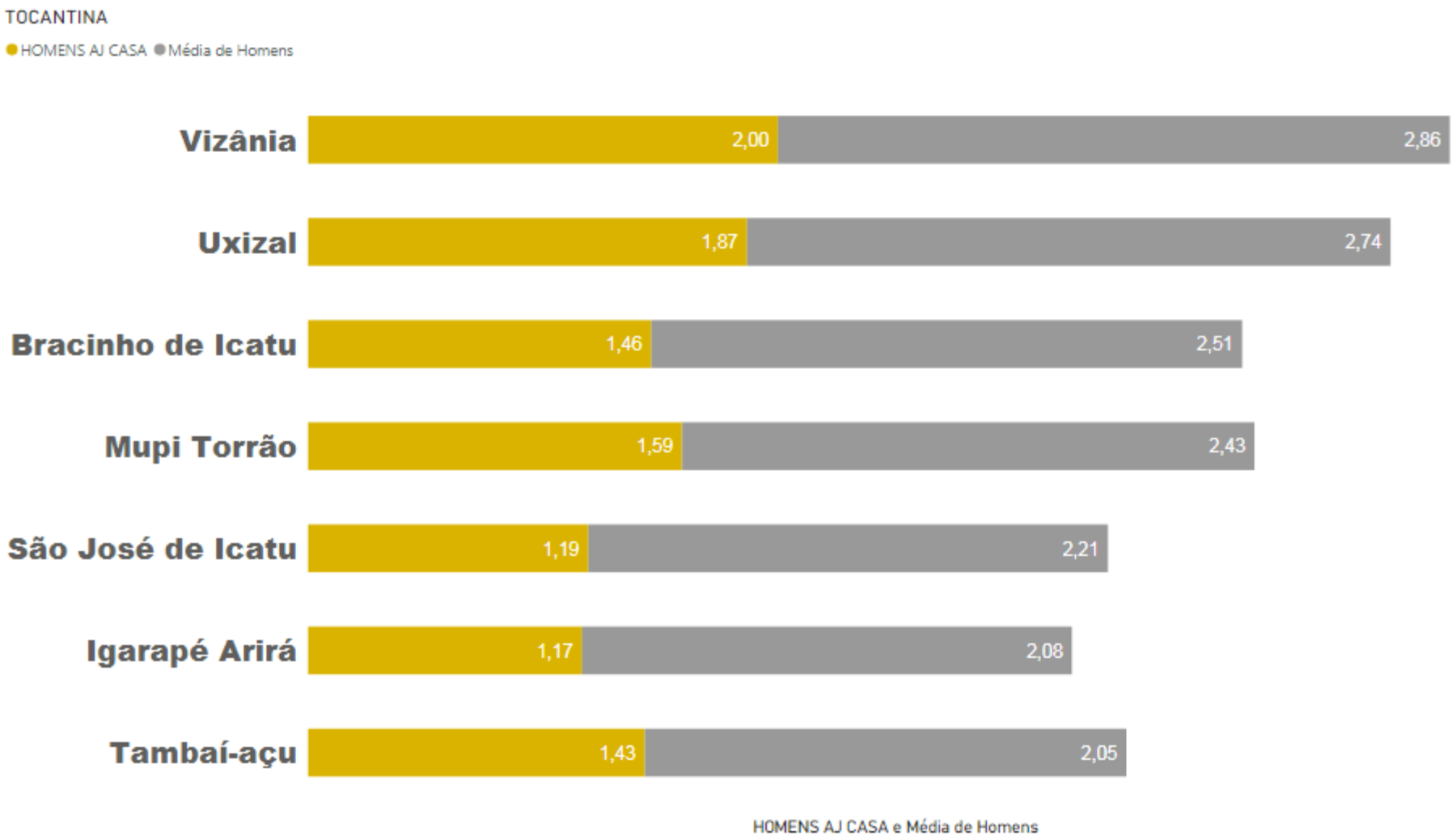
COMPARTILHANDO MUNDOS



HOMENS QUE AJUDAM NA CASA – REGIONAL NORDESTE PARAENSE



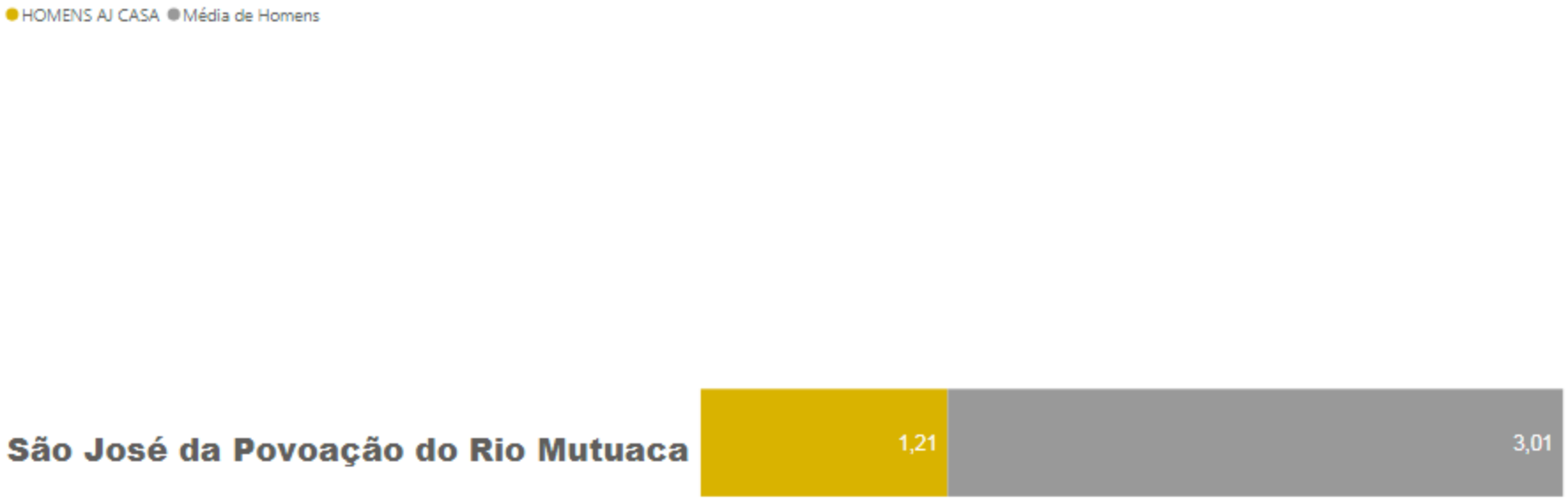
HOMENS QUE AJUDAM NA CASA – REGIONAL TOCANTINA



HOMENS QUE AJUDAM NA CASA – REGIONAL MARAJÓ

COMPARTILHANDO MUNDOS

MARAJÓ



HOMENS AJ CASA e Média de Homens

Foto por: Nathalia Purificação

NOSSOS DIREITOS E CIDADANIA

REALIZAÇÃO

Projetos Sociais Ecam

Google Earth Outreach

CONAQ

USAID DO POVO DOS ESTADOS UNIDOS

REALIZAÇÃO TÉCNICA

IPEAD INSTITUTO BRASILEIRO DE PESQUISA E ANÁLISE DE DADOS

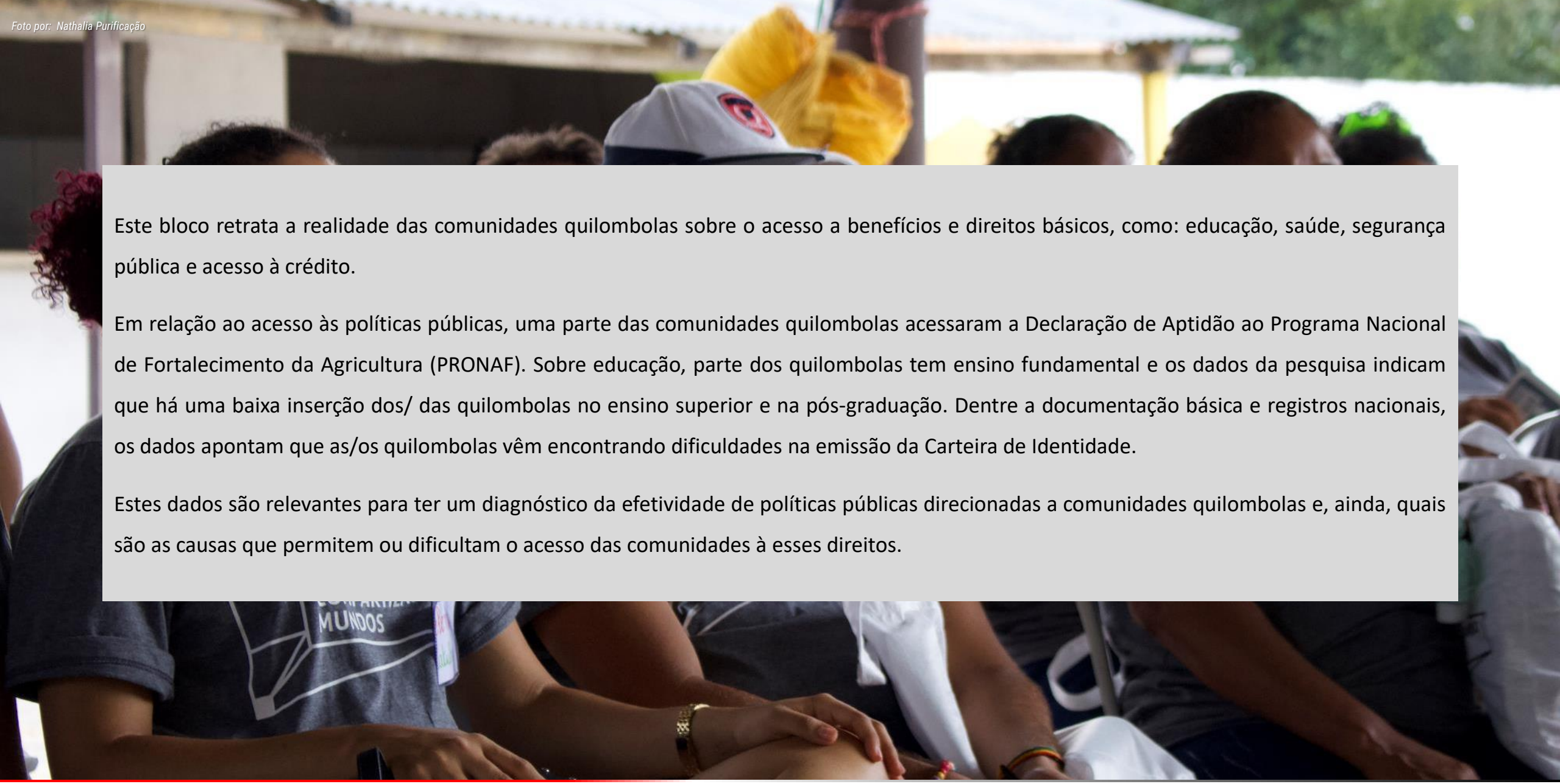


Foto por: Nathalia Purificação

Este bloco retrata a realidade das comunidades quilombolas sobre o acesso a benefícios e direitos básicos, como: educação, saúde, segurança pública e acesso à crédito.

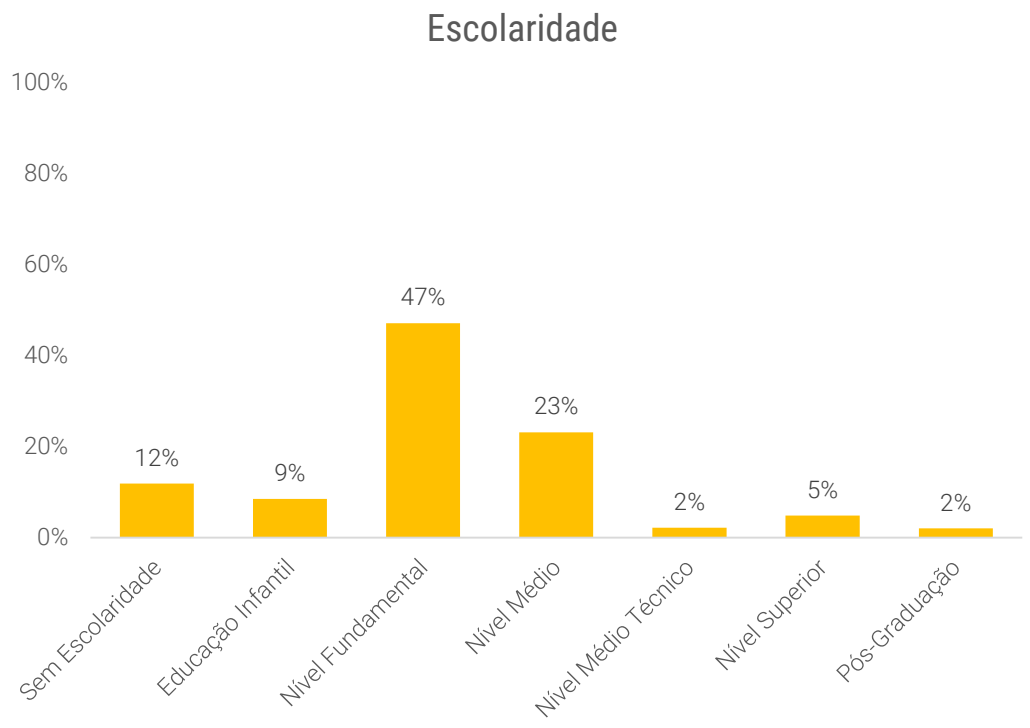
Em relação ao acesso às políticas públicas, uma parte das comunidades quilombolas acessaram a Declaração de Aptidão ao Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura (PRONAF). Sobre educação, parte dos quilombolas tem ensino fundamental e os dados da pesquisa indicam que há uma baixa inserção dos/ das quilombolas no ensino superior e na pós-graduação. Dentre a documentação básica e registros nacionais, os dados apontam que as/os quilombolas vêm encontrando dificuldades na emissão da Carteira de Identidade.

Estes dados são relevantes para ter um diagnóstico da efetividade de políticas públicas direcionadas a comunidades quilombolas e, ainda, quais são as causas que permitem ou dificultam o acesso das comunidades à esses direitos.

REALIZAÇÃO Ecam Projetos Sociais Google Earth Outreach CONAQ USAID DO POVO DOS ESTADOS UNIDOS

REALIZAÇÃO TÉCNICA IPEAD INSTITUTO BRASILEIRO DE PESQUISA E ANÁLISE DE DADOS

ESCOLARIDADE



*Dentre os 5.034 indivíduos entrevistados, 139 não responderam a pergunta.

** Pós-Graduação reúne categorias de, 'Pós-graduação', 'Mestrado' e 'Doutorado'

As porcentagens fazem referência a 5.034 indivíduos entrevistados

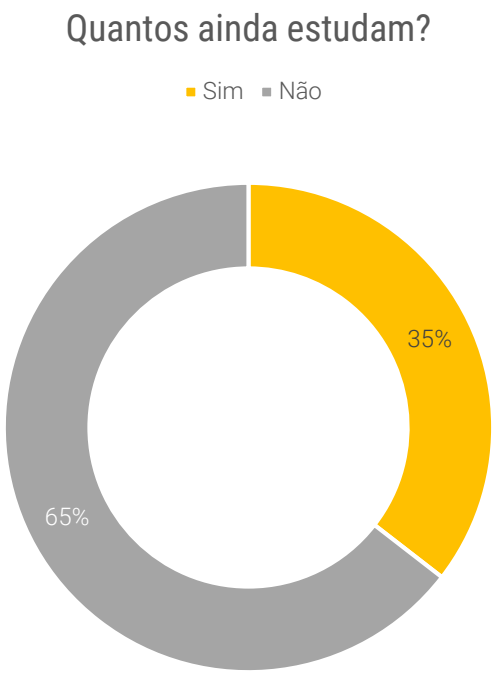
A maior parte das pessoas possui escolaridade até o Ensino Fundamental. Os/as quilombolas relataram que para dar sequência aos estudos precisam sair de suas comunidades. E, muitas vezes, os estudantes enfrentam percursos exaustivos e acabam desistindo dos estudos. Também foi feito um debate sobre as dificuldades estruturais enfrentadas pelos quilombolas, onde muitas vezes, as escolas não são atrativas e não dialogam com a realidade das comunidades.

Em relação ao Ensino Superior, também relataram dificuldades no acesso à universidade, onde o número de vagas para cotistas é insuficiente para atender a demanda quilombola no Estado. Reforçaram, também, sobre as barreiras impostas para os que saem da comunidade e precisam se manter nas cidades com o alto custo de vida. Apontaram que as universidades não foram criadas para atendê-los, mas sim para atender às elites, e destacaram que aqueles que conseguem acessar o ensino superior, o fazem por meio de muita luta.

Sobre as escolas das comunidades, há uma diferença entre escola no quilombo (que é apenas cadastrada como escola quilombola, mas não segue as diretrizes da educação quilombola) e a escola quilombola (que é escola construída a partir de diretrizes específicas que dialogam com a realidade quilombola).

Também foram feitas críticas em relação aos professores que são de fora da comunidade e lecionam nas escolas quilombolas. Mas, em algumas comunidades esse desafio foi superado, citaram o caso das comunidades quilombolas de Abaetetuba, onde grande parte dos professores são das comunidades.

ESCOLARIDADE



Por todas as dificuldades relatadas na pergunta anterior, os participantes disseram que este dado de pessoas na casa que ainda estudam é condizente com a realidade das famílias. Geralmente as crianças e os mais jovens estudam e frequentam as escolas nas comunidades quilombolas até a modalidade oferecida.

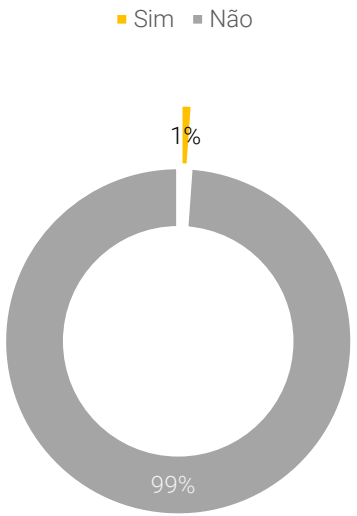
As porcentagens fazem referência a 5.034 indivíduos entrevistados

EDUCAÇÃO SUPERIOR

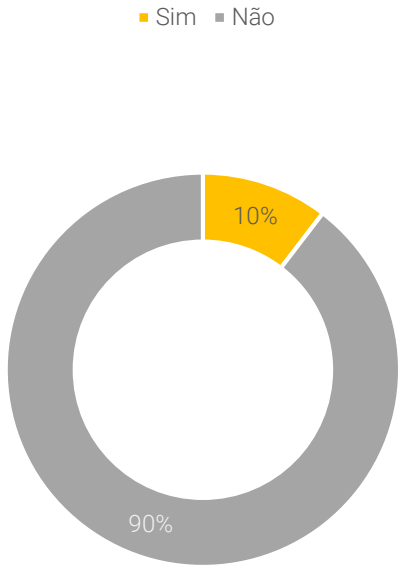
COMPARTILHANDO MUNDOS

De acordo com a pesquisa, o Pronatec não chegou nas comunidades quilombolas. Em relação as respostas sobre as Instituições Públicas Federais e sobre o recebimento de bolsa permanência, eles disseram que os dados são condizentes com a realidade. E, mais uma vez, enfatizaram os entraves institucionais e burocráticos para acessarem o auxílio.

Algum membro da família é atendido pelo Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego - Pronatec

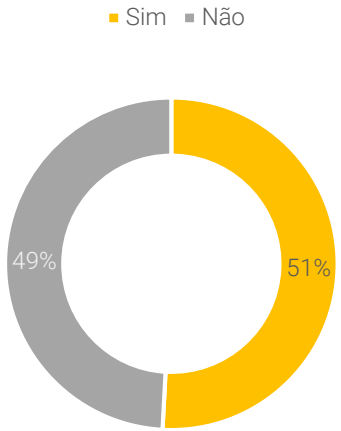


Existe pessoas cursando Graduação em Instituições Públicas Federais?



* Dentre as 1.261 residências entrevistadas, 127 não responderam a pergunta.

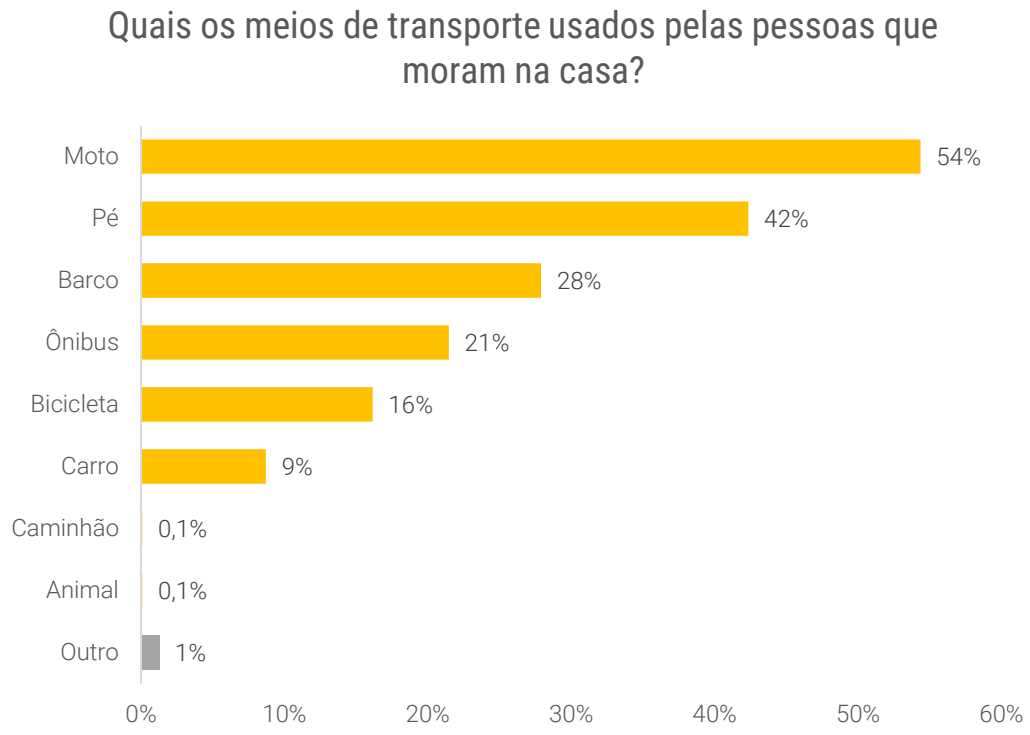
Algum membro da família (que esteja cursando Graduação em Instituições Públicas Federais) recebe a Bolsa Permanência para auxiliar nas despesas?



*118 residências responderam a pergunta.

As porcentagens fazem referência a 1.261 residências entrevistadas

MEIOS DE TRANSPORTE



*Questão de múltipla escolha. Os respondentes poderiam indicar mais de uma opção portanto a soma das porcentagens presentes no gráfico não é 100%

Os meios de transporte utilizados diferem de acordo com a localização das comunidades. É comum que os/as quilombolas necessitem de mais de um transporte para acessar a comunidade, como ônibus e barco ou ônibus e moto, por exemplo.

Nas regionais Guajarina I, Guajarina II, Nordeste Paraense e Tocantina, moto a apareceu como o meio de transporte mais utilizado pelos quilombolas.

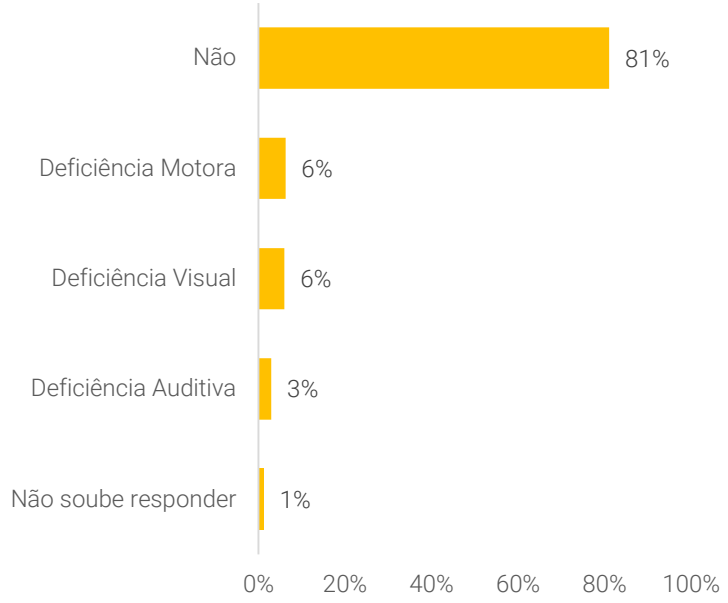
Já na regional Marajó, onde o levantamento foi realizado em uma comunidade quilombola ribeirinha, o principal meio de transporte foi barco.

As porcentagens fazem referência a 1.261 residências entrevistadas

PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

COMPARTILHANDO MUNDOS

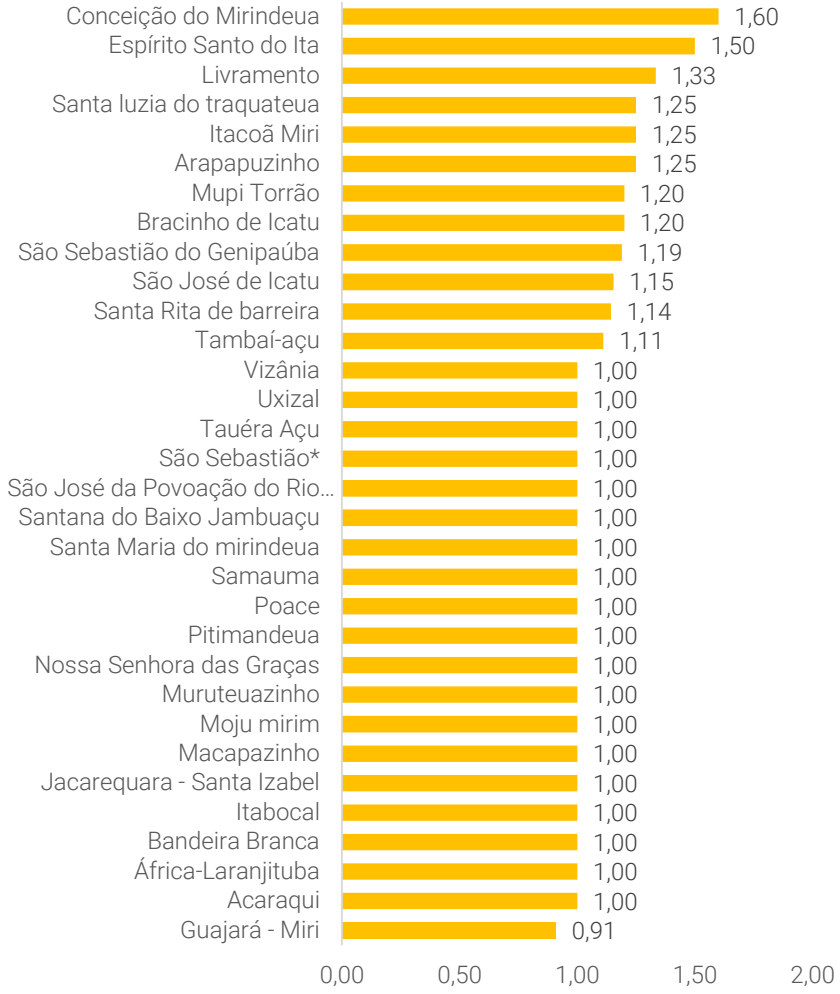
Possui na casa alguma pessoa com deficiência?



*Questão de múltipla escolha. Os respondentes poderiam indicar mais de uma opção portanto a soma das porcentagens presentes no gráfico não é 100%
**As comunidades Alto Itacuruça, Boa Vista do Ita, Cupuaçu e Igarapé Arirá não contabilizaram respostas.

As porcentagens fazem referência a 1.261 residências entrevistadas

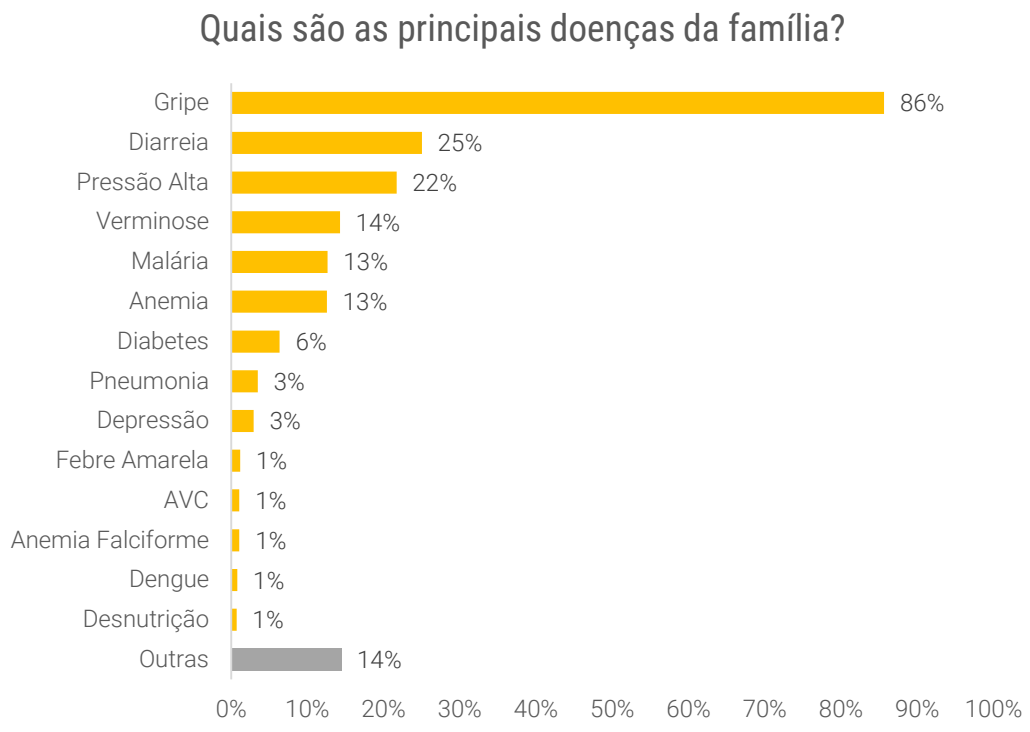
Quantidade de pessoas na casa com deficiência



Os participantes da oficina relataram que, ainda que houvesse resistência dos entrevistados sobre o tema da presença de pessoas com deficiência na família, os dados são condizentes com a realidade, pois o número de pessoas com deficiência nas comunidades é baixo.

Deficiências motora e visual são as mais comuns.

SAÚDE NA COMUNIDADE



* Dentre as 1.261 residências entrevistadas, 146 não responderam a pergunta.
**Questão de múltipla escolha. Os respondentes poderiam indicar mais de uma opção portanto a soma das porcentagens presentes no gráfico não é 100%

As porcentagens fazem referência a 1.261 residências entrevistadas

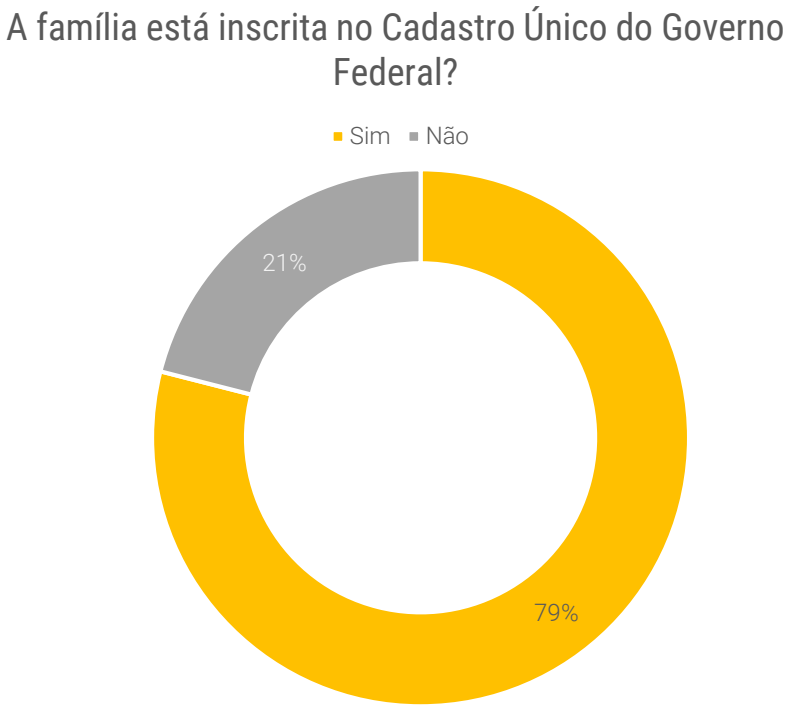
Sobre os dados de saúde, os participantes alertaram para o fato de que a pergunta foi feita para que as pessoas identificassem as principais doenças do último ano e por isso doenças crônicas apareceram em menor número do que de fato ocorrem.

Eles/elas relataram que gripe e diarreia são tratadas na maioria das vezes com remédios caseiros e que não buscam atendimento médico hospitalar para estas enfermidades.

As lideranças fizeram críticas sobre o atendimento nas unidades de saúde, ressaltando que muitas vezes os/as quilombolas não recebem o tratamento adequado.

Em comunidades onde não há saneamento e o esgoto corre a céu aberto, como na comunidade São José da Povoação do Rio Mutuaca (regional Marajó), a maior incidência das doenças é diarreia e febre.

CADASTRO ÚNICO



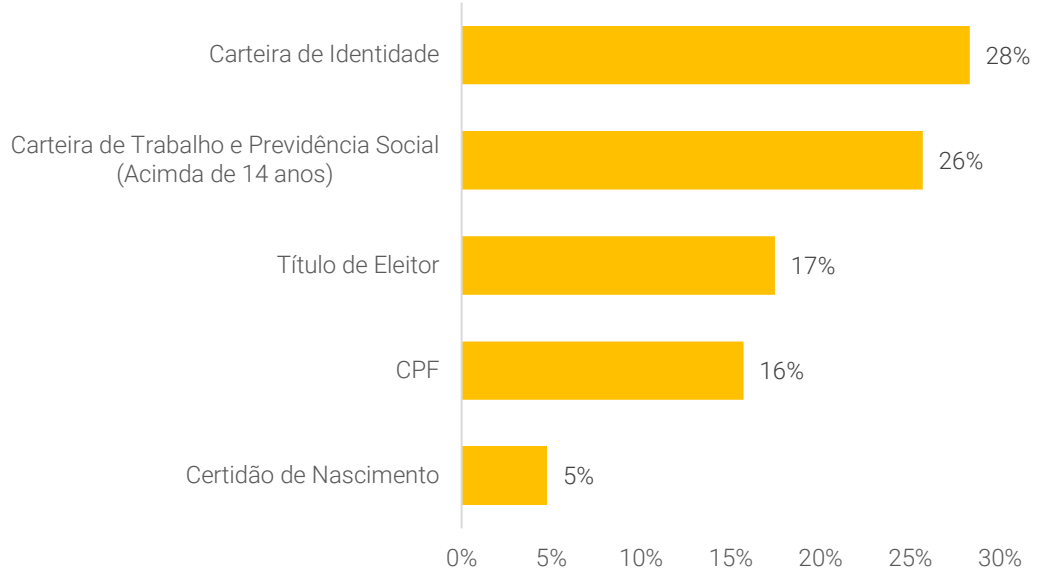
De acordo com o levantamento dos dados e com a realidade das comunidades quilombolas da pesquisa, a maioria das famílias está inscrita no Cadastro Único.

* Dentre as 1.261 residências entrevistadas, 86 não responderam a pergunta.

As porcentagens fazem referência a 1.261 residências entrevistadas

DOCUMENTAÇÃO

Com relação a Documentação Básica e Registro Civil (Mobilização Nacional 22 - Multirão), existem pessoas da família que **ainda não possua** (1ª via)?



* Dentre as 1.261 residências entrevistadas, 721 não responderam a pergunta.
**Questão de múltipla escolha. Os respondentes poderiam indicar mais de uma opção portanto a soma das porcentagens presentes no gráfico não é 100%

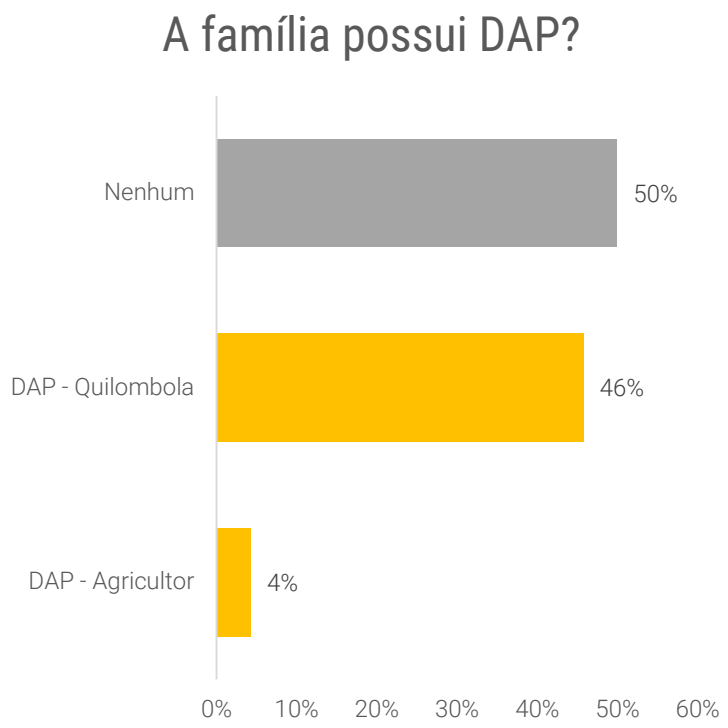
As porcentagens fazem referência a 1.261 residências entrevistadas

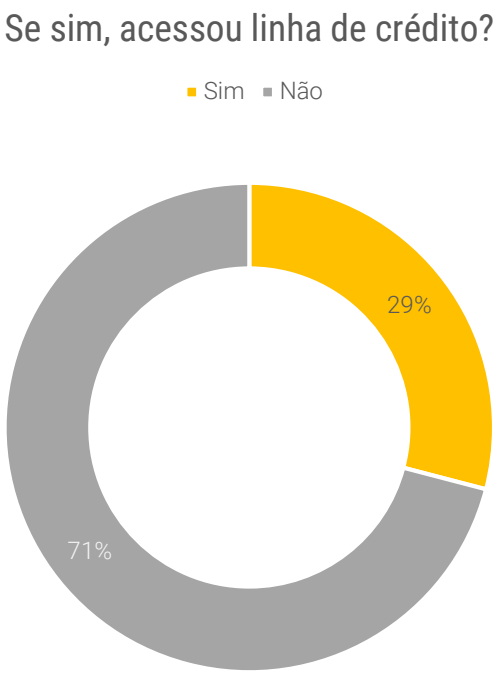
Os/as quilombolas relataram enfrentar dificuldades burocráticas para emitir documentos por falta de estrutura adequada das instituições responsáveis pelas emissões.

Os fatores que explicam a ausência da primeira via da carteira de identidade em 28% das residências entrevistadas são: só emitem a documentação quando é realmente necessário e que a população é muito jovem e por isso ainda não possuem a carteira de identidade. Importante ressaltar que nessa pergunta houveram 721 casos vazios, ou seja, que não responderam a pergunta.

Os/as quilombolas também afirmaram que quando os órgãos governamentais se organizam para ir as comunidades emitir os documentos é mais eficiente, pois existe a dificuldade de transporte para os quilombolas irem até os órgãos para solicitar os documentos.

CRÉDITO





*578 residências responderam a pergunta.

* Dentre as 1.261 residências entrevistadas, 116 não responderam a pergunta.

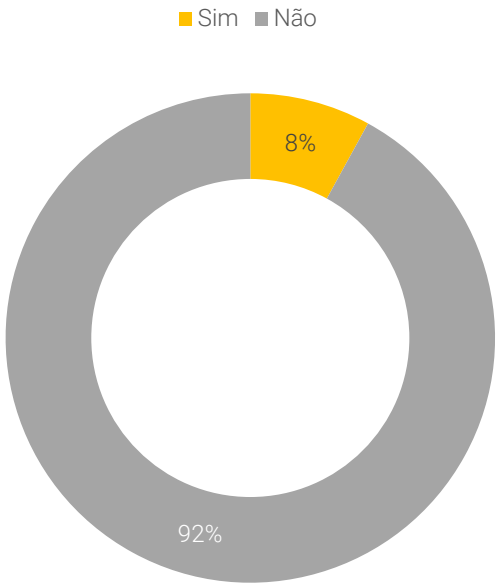
Entre os que possuem DAP, poucos acessam o crédito. A burocracia foi indicada pelos quilombolas como algo que impacta no acesso à declaração e obtenção de crédito. Também foi relatado que a demora na regularização dos territórios reflete no alcance da DAP Quilombola.

O número de pessoas com DAP Quilombola no estado do Pará é alto comparado aos outros Estados da pesquisa. Isso porque existem territórios em fases mais avançadas em relação à titulação e também pela presença do movimento quilombola organizado no Estado, que tem conhecimento sobre as políticas e as formas de acesso.

As porcentagens fazem referência a 1.261 residências entrevistadas

ATER

A família já recebeu assistência técnica continuada, chamada Assistência Técnica e Extensão Rural - ATER?



O número de famílias que já receberam assistência técnica continuada foi de apenas 8%. A Assistência Técnica está presente em casos isolados.

Uma das justificativas para o dado ter aparecido dessa forma é que os/as quilombolas nem sempre reconhecem uma ação de ATER como tal por falta de repasse das informações das instituições responsáveis pela política.

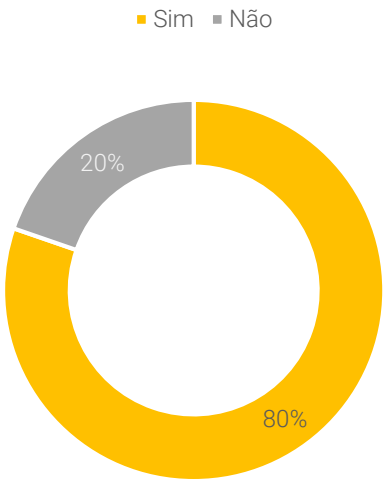
* Dentre as 1.261 residências entrevistadas, 147 não responderam a pergunta.

As porcentagens fazem referência a 1.261 residências entrevistadas

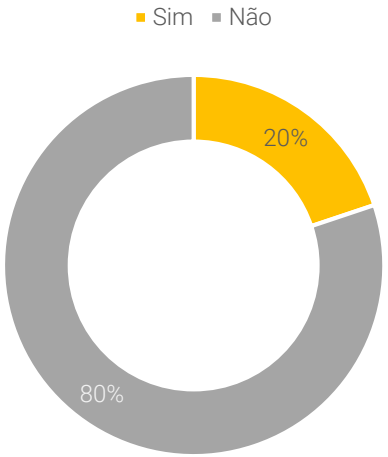
ORGANIZAÇÃO DA COMUNIDADE

COMPARTILHANDO MUNDOS

Algum membro da família é membro da associação?



Algum membro da família exerce função de liderança na comunidade?



Como mostrado nos dados, há uma forte presença das famílias nas associações quilombolas.

E a proporção de pessoas que exercem função de liderança também condiz com a realidade das comunidades da pesquisa.

As porcentagens fazem referência a 1.261 residências entrevistadas

Foto por: Ana Carolina Fernandes

REALIZAÇÃO
Projetos Sociais Ecam
Google Earth Outreach
CONAQ
USAID DO POVO DOS ESTADOS UNIDOS
REALIZAÇÃO TÉCNICA
IPeD INSTITUTO BRASILEIRO DE PESQUISA E ANÁLISE DE DADOS